



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Contributo para o estudo das cerâmicas comuns do
Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)

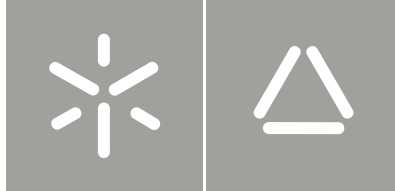
Lília Alexandra Costa Freitas

Contributo para o estudo das cerâmicas
comuns do Mosteiro de Santa Marinha
da Costa (Guimarães)

Lília Alexandra Costa Freitas

UMinho | 2013

Abril de 2013



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Lília Alexandra Costa Freitas

**Contributo para o estudo das cerâmicas comuns
do Mosteiro de Santa Marinha da Costa
(Guimarães)**

Dissertação de Mestrado
2º Ciclo em Arqueologia

Trabalho efectuado sob a orientação do
Professor Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

E co-orientação do
Doutor Manuel Luís Campos de Sousa Real

Declaração

Nome: Lília Alexandra Costa Freitas

Endereço eletrónico: liliafreitas87@gmail.com

Telefone: 918443381

Número do Bilhete de Identidade: 13431667

Título da dissertação: Contributo para o estudo das cerâmicas comuns do Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)

Orientadores:

Professor Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais

Doutor Manuel Luís Campos de Sousa Real

Ano de conclusão: 2013

Ramo do Conhecimento do Mestrado:

Arqueologia

DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura:_____

Agradecimentos

Começo este estudo expressando o meu reconhecimento e gratidão a todas as pessoas e instituições que colaboraram e tornaram possível esta dissertação.

Ao Professor Doutor Rui Morais, meu orientador, que em mim soube despertar o interesse pelo estudo das cerâmicas e, desde logo, se disponibilizou a orientar este trabalho. Agradeço a confiança que em mim depositou, o constante incentivo e os seus ensinamentos como professor e orientador.

Ao Dr. Manuel Luís Real, também ele meu orientador, agradeço a sua preocupação, disponibilidade, incentivo e interesse contagiante.

Ao José Ribeiro, um agradecimento especial, pois sem ele este trabalho nunca teria sido possível, pela sua colaboração, disponibilidade, apoio, preocupação e amizade.

Também ao Professor Doutor Luís Fontes é devida uma palavra de reconhecimento pela disponibilidade que demonstrou em ajudar e partilhar informação.

À Dra. Isabel Silva, diretora do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa, o acolhimento e todas as facilidades que me concedeu.

À Clara Lobo que desde o primeiro momento me acompanhou, pelo seu carinho, disponibilidade, eficiência e simpatia.

À Amélia Marques, pelos seus ensinamentos, paciência e carinho.

Ao Manuel Santos, pelo seu profissionalismo, atenção e simpatia.

À Felismina Vilas Boas, pela sua disponibilidade e informação disponibilizada.

Aos restantes funcionários do museu, agradeço o carinho e a simpatia com que sempre me receberam.

Ao Mário Dinis pelo apoio, incentivo, paciência e companheirismo.

Ao Márcio Lourenço pela preocupação e ajuda imprescindível.

À Cristina Freitas e ao Rui Quinta, pela paciência e ajuda indispensável.

À Dra. Isabel Fernandes, pela disponibilidade que demonstrou em ajudar e partilhar informação.

Por fim, desejo expressar o meu sincero agradecimento aos meus pais e aos meus amigos, cujo apoio foi imprescindível para a concretização deste projeto.

Resumo

Pretende-se apresentar uma análise e síntese das cerâmicas comuns, datáveis da alta Idade Média ao século XX, provenientes do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, Guimarães. Para o efeito, este trabalho é complementado por um catálogo, do qual consta a descrição, tipologia e uma proposta de datação do espólio cerâmico. O referido espólio foi recolhido durante os trabalhos de conversão do local em pousada, decorridos entre 1979 e os primeiros anos da década de 80, e realizados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, com o apoio da DGEMN, da Câmara Municipal de Guimarães e da Secretaria de Estado da Cultura.

O local terá tido uma ténue ocupação tardo-romana que se prolongou pelo período suevo, dando possivelmente origem à paróquia *Carantonis*. Detetou-se o alicerce da construção de um templo datado do século VI-VII, que foi sucessivamente reconstruído e ampliado. Apareceram ainda importantes vestígios arquitetónicos do século IX e X.

No século XII o local foi reconvertido em mosteiro pertencente aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, do qual foram identificados trechos românicos na igreja e no claustro. Em 1528 o mosteiro transita para a posse dos Jerónimos e assim se mantém até 1834. Com a extinção das Ordens Religiosas, o imóvel transita para a posse de particulares.

Finalmente, em 1972, o edifício é adquirido pelo Estado e convertido na atual Pousada de Santa Marinha.

Abstract

The aim of this study is to perform an analysis and summary of common ceramics datable of the early middle age to the 20th century originated from the Mosteiro de Santa Marinha da Costa, Guimarães. For this purpose, this study is complemented by a catalogue, which contains a description, typology and a proposal dating of the ceramics.

This estate was collected during the conversion of the building to an hotel, that occurred between 1979 and the first years of the 80s decade, and performed by the Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, with the support from DGEMN, Câmara Municipal de Guimarães and Secretaria de Estado da Cultura.

The place probably had a brief late roman occupation that continued through the suevi period, possibly originating the *Carantonis* parish. A foundation construction of a church of 6th-7th century was detected, and it was successively rebuilt and expanded. Important architectural remains from the 9th and 10th century were also found.

In the 12th century, the place was reconverted into a monastery, belonging to the Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, from which Romanesque remains in the church and cloister were identified.

In 1528, the monastery was transferred to the Jerónimos and it remained in their possession until 1834. With the extinction of the religious orders, it was transferred to private ownership. Finally, in 1972, the building was bought by the State and was converted into the actual Pousada de Santa Marinha.

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vi
Índice	vii
Lista de figuras	xi
Lista de tabelas.....	xii
Lista de quadros	xiii
Lista de gráficos.....	xiv
Lista de apêndices	xv
Abreviaturas	xvi
Introdução	3
Parte I Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)	7
1.1. Enquadramento geográfico e historiográfico.....	7
1.2. Dados arqueológicos.....	12
Parte II – Apresentação e contextualização crono-estratigráfica das cerâmicas comuns.....	19
2.1. Estado da arte	19
2.2. Objetivos.....	21
2.3. Metodologia de análise e critérios de apresentação.....	22
2.3.1. Interpretação dos dados da escavação	22
2.3.2. Estudo das cerâmicas	24
2.4. A crono-estratigrafia	28
Parte III – As cerâmicas comuns medievais, modernas e contemporâneas	63
3.1. Cerâmicas medievais	63
3.1.1. Fabricos.....	63
3.1.2. Análise Morfológica	69
3.1.2.1. Painelas	71
3.1.2.2. Jarros.....	71
3.1.2.3. Alguidares	72
3.1.2.4. Potes	73

3.1.2.5	Fragmentos decorados de forma indeterminada	74
3.2	Cerâmicas modernas	75
3.2.1	Fabricos	75
3.2.2	Análise Morfológica	77
3.2.2.1	Panelas	79
3.2.2.2	Púcaros	79
3.2.2.3	Tigelas	80
3.2.2.4	Alguidares	80
3.2.2.5	Pratéis	81
3.2.2.6	Pratos	81
3.2.2.7	Testos	81
3.2.2.8	Jarros	81
3.2.2.9	Vasos	82
3.2.2.10	Fragmentos decorados de forma indeterminada	82
3.3	Cerâmicas modernas/contemporâneas	83
3.3.1	Fabricos	83
3.3.2	Análise morfológica	85
3.3.2.1	Panelas	87
3.3.2.2	Alguidares	87
3.3.2.3	Fogareiros	87
3.3.2.4	Tigelas	88
3.3.2.5	Sertãs	88
3.3.2.6	Jarros	88
3.3.2.7	Caçoilas	88
3.3.2.8	Vasos	89
3.3.2.9	Potes	89
3.3.2.10	Testos	90
3.3.2.11	Fragmentos decorados de forma indeterminada	90
3.4	Cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas	91
3.4.1	Fabricos	91
3.4.2	Análise morfológica	92
3.4.2.1	Caçoilas	94

3.4.2.2	Alguidares	94
3.4.2.3	Pratos	95
3.4.2.4	Tigelas	95
3.4.2.5	Talhas	95
3.4.2.6	Bilhas.....	96
3.4.2.7	Malgas	96
3.4.2.8	Potinhos.....	96
3.4.2.9	Púcaros.....	97
3.4.2.10	Botijas.....	97
Considerações finais		101
Bibliografia		107
Apêndices		

Lista de figuras

Figura 1 - Localização do Mosteiro de Santa Marinha da Costa	7
Figura 2 - Imagem aérea da atual Pousada de Santa Marinha	7
Figura 3 - Papa Clemente VII	9
Figura 4 - José Pinto Basto (1ª proprietário privado)	11
Figura 5 - Planta do mosteiro (antes das obras de restauro)	13
Figura 6 - Canalização da sondagem CC83K	58
Figura 7 - Jarro/pichel (perfil completo)	72
Figura 8 - Jarro/pichel	72
Figura 9 - Alguidar de fundo em disco (Mosteiro de Sta. Marinha da Costa)	73
Figura10 - Alguidar de fundo em disco (R. Nª Sª do Leite)	73
Figura 11 - Fragmentos decorados com cordões plásticos	74
Figura 12 - Fragmentos decorados com linhas incisas	74
Figura 13 - Fragmento de bilha decorado	96
Figura 14 - Botija em grés (Braga)	97

Lista de tabelas

Tabela 1 - Análise sinóptica da sondagem KCL 8,9 – D,E	29
Tabela 2 - Análise sinóptica da sondagem KCL 8,9 – L,M	31
Tabela 3 - Análise sinóptica da sondagem KCL 8,9 – G,H	33
Tabela 4 - Análise sinóptica da sondagem KCL 11,12 – L,M	36
Tabela 5 - Análise sinóptica da sondagem CCN	39
Tabela 6 - Análise sinóptica da sondagem CCP	42
Tabela 7 - Análise sinóptica da sondagem CCT	45
Tabela 8 - Análise sinóptica da sondagem CCS	48
Tabela 9 - Análise sinóptica da sondagem CC83G	51
Tabela 10 - Análise sinóptica da sondagem CC83K	54
Tabela 11 - Análise morfológica das cerâmicas medievais por fabrico	70
Tabela 12 - Análise morfológica das cerâmicas modernas por fabrico	78
Tabela 13 - Análise morfológica das cerâmicas modernas/contemporâneas por fabrico	86
Tabela 14 - Análise morfológica das cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas por grupo	93

Lista de quadros

Quadro 1 - Espólio cerâmico da UE [61]	30
Quadro 2 - Espólio cerâmico da UE [68]	32
Quadro 3 - Espólio cerâmico da UE [57]	34
Quadro 4 - Espólio cerâmico da UE [55]	35
Quadro 5 - Espólio cerâmico da UE [56]	35
Quadro 6 - Espólio cerâmico da UE [31]	41
Quadro 7 - Espólio cerâmico da UE [33]	41
Quadro 8 - Espólio cerâmico da UE [25]	44
Quadro 9 - Espólio cerâmico da UE [40]	47
Quadro 10 - Espólio cerâmico da UE [46]	50
Quadro 11 - Espólio cerâmico da UE [50]	53
Quadro 12 - Espólio cerâmico da UE [31]	53
Quadro 13 - Espólio cerâmico da UE [3]	58
Quadro 14 - Espólio cerâmico da UE [13]	59
Quadro 15 - Espólio cerâmico da UE [5]	59
Quadro 16 - Espólio cerâmico da UE [14]	59

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Percentagem dos fabricos medievais A	63
Gráfico 2 - Percentagem dos fabricos medievais	65
Gráfico 3 - Percentagem por tipos das cerâmicas medievais	69
Gráfico 4 - Percentagem dos fabricos modernos	75
Gráfico 5 - Percentagem por tipos das cerâmicas modernas	77
Gráfico 6 - Percentagem dos fabricos modernos/contemporâneos	83
Gráfico 7 - Percentagem por tipos das cerâmicas modernas/contemporâneas	85
Gráfico 8 - Percentagem dos grupos de cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas	91
Gráfico 9 - Percentagem por tipos das cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas	92
Gráfico 10 - Percentagem geral dos grupos de cerâmica	103

Lista de apêndices

Apêndice I	Dados de campo
Apêndice 1.1	Planta geral do mosteiro e malha do claustro
Apêndice 1.2	Corte estratigráfico da sondagem KCL 8,9 – D,E
Apêndice 1.3	Corte estratigráfico da sondagem KCL 8,9 – L,M
Apêndice 1.4	Corte estratigráfico da sondagem KCL 8,9 – G,H
Apêndice 1.5	Corte estratigráfico da sondagem KCL 11,12 – L,M
Apêndice 1.6	Corte estratigráfico da sondagem CCN
Apêndice 1.7	Corte estratigráfico da sondagem CCP
Apêndice 1.8	Corte estratigráfico da sondagem CCT
Apêndice 1.9	Corte estratigráfico da sondagem CCS
Apêndice 1.10	Corte estratigráfico da sondagem CC83G
Apêndice 1.11	Corte estratigráfico da sondagem CC83K
Apêndice II	Catálogo das cerâmicas

Abreviaturas

A	Asa
B	Bordo
CAB	Campo Arqueológico de Braga
cm	Centímetro
C.M.P.	Carta militar de Portugal
DGEMN	Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
F	Fundo
FD	Fragmento decorado
Fig.	Figura
m	Metro
MDDS	Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa
Nº	Número
PC	Perfil completo
Séc.	Século
TF	Total de fragmentos
UAUM	Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho
UE	Unidade estratigráfica

Introdução

Introdução

O presente trabalho, realizado com vista à obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia pela Universidade do Minho, centrou-se no estudo de um conjunto cerâmico proveniente do Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães) e que abarca cronologias enquadráveis da alta Idade Média ao século XX.

O trabalho estrutura-se em três partes essenciais:

Na Parte I, intitulada de “O Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)” pretendemos enquadrar as cerâmicas no contexto geográfico e histórico, bem como expor os principais dados que resultaram da escavação arqueológica do edifício nas décadas de 70 e 80 do século passado, no âmbito das obras de conversão do monumento em pousada.

Na parte II, “Apresentação e contextualização crono-estratigráfica das cerâmicas comuns”, começámos por fazer uma breve referência ao historial das investigações das cerâmicas afins em Portugal, no ponto em que designámos por “Estado da arte”. De seguida procurámos expor os objetivos que nos propomos atingir, seguindo-se uma especificação da metodologia adotada com vista ao cumprimento dos mesmos.

Ainda no mesmo capítulo, abordámos a questão relativa à crono-estratigrafia do local onde fazemos uma análise de algumas das sondagens que foi possível integrar neste estudo. Esta análise contempla a conversão do sistema de complexos em unidades estratigráficas e a interpretação desses mesmos dados. Esta informação é frequentemente complementada com os desenhos dos cortes estratigráficos e diagrama de Harris (apresentados em Apêndice I) e de tabelas de síntese.

Feitos os devidos enquadramentos, centrámo-nos no estudo do conjunto cerâmico. Esta etapa corresponde à Parte III, intitulada de “Cerâmicas comuns medievais, modernas e contemporâneas”. Nesta parte consta a análise tecnológica, morfológica e decorativa, bem como uma análise estatística relativa à distribuição de formas e de fabricos de cada um dos conjuntos cerâmicos definidos.

No final deste trabalho, apresentámos dois Apêndices, no Apêndice I estão inseridos conteúdos gráficos relativos aos dados de campo; e em Apêndice II, incluímos o catálogo das cerâmicas.

Parte I - Mosteiro de Santa Marinha da Costa (Guimarães)

1.1. Enquadramento geográfico e historiográfico

Situado no sopé da serra de Santa Catarina, na freguesia da Costa, concelho de Guimarães, o mosteiro de Santa Marinha da Costa aparece referido em fontes escritas, pela primeira vez, no ano de 959, através do testamento de Mumadona, onde esta doa ao mosteiro de Guimarães a sua herdade de Lourosa (nome com que o local começou a ser conhecido) na encosta do monte da Penha (*Boletim n.º 130*: 7,17; Fonte, 1995: 9; Real, 1980: 1).

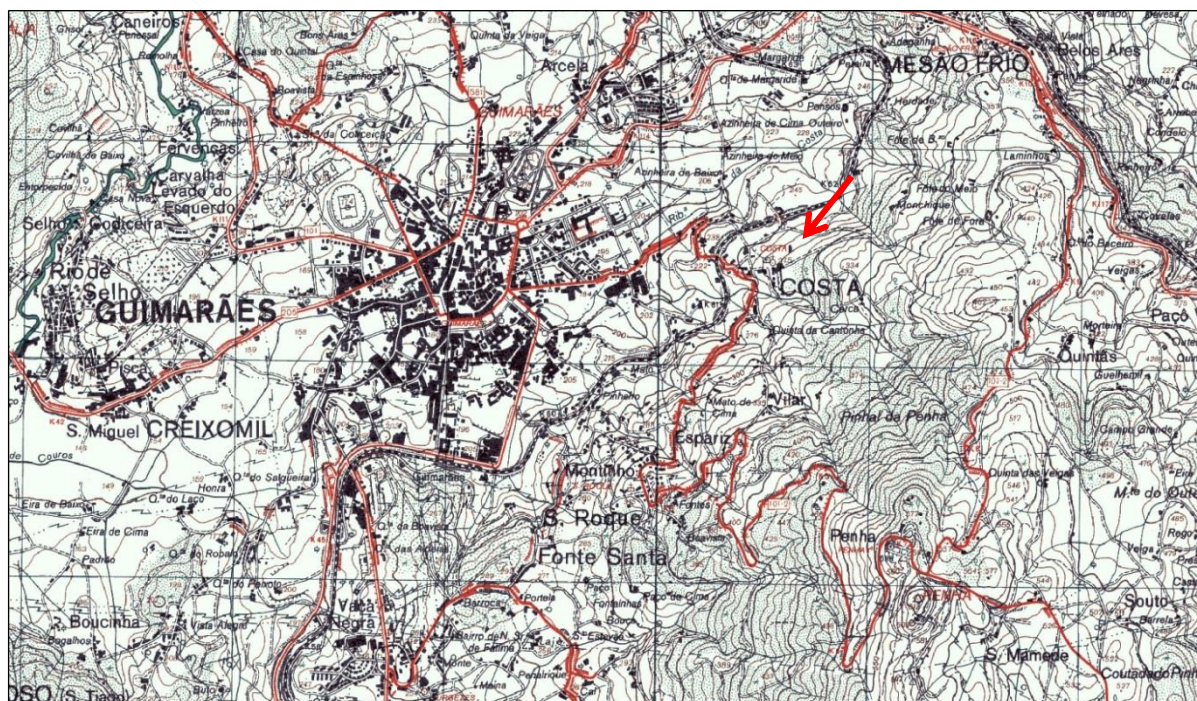


Figura 1 – Localização do Mosteiro de Santa Marinha da Costa¹



Figura 2 – Imagem aérea da atual Pousada de Santa Marinha²

¹ C.M.P., Folha n.º 85

² Google Earth

O testamento de Mumadona levou também a considerar a possibilidade da existência de uma ocupação anterior ao século X, pelo facto de nele surgir o nome de dois proprietários anteriores. Esta possibilidade parece corroborada pelos vestígios arqueológicos que remetem para uma ocupação do local no período tardo-romano e suevo-visigótico. O edifício romano poderia estar associado a uma pequena unidade agrícola ou a um posto de vigilância sobre o vale. Sobre este estabelecimento romano teria sido construído, nos séculos VI/VII, um templo, sucessivamente reconstruído e ampliado (*Boletim n.º 130*: 8; Real, 1980: 1). Segundo alguns medievalistas (Costa, 1981: 177; Fernandes, 1968: 65), seria aqui que estaria localizada a sede de uma circunscrição da Igreja Sueva, designada como *Carantonis* (*Boletim n.º 130*: 8; Real, 1980: 1).

Mais tarde, sobre o mesmo local, é construído outro templo datável do século IX. Pensa-se que ainda não estivesse sob a invocação de Santa Marinha, uma vez que o culto desta santa oriental alcançou grande popularidade, no Noroeste Peninsular, apenas a partir dos séculos IX e X (*Boletim n.º 130*: 9,12).

É possível que no 2.º quartel do século X se tivessem instalado aí os condes portugalenses, Mumadona Dias e seu marido, Hermenegildo Gonçalves. De acordo com os vestígios arquitetónicos e arqueológicos, é então dado início a um novo plano construtivo. A igreja desloca-se um pouco para norte, associando-se a um edifício de grande envergadura, de excelente qualidade construtiva e monumentalidade, o que leva a supor que se estará em presença de vestígios do Paço Condal do século X (*Boletim n.º 130*: 30; Real, 1985: 24).

Como resultado da falência da linhagem dos condes de Portucale, o edifício passará, décadas mais tarde, para a posse dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Crê-se que este momento tenha ocorrido no 2.º quartel do século XII e, segundo a tradição, por dádiva da rainha D. Mafalda. Assim, é dado início a um conjunto de grandes reformas arquitetónicas no conjunto monástico (*Boletim n.º 130*: 31; Real, 1980: 4).

Ao longo da primeira dinastia o prestígio dos favores régios fez deste mosteiro o mais emblemático de Guimarães (Sousa *et al.*, 2005: 162).

Em 1448 surge a primeira intenção, por parte de D. Afonso V, de entregar a sua tutela à Ordem de São Jerónimo. Mais tarde, por carta régia em 1516, D. Manuel deu as mesmas orientações. Ambas não surtiram efeito, permanecendo o mosteiro ainda na posse dos Agostinhos (*Boletim n.º 130*: 40; Sousa *et al.*, 2005: 162).

No reinado de D. Manuel I, graças à especial proteção régia, a Ordem de São Jerónimo conheceu um período de grande importância. Em 1525 era D. Jaime, duque de Bragança e senhor de Guimarães, o padroeiro do mosteiro da Costa. Por esta altura foi apresentada uma súplica ao papa Clemente VII (fig. 3), para que ordenasse a extinção do mosteiro e aí instituisse a Ordem de São Jerónimo. Nessa data, apenas restavam três Agostinhos que se considerava levarem uma vida pouco edificante. Os últimos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho foram ainda dirigidos por um ilustre comendatário, Frei João de Chaves, um prior da Ordem Franciscana. Somente após a morte deste é que o mosteiro foi entregue à nova Ordem religiosa. A bula pontifícia veio a ser expedida em Março de 1527 e, em Novembro, foi emitida a respetiva sentença executória pelo prior da colegiada D. Sebastião Lopes (*Boletim n.º 130*: 39-41; Real, 1980: 5; Sousa *et al.*, 2005: 150, 162).



Figura 3 – Papa Clemente VII³

O mosteiro foi finalmente entregue aos Jerónimos, em Janeiro de 1528. O primeiro administrador jerónimo foi o padre Inocêncio de Évora, confirmado como prior em Junho do mesmo ano. Até à data não terão havido mais transformações no edifício, mas assim que os padres Jerónimos deram entrada procederam de imediato a pequenas reformas, no entanto, como iremos ver, as obras de maior ostentação do edifício apenas ocorrem no século XVIII (*Boletim n.º 130*: 42; Real, 1980: 5-6).

Depois de uma tentativa falhada, por parte de Frei João Chaves, para criar um colégio de estudos em Guimarães, foi no recém-estruturado mosteiro dos Jerónimos que se encetou uma das mais interessantes experiências de renovação do ensino superior em Portugal, em pleno período renascentista (*Boletim n.º 130*: 42).

Em 1535 tinha sido criado o mosteiro da Penha Longa, instituído por D. João III e dirigido por Frei Diogo de Murça, passando os religiosos de S. Jerónimo a ter estudos regulares da Ordem.

³ http://www.infopedia.pt/mostra_recurso.jsp?recid=25283

Em 1537, por iniciativa do rei, o Colégio foi transferido, do mosteiro da Penha Longa para o mosteiro da Costa, onde funcionou entre 1537 e 1553 (id.: 42).

Frequentado por religiosos e leigos, e considerado como uma pequena universidade, este colégio compreendia dois níveis de ensino: os estudos preparatórios (em humanidades e artes liberais) e a faculdade superior (em teologia). No entanto, foi apenas em 1540 que o colégio passou a ter capacidade de conceder graus de bacharel, licenciado, mestre e doutor. Por outro lado, os seus graduados passaram a possuir os mesmos direitos e isenções determinados pela Universidade de Coimbra (*Boletim n.º 130*: 43; Sousa *et al.*, 2005: 162).

Dos estudantes que frequentavam o colégio, apenas uma pequena percentagem eram monges, ou seja, a rentabilidade para a Ordem seria escassa. A este fator, juntou-se a morte de D. Duarte (filho de D. João III e estudante do mesmo Colégio), em 1543. A Costa deixa assim de ser uma escola principesca e, conseqüentemente, torna-se mais difícil ao mosteiro de beneficiar de favores régios. D. João III começa a manifestar intenções de mudar o colégio para Coimbra. Assim, em 1553, acaba por dar-se a incorporação do Colégio de S. Jerónimo na própria Universidade (*Boletim n.º 130*: 44).

Em 1678, a Câmara Municipal de Guimarães ainda tentou promover a restauração dos estudos públicos de gramática, filosofia e teologia, mas sem sucesso. Entre 1727 e 1733 chegaram a funcionar novos cursos de filosofia que, como iremos referir, serviram de base ao nascimento da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa (id.: 52).

A instauração do liberalismo conduziu à extinção das Ordens Religiosas e, em Maio de 1834, surge uma intimação para os Jerónimos abandonarem o edifício. Em Julho dá-se a expulsão dos monges (*Boletim n.º 130*: 52; Real, 1980: 7).

A casa conventual acaba por entrar na posse de particulares, após a sua venda em hasta pública. Simultaneamente, o templo assume funções de igreja paroquial da freguesia da Costa. O edifício foi adquirido por José Ferreira Pinto Basto, fundador da Vista Alegre (fig. 4). Em 1893, dois anos após a sua morte, a casa é posta de novo à venda, tendo sido adquirida por dois proprietários: Custódio Teixeira Pinto Basto e Manuel Baptista Sampayo Guimarães (*Boletim n.º 130*: 52-53; Real 1980: 7).

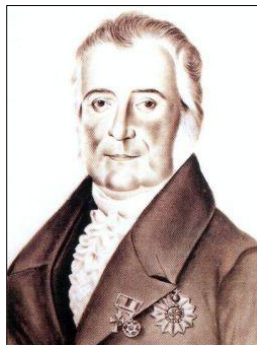


Figura 4 – José Pinto Basto (1º proprietário privado)⁴

A parte pertencente a Custódio Basto é mais tarde vendida a António Fernandes de Araújo Guimarães e, após a morte deste, em 1888, a propriedade passou para três sobrinhas: D. Antónia, D. Rosa e D. Maria de Araújo Fernandes. Na outra parte do edifício, vivia D. Custódia Carolina Teixeira Sampayo (herdeira de Manuel Baptista). Por volta de 1881, esta arrenda a sua parte a um Colégio que ali funcionou durante uns anos. Foi herdeiro de Custódia Sampayo, António Leite de Castro Sampaio e Vaz Vieira. Este já habitava na outra metade do edifício, desde 1899, altura em que contraiu matrimónio com a titular, D. Antónia de Araújo Fernandes (*Boletim nº130*: 53).

Em 1931 os jesuítas (que se encontravam exilados desde a implantação da República) regressam a Portugal, instalando o seu Seminário-Menor em Guimarães, inicialmente na quinta da Medroa e mais tarde no Mosteiro da Costa, onde reataram os estudos filosóficos. O ressurgimento dos estudos foi breve, uma vez que a escola de Filosofia se trasladou para Braga (em 1934), onde, mais tarde, deu origem à Faculdade Católica de Filosofia (Id.:55).

Ainda em 1953, era D. Antónia de Araújo Fernandes Leite de Castro a proprietária do mosteiro, apesar deste já se encontrar ao abandono desde a ocorrência de um grande incêndio em 1951 (*Boletim nº130*: 54-55; Real, 1980: 7).

Por fim, o edifício foi comprado pelo Estado, em 1972, começando a ser recuperado pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, com vista ao seu aproveitamento como pousada (*Boletim nº130*: 55).

⁴ <http://dubleudansmesnuages.com/?cat=60&paged=2>

1.2 Dados arqueológicos

O processo de intervenção arqueológica e principais resultados

A pretensão de converter o local em pousada, com o Projeto do arquiteto Fernando Távora, proporcionou a realização da primeira e uma das mais importantes campanhas arqueológicas, em edifícios medievais de grande envergadura, em Portugal. Seria, pois, mediante estas obras e perante o aparecimento de vestígios arqueológicos significativos, mais concretamente na sequência do achado de uma porta com arco em ferradura, na torre situada no ângulo noroeste do claustro, que a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (UAUM) - com o apoio da Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), da Câmara Municipal de Guimarães e da Secretaria de Estado da Cultura - realizou na área do convento intervenções arqueológicas, as quais tiveram início em 1979 e se prolongaram pelos primeiros anos da década de 80 (*Boletim n.º130*: 55; Lemos *et al.*, 1980: 61-64;).

Perante o surgimento desta oportunidade, procede-se a diversas sondagens no local. Relativamente às zonas intervencionadas, na primeira campanha, em 1979, destaca-se a zona CCC (correspondente à primeira sondagem realizada no claustro). Seguiu-se uma ampliação da área de escavação assinalada com as siglas KCL. Ainda na intervenção de 1979 procede-se à abertura de outras sondagens, correspondentes às siglas CCF, CCG, CCH, CCJ e CCL.

Na campanha de 1980, verifica-se uma continuidade na exploração de algumas zonas, como é o caso da sondagem CCF e da sondagem do claustro, KCL. Ocorre ainda neste ano, o início da exploração de novas zonas: CCM, CCN, CCQ, CCD, CCP, CCS, CCT, CCU.

A última campanha no mosteiro da Costa dá-se em 1983, altura em que são abertas novas sondagens: CC83C, CC83D, CC83E, CC83F e CC83G, localizadas no exterior, junto à fachada oeste do dormitório. Surge também a sondagem CC83K, situada no exterior do edifício, a norte da Igreja.

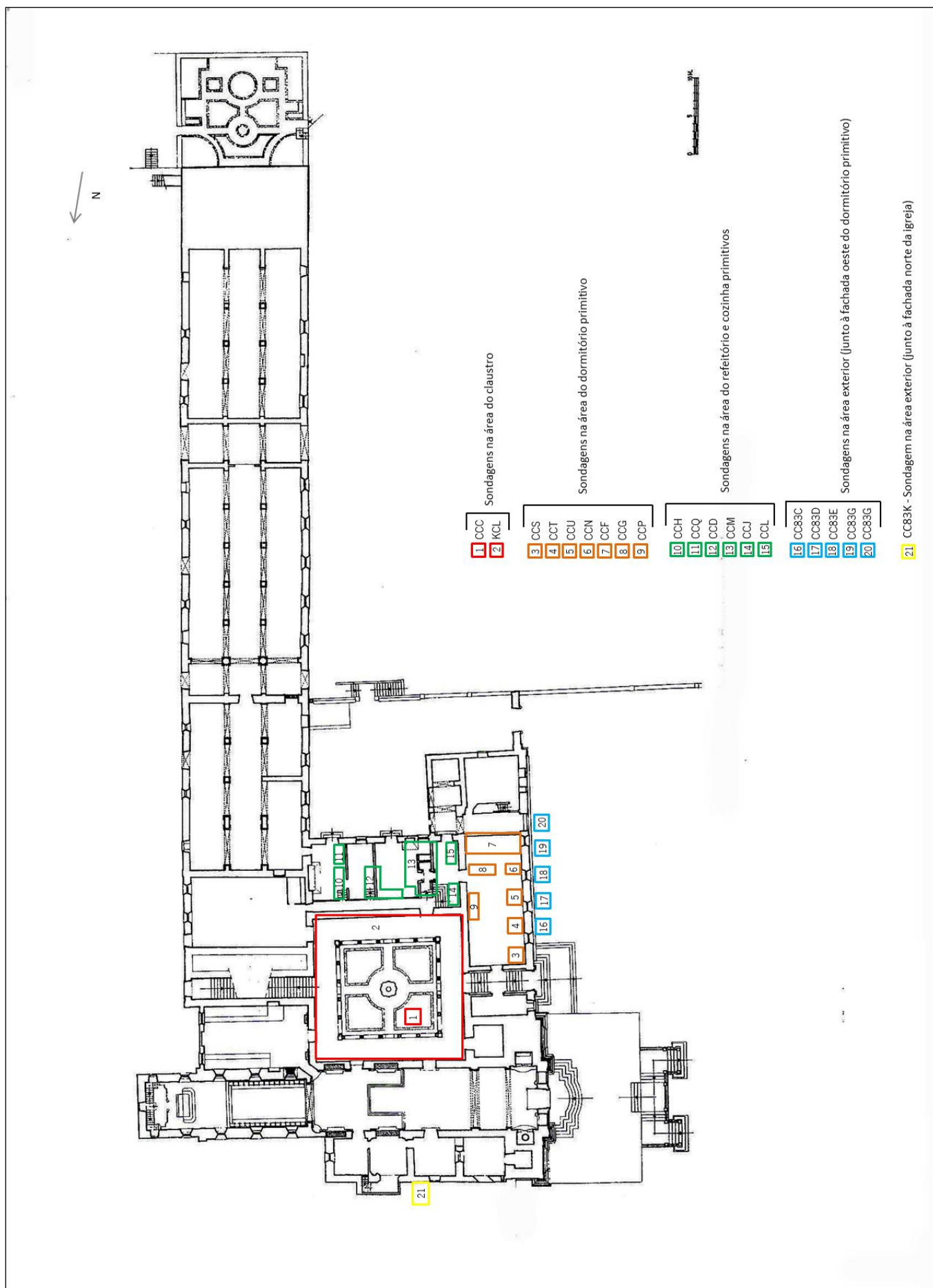


Fig. 5 – Planta do mosteiro (antes das obras de restauro). *Boletim nº130*

As primeiras sondagens, conduziram de imediato, ao conhecimento de vários níveis de ocupação e possibilitaram algumas hipóteses de trabalho que depois foram confirmadas com o alargamento da área escavada (Real, 1981b: 1).

As intervenções seguintes permitiram detetar vestígios residuais de uma ocupação romana, dos quais se destaca uma pedra almofadada tipicamente romana e fragmentos de telha. Elas forneceram ainda novas e relevantes informações sobre a ocupação suevo-visigótica, através do reconhecimento dos alicerces da abside de um templo do séculos VI/VII (*Boletim nº130*: 9; Real, 1981b: 2-3).

Nas escavações realizadas no interior do claustro, apareceu também um segundo templo, datável do século IX, tendo sido possível definir claramente a sua planta. Além disso identificou-se um edifício em madeira, de grandes proporções, com possível função áulica, datável do século IX/X (*Boletim nº130*: 11-12).

Da época pré-românica conservaram-se alguns excertos arquitetónicos e apareceram vários fragmentos decorativos. O elemento de maior importância é, sem dúvida, a base de uma torre, com a sua porta de influência moçárabe. Para além dos elementos arquitetónicos, inclusive os relativos ao terceiro templo – construído no século X, um pouco mais a norte, na zona da atual igreja - foram recuperados fragmentos de cerâmica e peças metálicas datadas daquele período (Lemos *et al.*, 1980: 61-63; Real, 1981a: 461-462; Real, 1981b: 61-63).

Relativamente à época românica, destaca-se o aparecimento de vários trechos arquitetónicos que permitiram definir os primitivos limites do dormitório, refeitório, cozinha, corredor de acesso e sala do capítulo. Na área do claustro, apareceram excelentes muros de silharia românica. Uma das mais importantes revelações foi o achado de um conjunto de elementos decorativos do claustro, os quais permitem reconstruí-lo com relativa precisão. Deste conjunto, são abundantes as aduelas, as impostas, as bases de coluna, os fragmentos de um fuste e de um capitel (provenientes das arcarias do claustro). Como no período anterior, foram também recuperados fragmentos cerâmicos (*Boletim nº130*: 35-36; Lemos *et al.*, 1980: 61-63; Real, 1981b: 2-7).

Merece especial destaque a descoberta e exploração de uma vasta necrópole, cujas origens remontarão, aos séculos VI/VII, prolongando-se depois, ininterruptamente, até 1831 (Real, 1981b: 2-3).

Foi também possível a identificação de algumas transformações efetuadas no século XVI, quando o mosteiro passou para a órbita dos Padres Jerónimos. Deste século foram recuperados

capitéis e fustes de coluna, algumas moedas e uma abundante quantidade de fragmentos cerâmicos.

Já nos séculos XVII-XVIII são de realçar as grandes quantidades de cerâmica (comum, faianças e porcelanas), um capitel de pilastra, azulejos, canalizações e material de construção (tijolos e telhas).

Nos séculos XIX-XX surge, sobretudo, material cerâmico (comum, faianças, porcelanas) correspondente ao momento em que o edifício entra na posse de particulares.

Os registos e os materiais exumados encontram-se atualmente à guarda do Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa (MDDS), em Braga.

Encontramo-nos, perante grande quantidade de espólio cerâmico, que abarca uma ampla cronologia, cujo estudo irá contribuir para o conhecimento das produções medieval e moderna, no norte de Portugal.

Estudos de divulgação do projeto arqueológico em Santa Marinha da Costa

Para além dos registos de campo, destaca-se um conjunto de documentos que contêm informação relevante para o estudo dos trabalhos desenvolvidos entre 1979 e 1983.

Assim, logo em 1980, a UAUM e o Museu Alberto Sampaio procuraram divulgar as escavações arqueológicas e realçar a importância dos primeiros resultados obtidos. A par da exposição, que decorreu entre 11 de Abril e 5 de Maio daquele ano, foi apresentada uma breve notícia, com a assinatura de Manuel Luís Real, no folheto: *Convento da Costa. História e Arqueologia*. Ainda no mesmo ano, dirigido ao meio científico, a UAUM e o Campo Arqueológico de Braga (CAB) publicaram um folheto com a síntese de uma série de ações desenvolvidas por estas duas entidades. Nas páginas 61-64 do folheto *Atividade Arqueológica. 1976-1980*, surge a notícia sobre o “Convento de Sta. Marinha da Costa”.

Um ano mais tarde, em 1981, publicam-se as atas “Congresso Histórico de Guimarães e sua colegiada (Guimarães, 1979)”, em cujo volume IV, Manuel Luís Real publica a sua comunicação, intitulada *O Convento da Costa (Guimarães). Notícia e interpretação de alguns elementos*, atualizando os dados entretanto recolhidos relativamente aos grandes momentos da evolução do edifício.

Mais tarde, em 1985, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais publicou o nº 130 do seu “Boletim”, dedicado à *Pousada de Santa Marinha-Guimarães*. Além de um texto do arquiteto Fernando Távora, sobre os “Trabalhos de conservação e adaptação”, Manuel Luís Real, na qualidade de responsável pela investigação científica sobre o monumento, desenvolve um estudo de síntese sobre as pesquisas efetuadas a nível documental e as revelações obtidas sobretudo no domínio arquitetónico.

Os trabalhos desenvolvidos na Costa forneceram também uma notável evolução tipológica de enterramentos medievais, associada a uma perceptível diacronia. Estes dados foram fornecidos ao Professor Doutor Mário Barroca que, em 1987, apresentou o respetivo estudo em *Necrópoles e sepulturas medievais Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XIV)*, p. 137-141, no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Anos mais tarde, o mesmo autor, incluiria na sua tese de doutoramento o estudo de cinco epígrafes relacionadas com o Mosteiro de Santa Marinha da Costa: *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, inscrições nº 181, 356, 383, 386 e 388.

Manuel Luís Real referir-se-ia ainda ao Mosteiro de Santa Marinha da Costa em cinco estudos relativos à alta e plena Idade Média portuguesa: em 1982/83 - em *Perspetivas sobre a flora românica da “escola lisbonense”*, p. 552; em 2000 – *Portugal. Cultura visigoda e cultura moçárabe*, p. 25-26, 31-31 e 70; em 2006 – *Escultura decorativa em Portugal. O grupo “Portucalense”*, p. 139-140; ainda em 2006 – *A Arquitetura pré-românica do norte de Portugal*, p. 101-102; e, mais recentemente, em 2012 – *Materiais de construção utilizados na arquitetura pré-românica do norte de Portugal*, p. 104-105

**Parte II – Apresentação e contextualização crono-estratigráfica
das cerâmicas comuns**

2.1 Estado da arte

O estudo das cerâmicas de época medieval e pós-medieval tem vindo a despertar o interesse dos investigadores, existindo já um considerável número de trabalhos realizados no âmbito da divulgação destas cerâmicas.

Em Portugal, foi em 1987 que a investigação das produções cerâmicas de época medieval e moderna conheceu um significativo avanço, através da realização do IV Congresso Internacional “A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental”, organizado pelo Campo Arqueológico de Mértola. Foi este congresso que abriu as portas de um vasto campo de estudos, que foi aproveitado de forma exemplar por muitos investigadores, constituindo, desta forma, a realização de referência para os estudos de cerâmica medieval em Portugal. A sistematização regional de estudos de cerâmica, com vista ao estabelecimento de tipologias constituiu o principal desafio da investigação nesta área específica (Fernandes, 2005: 160).

Foi também na década de 80 que se iniciaram, em Braga, estudos das produções locais, por Alexandra Gaspar (Gaspar, 1985), que revela o conjunto cerâmico proveniente da Rua de N^a S^a do Leite. Mais tarde, a mesma autora, por vezes, associando-se a Luís Fontes, publica uma série de estudos relativos às cerâmicas de transição da Antiguidade Tardia para a Idade Média da região de Braga (Fontes e Gaspar, 1997; Gaspar, 1991; Gaspar, 2003).

Ainda no âmbito das produções cerâmicas medievais refiram-se os vários estudos de Mário Barroca. Em 1987 o autor apresenta “Cerâmica Medieval do Noroeste de Portugal (séculos IX a XV)”, igualmente no âmbito das Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ainda relacionado com a temática, anos mais tarde, destacámos o artigo “Centros Oleiros de Entre-Douro-e-Minho. Contributo para o seu inventário e cartografia” (Barroca, 1993).

É em 1992 que surge um novo incentivo aos estudos desta matéria, com o início das “Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo”, em Tondela, as quais deram resposta à crescente produção científica e consequente necessidade de divulgar e confrontar resultados e de aperfeiçoar as metodologias. Estas Jornadas, que reuniram investigadores nacionais e internacionais em torno das cerâmicas medievais e modernas,

entusiasmar e incentivaram pesquisas também no campo da etno-arqueologia e das análises químicas e mineralógicas (Fernandes, 2005: 160-161; Fontes, 2002).

Nesta altura, assume uma particular destaque a intervenção do grupo da Casa do Infante, no Porto, que apresenta interessantes conjuntos cerâmicos, recorrendo a uma metodologia criteriosa de classificação (Real *et al.*, 1985:171-186). Em torno deste núcleo de investigação, criou-se, em 1995, o “PROCEN – Projeto para o estudo das produções cerâmicas da Região Norte”, cuja principal consequência foi conduzir ao aparecimento da revista “Olaria”, em 1996, editada pela Câmara Municipal de Barcelos. Nesta publicação periódica davam-se a conhecer os últimos resultados da investigação relacionada com produções cerâmicas (Fernandes, 2005: 161; Fontes, 2002).

Em 2000 assiste-se à 4ª e última edição das “Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo”, num momento em que a participação portuguesa para estudos de cerâmica islâmica, medieval cristã e moderna era já evidente (Fernandes, 2005: 161).

Em 2004, Jorge Alarcão publica “Conimbriga 20 anos depois. Perspetivas sobre Conimbriga”, como resultado de uma revisão sobre as cerâmicas que haviam sido publicadas na sua tese como romanas, mas que, na verdade seriam medievais, e cujo conjunto acabou por constituir, curiosamente, um excelente catálogo sobre produções desta Época.

As muitas possibilidades de abordagem nesta temática têm vindo a motivar, nos últimos anos, teses de mestrado e doutoramento e a crescente participação portuguesa nos congressos de cerâmicas medievais e modernas.

2.2 Objetivos

Os objetivos fundamentais deste trabalho estruturam-se com base em três principais etapas: a identificação e recolha da informação a tratar; a análise dos referidos dados; e uma tentativa de estabelecer paralelos da realidade estudada com os conhecimentos adquiridos de outras regiões.

Desta forma, o objetivo principal deste trabalho passa sobretudo pela identificação, catalogação e análise das cerâmicas comuns recolhidas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de Santa Marinha da Costa. Pretendemos, portanto, analisar detalhadamente a informação recolhida, efetuar um estudo dos materiais cerâmicos do ponto de vista tecnológico, morfológico e decorativo e estabelecer relações entre os materiais cerâmicos e o local de onde foram extraídos. Pretendemos ainda propor uma datação para as cerâmicas através de uma correlação, sempre que possível, entre estas, a estratigrafia, as fontes documentais e a comparação com cerâmicas similares provenientes de outros locais onde se encontrem bem datadas através de uma estratigrafia segura.

É do conjunto dos dados obtidos que podemos contextualizar a cultura material, neste caso a cerâmica comum, do Mosteiro de Santa Marinha da Costa. É assim, nosso objetivo, dar a conhecer a presença deste tipo de cerâmicas num mosteiro no norte de Portugal que, como pudemos constatar na primeira parte desta dissertação, tem uma história particularmente interessante que acompanha diferentes épocas da História de Portugal.

Dentro destes principais objetivos enquadram-se outros, mais parcelares, que serão abordados nas diferentes partes que compõem este trabalho.

2.3 Metodologia de análise e critérios de apresentação

Como já referimos, a finalidade deste trabalho foi o estudo de um conjunto de cerâmica comum medieval, moderna e contemporânea proveniente das escavações arqueológicas realizadas no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, decorridas entre 1979 e os primeiros anos da década de 80, no âmbito dos trabalhos de conversão do local em pousada.

O trabalho em questão estruturou-se em várias fases que implicaram diferentes métodos e intensidade de dedicação.

A fase inicial correspondeu a uma preparação do trabalho a desenvolver, através do levantamento e recolha de informação. Esta fase introdutória passou sobretudo por um trabalho de reconhecimento que abrangeu a localização do espólio, o reconhecimento dos materiais em depósito no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa e a identificação das zonas intervencionadas e o respetivo registo.

Interpretação dos dados da escavação

A intervenção arqueológica no Mosteiro de Santa Marinha da Costa foi realizada segundo o sistema de complexos e camadas/estratos como tal, foi necessário proceder à sua conversão em unidades estratigráficas (UEs). Procurámos sistematizar o máximo de informação possível sobre o desenrolar dos trabalhos arqueológicos, de modo a obter uma visão do conjunto, identificar eventuais anomalias e selecionar os registos com especial interesse para o objetivo deste trabalho. Para tal, realizámos uma pesquisa exaustiva de toda a documentação, recorrendo aos cadernos de campo e aos registos gráficos, nomeadamente plantas, perfis, cortes e planos. Esta informação foi frequentemente complementada com os registos fotográficos disponibilizados pelo MDDS.

Para a conversão do sistema de complexos em unidades estratigráficas, tivemos por base sobretudo o registo gráfico, fotográfico e a descrição das camadas, uma vez que, apenas dispúnhamos desta informação.

Todos os cortes estratigráficos e planos finais existentes, das sondagens integradas no nosso estudo, foram vetorizados com o auxílio do *software* informático *Autocad 2011*. Estes desenhos serão apresentados em Apêndice I.

De modo a tornar mais perceptível os cortes estratigráficos e os planos finais em *Autocad 2011* optámos por, além da numeração de UEs, a atribuição igualmente de uma legenda por cores.

Por fim, optámos por transpor, para o diagrama de Harris, também integrado no Apêndice I, as sequências estratigráficas das diferentes sondagens.

Para cada sondagem apresentámos uma proposta de interpretação, complementada com uma tabela de síntese, o respetivo corte estratigráfico e diagrama de Harris, registo fotográfico para ilustrar o que se julgou ser pertinente, bem como quadros com os desenhos do espólio cerâmico presente em cada UE, mantendo estes a numeração que os remete para o catálogo em apêndice (Apêndice II), onde consta a sua informação detalhada.

Foram muitas as dificuldades ao longo da realização deste trabalho, nomeadamente ao nível do registo estratigráfico, uma vez que se trata de uma escavação antiga, realizada nas décadas de 70/80. As escavações arqueológicas decorreram com alguma renovação na equipa de campo, de que resultaram diferenças na metodologia do registo, ainda que a técnica de escavação – então por complexos – se tenha mantido inalterada ao longo de todo o projeto. Uma vez que o registo de campo possuía algumas lacunas ou, por vezes, era inexistente (havendo razões para pensar que em certas zonas se perderam dados), tivemos de proceder a uma seleção das sondagens que se iriam incluir neste estudo. Seleccionámos primariamente aquelas que ofereciam um maior número de fragmentos cerâmicos e, de entre estas, demos preferência àquelas ofereciam uma melhor possibilidade de estudo do ponto de vista estratigráfico, tendo por base o registo existente. Assim (Apêndice 1.1):

- Todas as sondagens realizadas na área do primitivo refeitório e da cozinha (CCQ, CCH, CCD, CCM, CCL e CCJ) foram excluídas do nosso estudo, uma vez que, a um registo gráfico lacunar associa-se uma presença de fragmentos cerâmicos reduzida, ou até mesmo uma total ausência, na maioria dos casos, devido ao rebaixamento do solo e sua repavimentação, já em pleno século XX;
- Na área correspondente ao primitivo dormitório, ainda que existissem pequenas falhas no registo gráfico, foi possível o estudo de praticamente todas as sondagens, à exceção da CCU, CCF e CCG devido à ausência de registo de campo;
- No interior do claustro apenas foi possível efetuar o estudo das sondagens: KCL 8,9 – D,E; KCL 8,9 – G,H; KCL 8,9 – L,M e KCL 11,12 – L,M. As restantes apresentam um

registo gráfico impercetível, em que apenas subsistiram alguns perfis e planos aleatórios, que normalmente não permitem associar à sondagem a que se referem;

- Os corredores/galerias do claustro correspondem a uma zona muito remexida devido aos enterramentos sucessivos; a esta circunstância alia-se o facto do número de fragmentos cerâmicos ser muito reduzido, pelo que esta zona acabou por ser excluída do nosso estudo;
- Nas sondagens mais recentes localizadas no exterior do edifício, a norte da igreja (CC83K) ou junto à fachada oeste da sala do dormitório (CC83C, CC83D, CC83E, CC83F, CC83G), apenas foi possível o estudo dos sectores CC83K e CC83G; as restantes não possuem qualquer registo gráfico.

Estudo das cerâmicas

De entre o espólio que foi exumado nas escavações do Mosteiro de Santa Marinha da Costa (cerâmica comum, cerâmica comum vidrada, faianças, porcelanas, metais, vidros e material de construção) individualizámos, para este estudo, a cerâmica comum e a cerâmica comum vidrada. A este conjunto pretendemos realizar uma análise do ponto de vista tecnológico, morfológico e decorativo, bem como a sua contextualização crono-estratigráfica.

Os primeiros capítulos, em que apresentámos uma síntese dos dados históricos e arqueológicos, servem para enquadrar a proveniência do conjunto cerâmico. Passámos agora a expor os critérios utilizados na caracterização das pastas, na descrição das formas e na atribuição de uma possível cronologia.

O estudo da pasta corresponde a um tipo de classificação assente em fatores de subjetividade, mas que permitiu, tendo por base uma análise macroscópica, definir grupos de pastas. Para tal valorizámos critérios como: textura e compacidade das pastas, coloração e aspeto destas e das respetivas superfícies e, o tipo de desengordurantes presentes. Para a atribuição da cor utilizámos o Código de Munsell. Com base nestes indicadores definimos diversos grupos, que denominamos por “Fabrico”, contudo, apenas análises mais elaboradas, em laboratório, permitiriam confirmar se, de facto, corresponderiam a distintos fabricos.

Primariamente, todos os fragmentos cerâmicos, num total de 667, foram agrupados em quatro grandes grupos em função da sua cronologia: cerâmica comum medieval, cerâmica comum moderna, cerâmica comum moderna/contemporânea e cerâmica comum vidrada

moderna/contemporânea, passando a partir de então a funcionar como grupos independentes. Dentro de cada um dos grupos, sub-agruparam-se e classificaram-se todos os fragmentos em função dos diferentes tipos de pastas definidos macroscopicamente (lupa manual). No caso do grupo da cerâmica vidrada moderna/contemporânea, a criação de grupos foi feita com base nas características dos vidrados que as revestem.

Os fragmentos cerâmicos ficaram então sub-agrupados em 12 grupos de cerâmica medieval; 4 grupos de cerâmica moderna; 6 grupos de cerâmica moderna/contemporânea; 3 grupos de cerâmica vidrada moderna/contemporânea.

Para este estudo, apenas foram selecionados os fragmentos mais relevantes ou que, eventualmente, permitissem identificar formas, ou seja, bordos, fundos, asas e todos os fragmentos decorados ainda que pertencentes a paredes. Contudo, no conjunto da cerâmica medieval, constatámos que existiam alguns fragmentos de paredes – e portanto, que não forneciam qualquer forma - cujas pastas remetiam para cronologias mais antigas, sobretudo alto medievais. Por este motivo e, excecionalmente, resolvemos incluir estes fragmentos, que designámos por “Fabricos Medievais A” no nosso estudo, embora tratados separadamente (neste conjunto incluem-se os fabricos 1 a 3).

A opção pela designação dos grupos de “cerâmica comum moderna/contemporânea” foi tomada com base em diferentes variáveis: do ponto de vista estratigráfico, estes fragmentos encontram-se frequentemente descontextualizados, uma vez que não foi possível o estudo de todas as sondagens. O facto do edificio ter tido uma ocupação que se prolongou por um período relativamente tardio (anos 50 do século XX), leva a que estas cerâmicas se insiram sobretudo em estratos associados a obras contemporâneas, em que o elevado grau de revolvimento não permite uma datação precisa. Embora as formas presentes nestes grupos tendam a encontrar paralelos arqueológicos enquadráveis na época Moderna, são formas que se prolongam no tempo, como se pode verificar através da consulta de catálogos de louças contemporâneas (Silva *et al.*, 2003). Perante este quadro, e na ausência de uma estratigrafia segura, optámos por integrá-las num mesmo conjunto.

A análise morfológica e decorativa das cerâmicas consistiu na descrição da forma e da sua decoração, quando existente. Uma das problemáticas presente no estudo de cerâmicas destas cronologias é a questão da terminologia, verificando-se uma certa proliferação de termos diferentes para o mesmo tipo de recipientes. Foi por isso utilizada a nomenclatura mais corrente em trabalhos sobre cerâmicas medievais e modernas, ainda que algumas designações, sejam

pouco consensuais. Relativamente às cerâmicas medievais, nas questões de terminologia e nomenclatura seguimos sobretudo Gaspar, 1985; Rodrigues e Rebanda, 1995. Já para as cerâmicas modernas e contemporâneas seguimos sobretudo Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998.

Com vista à criação de um catálogo, procedemos à realização do desenho arqueológico dos fragmentos, para tal selecionamos todas as formas de perfil completo, os fragmentos decorados e os fragmentos mais relevantes que, eventualmente, permitissem identificar formas. Feitos os desenhos, seguiu-se a sua vectorização com o auxílio do *software* informático *Autocad 2011*.

Procurámos incluir no catálogo, apresentado em Apêndice II, os seguintes itens descritivos: o desenho da peça (à escala 1:3, 1:2 ou 1:1, de acordo com o pormenor e detalhe que se pretende realçar); o nº de inventário; a forma; as dimensões da peça (diâmetro do bocal ou do fundo e altura máxima, em centímetros); a descrição da peça; a descrição da decoração, quando existente; e a referência a paralelos formais, quando aplicável. A apresentação do catálogo faz-se por fabricos.

Procurámos realizar também uma análise estatística relativamente às distribuições dos fabricos e das formas. De mencionar que todos os valores referidos ao longo deste trabalho já contemplam o número mínimo de indivíduos.

A datação proposta para as cerâmicas tem por base o estabelecimento de uma correlação, sempre que possível, entre estas, a estratigrafia, as fontes documentais e a comparação com cerâmicas similares provenientes de outros locais onde se encontrem bem datadas. Recorreu-se frequentemente à opinião de especialistas e sobretudo à comparação da realidade estudada com o universo dos conhecimentos disponíveis para outras regiões, estabelecendo frequentemente paralelos formais ou de pastas. No caso das cerâmicas do período Medieval as principais bases foram as publicações relativas às escavações arqueológicas da Rua de N^a S^a do Leite (Braga); às cerâmicas medievais do Baldoeiro (Torre de Moncorvo); às cerâmicas medievais de Sta. Cruz da Vilariça (Torre de Moncorvo). No caso das cerâmicas modernas e contemporâneas, recorreu-se principalmente às publicações da Casa do Infante (Porto) e a Catálogos de louça contemporânea (Barcelos).

Por fim, como já fizemos referência, optámos pela criação de dois apêndices. No Apêndice I inserem-se os dados relativos à interpretação dos dados de campo (cortes estratigráficos,

diagramas de Harris e a planta do mosteiro); já o Apêndice II diz respeito aos dados relativos ao estudo das cerâmicas, onde apresentámos o catálogo.

De uma forma geral, as pesquisas de documentação relacionadas com a temática em estudo, centraram-se nos cadernos de campo, assim como em publicações de Manuel Luís Real, em Actas das Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval (Tondela), em publicações do Campo Arqueológico de Mértola, além de teses e outros artigos especializados.

2.4 A crono-estratigrafia

Sondagens do claustro

O claustro românico do Mosteiro de Sta. Marinha da Costa, tendo por base o estilo das esculturas, poderá situar-se em finais do século XII/inícios do século XIII, obra que se ficará a dever aos cônegos Regrantes de Santo Agostinho (*Boletim n.º 130*: 37).

Séculos mais tarde, já o mosteiro pertenceria à Ordem de S. Jerónimo, admite-se a hipótese de ter ocorrido um grandioso incêndio que levou à ruína do claustro, facto que poderá estar na origem da sua reconstrução no século XVI. O século XVIII, por intermédio da ação dos abades trienais, vai ser determinante para a renovação do mosteiro Jerónimo. Em 1707/8 o claustro foi sujeito a pequenas obras de “melhoramento”. Entre 1782/85 efetuaram-se importantes trabalhos de reparação; e é também durante estes anos que se faz o jardim do claustro e a respetiva fonte (*Boletim n.º 130*: 45-51).

Em 1915, quando o edifício se encontrava na posse de privados, ainda ocorrem algumas obras no claustro, marcadas sobretudo pelo alargamento das alas sul e oeste (*Boletim n.º 130*: 54).

KCL 8,9-D,E

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
60	Camada muito heterogênea de areia muito fina, pouco argilosa, de coloração cinzento escuro e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica. Apresenta várias e pequenas bolsas: de areia muito fina, pouco argilosa, amarelada e pouco compacta; de areia muito fina, pouco argilosa, castanha escura e medianamente compacta; de areia fina, não argilosa, bege e pouco compacta; de areia muito fina, argilosa, cinzenta clara, medianamente compacta; de areia muito fina, pouco argilosa, amarelada, pouco compacta.	I, II, III, IV, V, VI	1,2,4,5,6	- Cerâmica comum; (moderna/contemporânea) - Azulejos (datáveis de finais séc. XVII/inícios séc. XVIII)	Nível de ocupação possivelmente do século XX
61	Camada heterogênea de areia muito fina, muito argilosa, de coloração cinzenta escura e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica. Apresenta uma pequena bolsa de granito em decomposição.	VII, VIII	3,7	- Cerâmica comum (moderna/contemporânea); - Faianças	Nível de enchimento associado possivelmente às obras do século XVIII
62	Alicerce composto por pedras de granito irregulares de média e grande dimensão dispostas aleatoriamente, com um comprimento de cerca de 2 m e uma altura máxima de 0.90 m.				Estrutura possivelmente associada à reconstrução do claustro (séc. XVI)
63	Muro de granito de aparelho grande e regular com cerca de 2 m de comprimento por 0.40 m de altura.				Estrutura possivelmente associada à reconstrução do claustro (séc. XVI)

Tabela 1 – Análise sinóptica da sondagem KCL 8,9-D,E

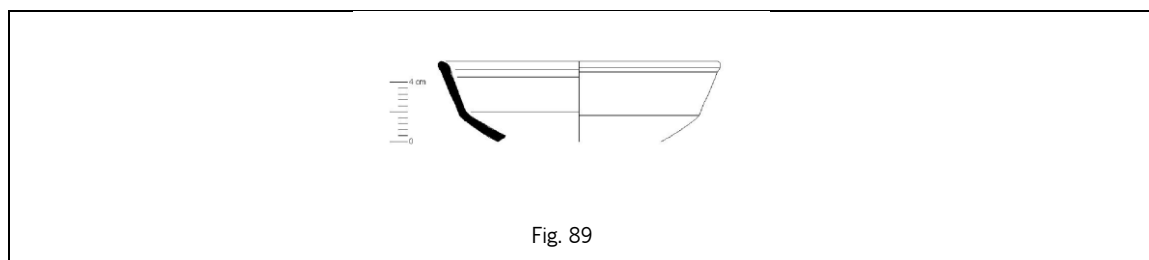
Sondagem KCL 8,9 – D,E

A sondagem KCL 8,9 – D, E (Apêndice 1.2) localiza-se no interior do claustro (Apêndice 1.1).

Interpretámos a UE [60] como correspondendo ao último nível de ocupação do local, no século XX. Nesta UE estão presentes fragmentos de azulejos, datáveis dos séculos XVII/XVIII, e alguns fragmentos de cerâmica comum.

Dadas as suas características/composição, a UE [61] poderá ser interpretada como um nível de enchimento, provavelmente associado às obras decorridas durante o século XVIII (*Boletim n.º 130*: 47-51). Nesta UE destacámos a presença de fragmentos de faianças e de cerâmica comum.

Relativamente ao muro do claustro UE [63] e ao seu alicerce UE [62], é possível que se insiram cronologicamente no século XVI, momento em que ocorre a reconstrução do claustro (*Boletim n.º 130*: 45-46).



Quadro 1 – Espólio cerâmico da UE [61]

KCL 8,9-L,M

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
64	Camada homogênea de areia muito fina, de coloração castanha escura e medianamente compacta. Contém fragmentos de telha, tijoleira e algumas raízes.	I	3	- Faianças	Nível de ocupação possivelmente do século XX
65	Camada homogênea de areia cinzenta muito fina medianamente compacta.	II	1, 2, 4	- Cerâmica comum (moderna)	Nível de enchimento associado possivelmente às obras de construção da fonte do claustro, no séc. XVIII (1782/85)
66	Camada heterogênea de areia fina, pouco argilosa, de coloração cinzenta escura e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica, fragmentos de telha e tijoleira. Apresenta várias bolsas: de terra batida muito compacta; de areia fina, não argilosa, castanha e medianamente compacta; de areia negra, muito argilosa.	V, VI, VII, III	5, 6, 7	- Faianças	Nível de enchimento associado possivelmente às obras de construção da fonte do claustro, no séc. XVIII (1782/85)
67	Alicerce composto por argamassa e pedras de granito de média dimensão dispostas aleatoriamente.				Alicerce da fonte do claustro, séc. XVIII
68	Camada heterogênea de areia média e argilosa. Contém pequenas pedras de origem granítica, fragmentos de telha, tijoleira e alguns carvões. Apresenta algumas bolsas de grandes dimensões: de areia fina, argilosa, castanha; areia muito fina, não argilosa, castanha clara e pouco compacta.	VIII, IX, X	8, 9, 10	- Cerâmica comum (moderna)	Nível de enchimento associado possivelmente às obras de construção da fonte do claustro, no séc. XVIII (1782/85)
69	Fonte de granito do centro do claustro, com um tanque esférico onde cai a água, que jorra de uma taça, através de 4 carrancas em redor				Fonte do claustro, séc. XVIII (1782/85)

Tabela 2 – Análise sinóptica da sondagem KCL 8,9 – L,M

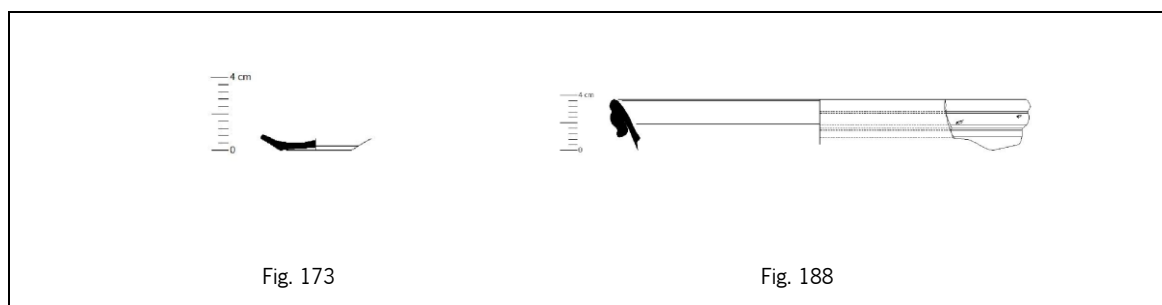
Sondagem KCL 8,9 – L,M

A sondagem KCL 8,9 – G, H (Apêndice 1.3) localiza-se no interior do claustro (Apêndice 1.1).

A UE [64] foi interpretada como correspondendo ao último nível de ocupação do local, no século XX, nesta UE destacámos a presença abundante de fragmentos de faiança.

A construção da fonte do claustro UE [69] e o seu alicerce UE [67] estão seguramente datados, através de fontes documentais, do século XVIII, cujas obras decorreram mais concretamente entre 1782/85 (*Boletim n.º 130*: 51).

As UEs [65], [66] e [68], dadas as suas características/composição, foram interpretadas como possíveis níveis de enchimento associados às obras de construção da fonte, no século XVIII. Todos estes níveis apresentam espólio cerâmico, composto por fragmentos de faianças e de cerâmica comum.



Quadro 2 – Espólio cerâmico da UE [68]

KCL 8,9-G,H

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
54	Camada muito heterogênea de areia muito fina, pouco argilosa, de coloração castanha escura e medianamente compacta. Contém pequenas pedras e alguns blocos de origem granítica. Apresenta pequenas bolsas: de areia muito fina, pouco argilosa, amarela e muito compacta; de areia muito fina, pouco argilosa, castanha avermelhada e muito compacta; de areia fina, não argilosa, bege e medianamente compacta; de areia fina, não argilosa, castanha e medianamente compacta; de argamassa amarelada	I, II, III, V, VI, XI	1, 2, 3, 5, 6, 11		Nível de ocupação possivelmente do século XX
55	Camada heterogênea de areia muito fina, argilosa, de coloração cinzenta escura, medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica e quartzítica, fragmentos de material de construção e pontas de carvão dispersas. Apresenta pequenas bolsas: de areia muito fina, pouco argilosa, cinzenta e medianamente compacta; de areia muito fina, pouco argilosa, cinzenta escura e medianamente compacta.	IV, IX, X, A	4, 9, 10	- Faianças; - Cerâmica comum (medieval séc. XIII-XIV) - Cerâmica comum (moderna)	Nível de enchimento possivelmente associado às obras do séc. XVIII (1707/8)
56	Camada homogênea de argila negra e carvões	XIV	14	- Faianças; - Cerâmica comum (moderna)	Pavimento: nível de ocupação possivelmente do séc. XVIII, associado à estrutura UE [58]
57		XV, B	15	- Moeda (ilegível); - Cerâmica comum (moderna)	Nível de preparação do pavimento UE [56] contemporâneo à estrutura UE [58], ambos possivelmente do séc. XVIII.
58	Muro de granito, de aparelho irregular, composto por apenas uma fiada de pedras com 2 m de comprimento por 0.60 m de altura.				Muro possivelmente do século XVIII, do qual desconhecemos a sua funcionalidade.
59	Camada heterogênea de areia fina, pouco argilosa, de coloração castanha escura, muito compacta. Contém pedras de origem granítica e quartzítica e pontas de carvão dispersas. Apresenta uma pequena bolsa de areia fina, argilosa, negra e medianamente compacta.	XII, VIII	8, 12, 13		Depósito sob o afloramento, possível enchimento ou regularização do terreno.

Tabela 3 – Análise sinóptica da sondagem KCL 8,9 – G,H

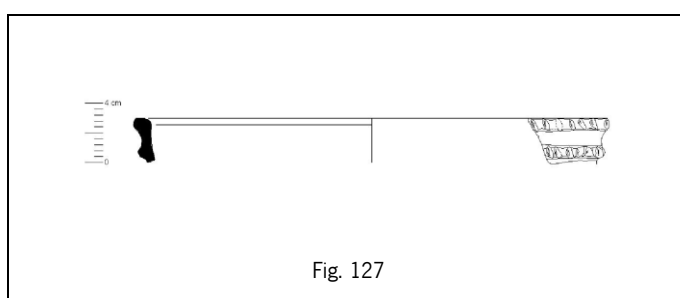
Sondagem KCL 8,9 – G,H

A sondagem KCL 8,9 – G, H (Apêndice 1.4) localiza-se no interior do claustro (Apêndice 1.1).

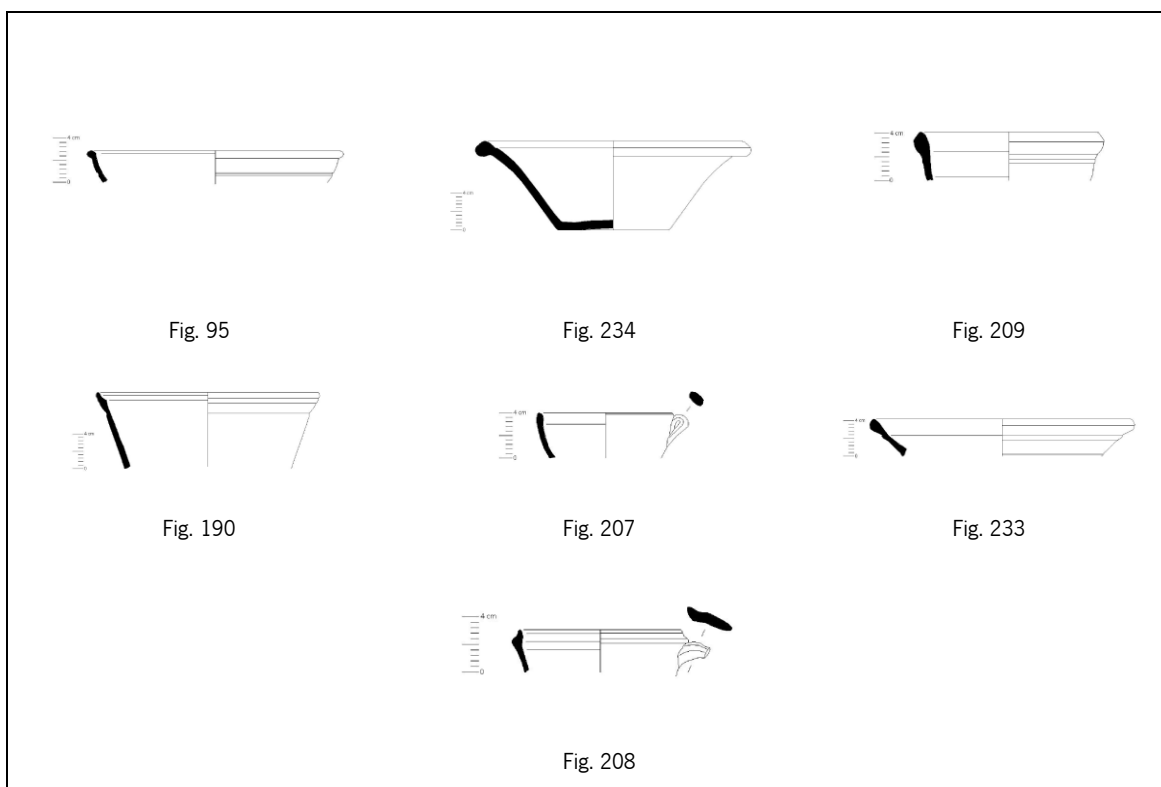
A UE [54] corresponderá ao último nível de ocupação do local, no século XX. Sob esta UE, encontrámos um nível UE [55], cujas características/composição, nos levam a interpretá-lo como um enchimento associado às obras do século XVIII, provavelmente à primeira fase de obras, realizadas entre 1707/8 (*Boletim n.º130*: 47-48). Nesta UE encontrámos algum espólio cerâmico, composto por fragmentos de faianças e de cerâmica comum.

Colocámos a hipótese da UE [57] corresponder a um nível de preparação do pavimento UE [56], associado possivelmente a um nível de ocupação do século XVIII. Na UE [57] encontrámos espólio cerâmico composto por fragmentos de cerâmica comum e uma moeda que infelizmente não possui leitura e na UE [56] destacámos sobretudo a presença de fragmentos de cerâmica comum e de faianças.

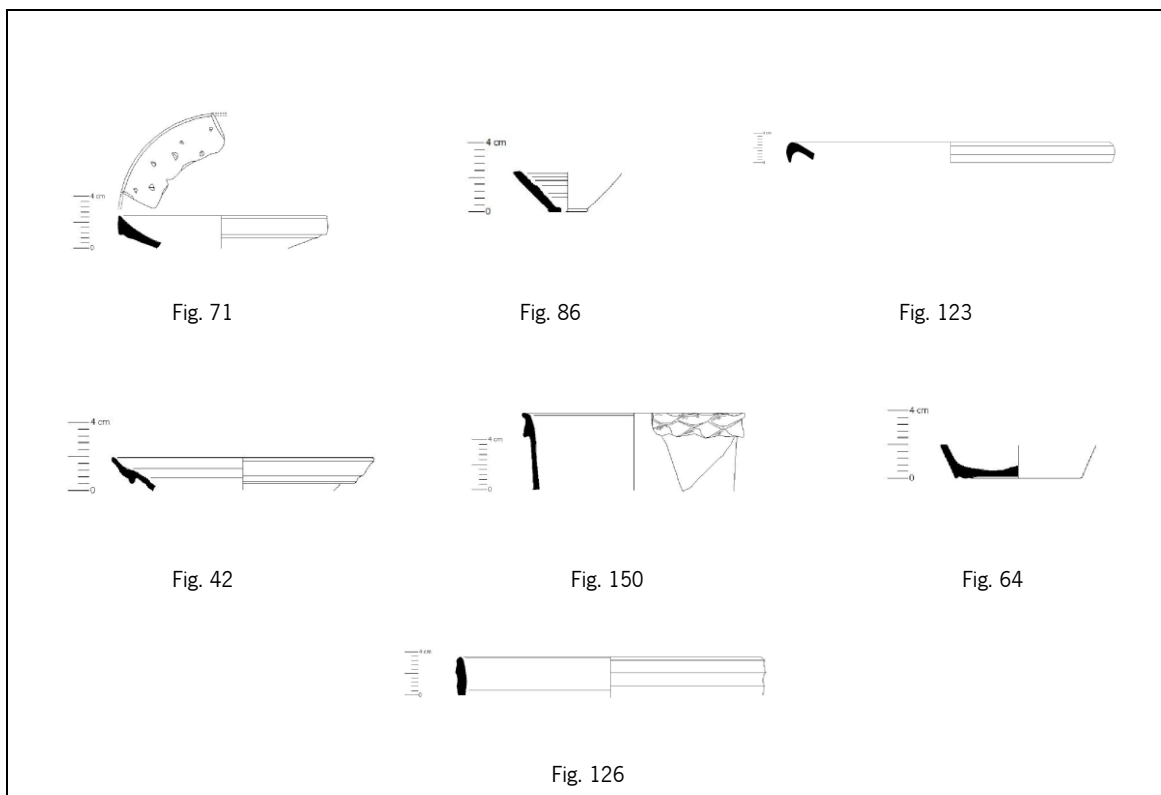
A estrutura UE [58] poderia estar associada ao momento de reconstrução do claustro no século XVI (*Boletim n.º130*, p. 45) no entanto, a sua relação física com as UEs [56] e [57], indicamos uma contemporaneidade relativamente a estas. Por fim, a UE [59] parece corresponder a um depósito formado sobre o afloramento ou a um enchimento para regularização do terreno que do ponto de vista cultural se demonstrou completamente estéril.



Quadro 3 – Espólio cerâmico da UE [57]



Quadro 4 – Espólio cerâmico da UE [55]



Quadro 5 – Espólio cerâmico da UE [56]

KCL 11,12 – L,M

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
69	Fonte de granito do centro do claustro, com um tanque esférico onde cai a água, que jorra de uma taça, através de 4 carrancas em redor.				Fonte do claustro, construída no séc. XVIII (1782/85)
70	Camada heterogénea de areia muito fina, não argilosa, de coloração castanha e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica e fragmentos tijolo, telha e tijoleira. Apresenta uma pequena bolsa de areia fina, argilosa, amarela e medianamente compacta.	I, II	1, 2		Nível de ocupação possivelmente do século XX
67	Alicerce da fonte, composto por argamassa e pedras de granito de média dimensão, disposta aleatoriamente.				Alicerce da fonte do claustro, séc. XVIII (1782/85)
73	Camada homogénea de areia muito fina, argilosa, de coloração cinzenta escura. Contém pequenas pedras de origem granítica.	III	3	- Cerâmica comum (moderna)	Nível de enchimento associado às obras de construção da fonte, séc. XVIII (1782/85)
74	Argila amarelada, medianamente compacta	IV	4		Degradação da arena granítica
75					Degradação da arena granítica

Tabela 4 – Análise sinóptica da sondagem KCL 11,12 – L,M

Sondagem KCL 11,12 – L, M

A sondagem KCL 11,12 - L,M (Apêndice 1.5) localiza-se no interior do claustro (Apêndice 1.1). A UE [70] foi interpretada como correspondendo ao último nível de ocupação do local, no século XX.

As UEs [69] e [67], presentes também na sondagem KCL 8,9 – L, M, correspondem à fonte do claustro e ao seu alicerce, respetivamente.

Sob esta estrutura, está o nível UE [73], cujas características/composição, sugerem tratar-se de um enchimento associado, possivelmente, às obras de construção da fonte, realizadas entre 1782/85 (*Boletim nº130*: 51). À exceção da UE [73], que apresenta uma quantidade razoável de fragmentos de cerâmica comum, mais nenhuma UE desta sondagem ofereceu qualquer tipo de inclusão cultural.

As UEs [74] e [75] foram interpretadas como a degradação da arena granítica devido às suas características e composição, tendo sido intervencionadas para aferir a sua natureza.

Dadas as características semelhantes e o contexto em que se inserem, é possível que as UEs [60], [64], [54] e [70] sejam equivalentes. No entanto, uma vez que se inserem em sondagens distintas, e não havendo qualquer relação física entre elas, optámos por assumir que se tratariam de UEs diferentes e, como tal, foi atribuída uma numeração distinta.

Sondagens da área do dormitório primitivo

Na sala do dormitório foi exumado sobretudo espólio enquadrável na época Moderna e Contemporânea, verificam-se aí dois dos principais momentos de obras: no século XVIII e, posteriormente, em finais do século XIX e início da centúria seguinte.

No século XVIII, em inícios de 1700, a comunidade Jerónima devia atravessar um período de certa disponibilidade financeira, facto que estimulou a projeção de obras grandiosas e de prestígio. Explica-se, desta forma, a reforma da portaria principal. A nova porta ostenta a data de 1703 e para tal, derrubou-se o antigo dormitório. As obras dos anos 1717/18 dirigiram-se sobretudo à ala ocidental do edifício, uma vez que se havia projetado construir aí o novo refeitório, no espaço anteriormente ocupado pelo dormitório (*Boletim n.º 130: 48-49*).

Em finais do século XIX e inícios do século XX, assim que o edifício entra na posse de particulares, procede-se a um conjunto de obras de adaptação por toda a moradia (*Boletim n.º 130: 52-55*).

CCN

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
22	Areia muito fina, não argilosa, de coloração bege e pouco compacta. Contém pequenas/médias pedras de origem granítica e quartzítica, fragmentos de madeira e estuque				Enchimento da vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
23	Interface de secção em U com base plana aberto na UE [22].				Interface de rutura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
30	Camada homogénea de areia muito fina, de coloração cinzenta clara e pouco compacta.	B	B		Nível de entulhos associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios XX
31	Camada muito heterogénea de areia muito fina, algo argilosa, de coloração negra e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica. Apresenta muitas bolsas: de areia fina, pouco argilosa, castanha torrado e medianamente compacta; de areia muito fina, pouco argilosa, castanha muito escuro e medianamente compacta; de areia fina, não argilosa, amarela e pouco compacta; de areia muito fina, pouco argilosa, bege e pouco compacta; de areia fina, argilosa, castanha torrado; de areia muito fina, não argilosa, amarela e medianamente compacta.	I, II, III, IV, V, VI, C	1, 2, 3, 4, 5, 6, C	- Faianças - Cerâmica comum (moderna/contemporânea) - Cerâmica comum (medieval)	Nível de enchimento associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios XX
32	Camada heterogénea de areia muito fina, pouco argilosa, de coloração castanha escura. Contém pedras de granito de média dimensão, fragmentos de madeira e de estuque. Apresenta uma bolsa de areia fina, pouco argilosa, castanha escura e medianamente compacta.	VII, IX	7, 9	- Faianças	Nível de enchimento possivelmente associado às obras de finais do séc. XIX/inícios XX
33	Camada homogénea de areia pouco argilosa, de coloração negra e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica.	X	10	- Faianças; - Cerâmica vidrada (moderna/contemporânea); - Cerâmica comum (moderna/contemporânea)	Enchimento da vala aberta para reparação da estrutura UE [36] (possivelmente no âmbito das obras de finais séc. XIX/inícios XX)
34	Interface de secção em U com base plana aberto na arena granítica.				Interface de rutura associado à vala aberta para reparação da parede UE [36] (possivelmente no âmbito das obras de finais séc. XIX/inícios XX)
35	Alicerce composto por pedras de granito de média dimensão e aparelho irregular dispostos de forma aleatória.				Alicerce da parede do dormitório UE [36]
36	Muro de granito de aparelho grande e irregular com cerca de 1.90 m de altura por 1.50 m de comprimento				Parede Oeste do dormitório

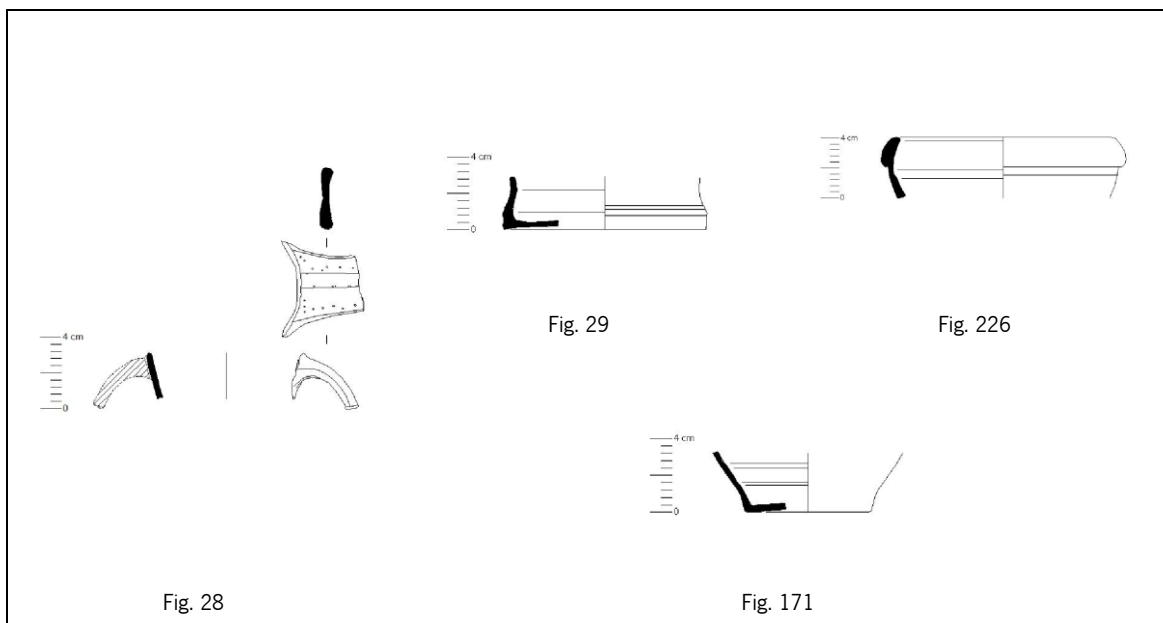
Tabela 5 – Análise sinóptica da sondagem CCN

CCN

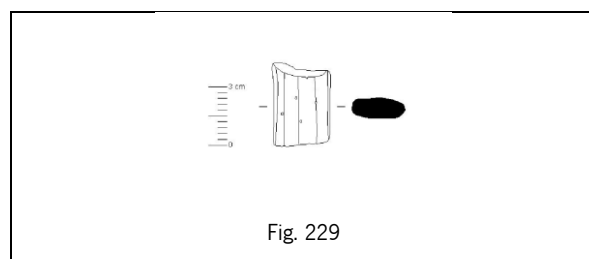
A sondagem CCN (Apêndice 1.6) localiza-se no interior da sala do dormitório, junto à parede Oeste [36] (Apêndice 1.1).

A UE [30], dadas as suas características/composição, foi interpretada como um nível de entulhos associado às obras de adaptação, realizadas em finais do século XIX e início da centúria seguinte (*Boletim nº130*: 52-55). As UEs [22] e [23], presentes em todas as sondagens desta área (CCN, CCP, CCT, CCS), correspondem ao interface de rutura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório [23] e ao seu respetivo enchimento [22], aquando da realização destas obras. Consentâneas a estas obras, deverão ser também as UEs [31] e [32] que, pelas suas características/composição, interpretámos como níveis de enchimento. São níveis de grande revolvimento, facto que ajuda a explicar a presença de fragmentos de cerâmica baixo medieval associados a fragmentos de faianças de época Contemporânea.

A parede do dormitório, identificada como UE [36] e o seu respetivo alicerce UE [35], possivelmente terão sido construídos no século XVIII, entre 1717/18, correspondendo ao momento em que se dá a reedificação desta sala (*Boletim nº130*: 48-49). Uma vez que não existe qualquer referência documental relativa ao derrube e reedificação de uma nova parede durante as obras de finais do século XIX e início do século XX, optámos por considerar que a parede UE [36] possuirá traços da sua edificação original (1717/18). No entanto, com o decorrer das mesmas obras, terá sido aberta uma vala UE [34], para trabalhos de restauro ou impermeabilização da estrutura. Esta nossa asserção baseia-se no facto do enchimento UE [33] ter abundantes fragmentos de faianças, para além de alguns fragmentos de cerâmica comum e cerâmica comum vidrada.



Quadro 6 – Espólio cerâmico da UE [31]



Quadro 7 – Espólio cerâmico da UE [33]

CCP

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
22	Areia muito fina, não argilosa, de coloração bege e pouco compacta. Contém pequenas/médias pedras de origem granítica e quartzítica, fragmentos de madeira e estuque	III	3		Enchimento da vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
23	Interface de secção em U, com base plana, aberto na UE [22].				Interface de ruptura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
24	Camada homogénea de areia muito fina, não argilosa, de coloração bege e muito compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica e quartzítica e fragmento de madeira.	II	2		Nível de entulhos associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX
25	Camada muito heterogénea de areia fina, argilosa, de coloração negra e medianamente compacta. Contém algumas pedras de origem granítica e quartzítica, de pequena e média dimensão. Apresenta muitas bolsas: de areia muito fina, não argilosa, castanha clara e pouco compacta; de areia muito fina, não argilosa, amarelada e medianamente compacta; de areia muito fina, não argilosa, cinzenta clara e muito compacta; de areia muito fina, pouco argilosa, cinzenta e castanha, medianamente compacta.	I, IV, V, VI, XIII	1, 4, 5, 6, 13	- Faianças; - Cerâmica comum vidrada (moderna/contemporânea); - Cerâmica comum (moderna/contemporânea); - Grés	Nível de enchimento associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX
26	Camada homogénea de areia muito fina, não argilosa, de coloração amarelada e medianamente compacta. Contém blocos de granito, fragmentos de argamassa e estuque.	VIII	8		Nível de enchimento associado possivelmente às obras do séc. XVIII (1717/18)
27	Camada heterogénea de areia muito fina, pouco argilosa, de coloração que varia entre os tons de cinzento e castanho, medianamente compacta. Contém blocos graníticos. Apresenta pequenas bolsas de areia fina, pouco argilosa, cinzenta escura; e de areia não argilosa de coloração esbranquiçada.	XII, X, IX	9, 10, 12		Nível de enchimento associado possivelmente às obras do séc. XVIII (1703)

Tabela 6 – Análise sinóptica da sondagem CCP

CCP

A sondagem CCP (Apêndice 1.7) localiza-se no interior da sala do dormitório, junto à parede Este [36] (Apêndice 1.1).

Interpretámos a UE [24] como um nível de entulhos associado às obras de adaptação, datadas de finais do século XIX e inícios do século XX (*Boletim n.º 130*: 52-55). Sob este nível, foram identificados vários níveis de enchimento, são eles as UEs [27], [26] e [25]. A UE [27] foi interpretada como estando associada às obras originadas pelo derrube da sala do dormitório, em 1703 (*Boletim n.º 130*: 48). A UE [26] poderá corresponder às obras de reconstrução da mesma sala, entre 1717/18 (*Boletim n.º 130*: 49) e por fim, a UE [25] poderá estar associada às obras de adaptação mais recentes, datadas de finais do século XIX e inícios do século XX (*Boletim n.º 130*: 52-55). Consentâneas a esta última fase de obras, poderão ser também as UEs [22] e [23], comuns às restantes sondagens realizadas na sala do dormitório (CCN, CCS e CCT), e correspondentes ao interface de rutura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório [23] e ao seu respetivo enchimento [22].

Nesta sondagem nenhuma UE apresentava espólio cerâmico, à exceção da UE [25], onde estavam presentes fragmentos de faianças, de cerâmica comum, de cerâmica comum vidrada e de grés.



Fig. 177



Fig. 179



Fig. 68



Fig. 114

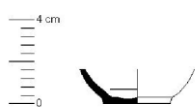


Fig. 85



Fig. 151

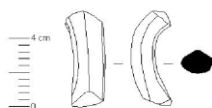


Fig. 161



Fig. 133



Fig. 199

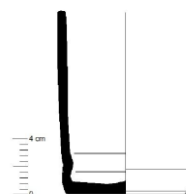


Fig. 238

Quadro 8 – Espólio cerâmico da UE [25]

CCT

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
22	Areia muito fina, não argilosa, de coloração bege e pouco compacta. Contém pequenas/médias pedras de origem granítica e quartzítica, fragmentos de madeira e estuque	II			Enchimento da vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
23	Interface de secção em U com base plana aberto na UE [22].				Interface de rutura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
37		I	1		Nível de entulhos possivelmente associados às obras dos séculos XIX/XX
40	Camada heterogénea de areia fina, muito argilosa, de coloração negra e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica, fragmentos de tijoleira e de argamassa. Apresenta pequenas bolsas de areia fina, pouco argilosa, castanha e medianamente compacta.	III, IV	2, 3, 4	- Faianças; - Cerâmica vidrada (moderna/contemporânea); - Cerâmica comum (moderna/contemporânea)	Nível de enchimento possivelmente associado às obras dos séculos XIX/XX
41	Camada que contém argamassa e estuque branco	V	5		Nível de entulhos possivelmente associados às obras dos séculos XIX/XX
42	Camada homogénea de areia fina, argilosa, de coloração castanha e muito compacta. Contém fragmentos de estuque e argamassa.	VI	6		Possível nível de ocupação (séc. XVIII?)

Tabela 7 – Análise sinóptica da sondagem CCT

CCT

A sondagem CCT (Apêndice 1.8) localiza-se no interior da sala do dormitório, junto à parede Oeste [36] (Apêndice 1.1).

Embora a UE [37] não apresentasse qualquer tipo de descrição, colocámos a hipótese de se tratar de um nível de entulhos associado às obras de adaptação no edificado, realizadas em finais do século XIX e inícios da centúria seguinte (*Boletim nº130*: 52-55).

A UE [40] foi interpretada no momento da escavação, em 1980, como um nível de ocupação, contudo, na nossa opinião esta camada não poderá constituir um nível de ocupação, uma vez que, não possui compacidade e regularidade compatível com a de um piso. Dadas as suas características/composição optámos por deixar como hipótese tratar-se de um nível de enchimento consentâneo à última fase de obras. É a única UE a apresentar espólio cerâmico, composto por alguns fragmentos de faianças, cerâmica comum e cerâmica comum vidrada.

Embora a descrição da UE [41] seja escassa e pouco esclarecedora, tendo em conta os materiais que surgem na sua composição, optámos por interpretá-la como uma camada de entulho associado à mesma fase de obras. Ainda consentâneas a essas obras poderão ser as UEs [22] e [23], presentes nas restantes sondagens realizadas na sala do dormitório (CCN, CCP e CCS), e correspondentes ao interface de rutura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório [23] e ao seu respetivo enchimento [22].

A UE [42], dada a sua compacidade e regularidade, poderá corresponder a um nível de ocupação do século XVIII, no entanto esta nossa asserção carece de confirmação.



Fig. 231



Fig. 101



Fig. 237



Fig. 221



Fig. 79



Fig. 185



Fig. 180

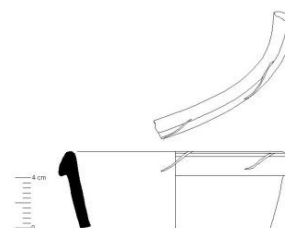


Fig. 181



Fig. 66

Quadro 9 – Espólio cerâmico da UE [40]

CCS

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
22	Areia muito fina, não argilosa, de coloração bege e pouco compacta. Contém pequenas/médias pedras de origem granítica e quartzítica, fragmentos de madeira e estuque	V			Enchimento da vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras de finais finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
23	Interface de secção em U com base plana aberto na UE [22].				Interface de rutura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório (possivelmente no âmbito das obras de finais do séc. XIX/inícios do séc. XX)
45		I	1	- Faianças; - Azulejos (datáveis dos sécs. XVIII/XIX)	Nível de entulhos associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios séc. XX
46	Camada heterogénea de areia fina, algo argilosa, de coloração negra e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica e quartzítica, fragmentos de estuque branco e de argamassa. Apresenta uma pequena bolsa de areia fina, não argilosa, bege e medianamente compacta.	II, III	2, 3	- Faianças; - Cerâmica comum (moderna/contemporânea); - Cerâmica vidrada (moderna/contemporânea)	Nível de entulhos associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios séc. XX
47	Camada homogénea, pouco compacta. Contém fragmentos de estuque branco e argamassa.	IV	4, 5		Nível de entulhos associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios séc. XX

Tabela 8 – Análise sinóptica da sondagem CCS

CCS

A sondagem CCS (Apêndice 1.9) localiza-se no interior da sala do dormitório, no ângulo Noroeste (Apêndice 1.1).

Embora a UE [45] não apresentasse qualquer tipo de descrição, deixámos a hipótese de se tratar de um nível de entulhos associado às obras de adaptação no edificado, realizadas em finais do século XIX e inícios da centúria seguinte (*Boletim nº130*: 52-55). A mesma interpretação foi dada às restantes UEs [46] e [47] tendo por base as suas características/composição. Estes níveis poderão ser o mesmo que foi designado por UE [37] na sondagem CCT.

Consentâneas a este momento de obras são também as UEs [22] e [23], presentes nas restantes sondagens realizadas na sala do dormitório (CCN, CCP e CCT), correspondendo ao interface de rutura associado à vala aberta para reboco da parede do dormitório [23] e ao seu respetivo enchimento [22].

Relativamente ao espólio cerâmico exumado nesta sondagem, na UE [45] estão presentes fragmentos de faianças e de azulejos (datáveis dos séculos XVII e XVIII) e na UE [46] encontram-se fragmentos de faianças, de cerâmica comum e de cerâmica comum vidrada.

Dadas as características semelhantes e o contexto em que se inserem, é possível que as UEs [46], [25] e [31] sejam equivalentes. Uma vez que não existe qualquer contacto físico entre as sondagens, optámos por assumir que se tratariam de UEs diferentes e como tal, foi atribuída uma numeração distinta. O mesmo se passa com as UEs [47] e [41] e com as UEs [27] e [42].



Fig. 191



Fig. 227



Fig. 45

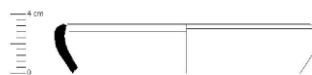


Fig. 202



Fig. 213



Fig. 76

Quadro 10 – Espólio cerâmico da UE [46]

Sondagens exteriores:

CC83G					
UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
48	Camada de coloração bege e muito compacta. Contém fragmentos de argamassa, cimento e outros materiais de construção.	I			Nível de entulhos possivelmente associado às obras de finais do séc. XIX/inícios séc. XX
49	Camada homogênea de terra argilosa, de coloração negra e medianamente compacta. Contém argamassa e fragmentos de outros materiais de construção	II			Revolvimento associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios séc. XX
50	Camada de coloração castanha e cinzenta, medianamente compacta. Contém fragmentos de granito, argamassa e outros materiais de construção	III	23, 31	-Cerâmica comum (moderna) - Cerâmica comum medieval (sécs. XI a XIII)	Nível de entulho possivelmente associado às obras do século XVIII (1717/18)
51	Camada heterogênea de areia fina, algo argilosa, de coloração cinzenta e pouco compacta. Contém fragmentos de materiais de construção e algumas pontas de carvão dispersas.	IV, V	29, 43, 44, 47, 49	- Cerâmica comum medieval (sécs. XI a XIII)	Nível de revolvimento possivelmente associado a obras decorridas nos séculos XIII/XIV
52	Camada heterogênea de areia fina, argilosa, de coloração negra e medianamente compacta. Contém fragmentos de materiais de construção e algumas pontas de carvão dispersas.	VI, VII	30, 32, 46, 48, 50, 51, 52	- Cerâmica comum medieval (sécs. XI a XIII)	Nível de enchimento possivelmente associado a obras decorridas nos séculos XIII/XIV
53	Camada de areia muito fina, argilosa, de coloração castanha e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica e quartzítica, fragmentos de argamassa e outros materiais de construção e algumas pontas de carvão dispersas.	XI	53		Nível de entulhos possivelmente associado a obras decorridas nos séculos XIII/XIV

Tabela 9 – Análise sinóptica da sondagem CC83G

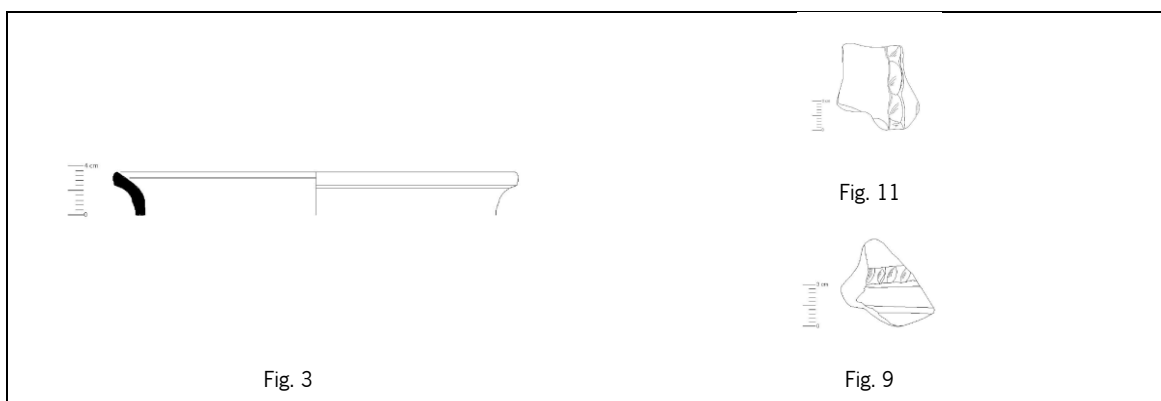
Sondagem CC83G

A sondagem CC83G (Apêndice 1.10) foi realizada no exterior do mosteiro junto à fachada Oeste do dormitório (Apêndice 1.1).

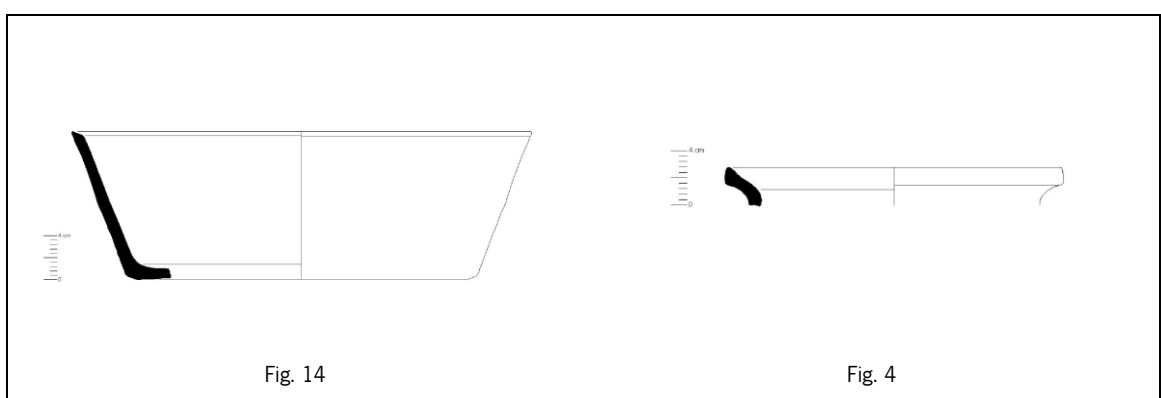
As UEs [48] e [49] foram interpretadas como níveis de entulho e revolvimento de época contemporânea, associados às obras de adaptação do edificado, a partir do momento em que este passa para a posse de privados, em finais do século XIX e inícios da centúria seguinte. Sob estes 2 níveis foi identificada a UE [50] que, pelas suas características/composição, poderá ser interpretada como um nível de entulho resultante, provavelmente, das obras de reconstrução da sala do dormitório, em 1717/18 (*Boletim nº130*: 48-49).

A UE [51] foi interpretada primariamente, em 1983, como um nível de ocupação balizado cronologicamente entre os séculos XII e XIII. No entanto, na nossa opinião, esta UE não deverá constituir um nível de ocupação, uma vez que, não possui regularidade e compacidade compatível com a de um piso. Relativamente à datação proposta, nesta UE estão presentes fragmentos cerâmicos que encontram paralelo em cerâmicas cronologicamente enquadráveis nos séculos XI a XIII. Colocámos a hipótese destes materiais serem fruto do revolvimento de uma obra medieval, provavelmente, levada a cabo nos séculos XIII ou XIV, momento coincidente com a ocupação do local pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho. Tal poderá estar relacionada com um grande momento de obras decorrido, possivelmente no século XIII, e em que se insere, por exemplo, construção do claustro românico (*Boletim nº 130*: 37). O mesmo se passa com a UE [52], tendo sido interpretada primariamente, em 1983, como um nível de ocupação românica. Assim como no caso anterior, as suas características não correspondem às de um piso e provavelmente não poderia ser datado de época românica, uma vez que apresenta o mesmo tipo de inclusões culturais da UE anterior, por isso, deixámos a hipótese de se tratar de um nível de enchimento consentâneo das mesmas obras.

A UE [53] foi interpretada, em 1983, como um nível de ocupação pré-românico. Na nossa interpretação poderá tratar-se de um nível de entulhos associado às obras acima referidas, uma vez que, assim como nos casos anteriores, não possui características associadas a um piso e apenas apresenta fragmentos cerâmicos similares às UEs anteriores, enquadráveis entre os séculos XI e XIII.



Quadro 11 – Espólio cerâmico da UE [50]



Quadro 12 – Espólio cerâmico da UE [51]

UE	Caracterização	Estratos	Complexos	Espólio	Interpretação
1	Camada sedimentar de coloração cinzenta clara. Contém pequenas pedras de granito e fragmentos de telha e tijoleira.	I			Nível de ocupação do séc. XX
2	Camada homogênea de areia fina, argilosa, de coloração cinzenta escura e pouco/medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica e muitos fragmentos de argamassa e telha.	II			Nível de entulho associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios XX
3	Camada heterogênea de areia muito fina, algo argilosa, de coloração castanha acinzentada e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica e alguns fragmentos de telha e tijoleira.	III, IV	36, 37, 38	-Cerâmica comum vidrada (moderna/contemporânea) -Cerâmica comum (moderna/contemporânea) - Cerâmica comum (medieval (sécs. VI/VII a X)	Nível de entulho associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios XX
4	Camada heterogênea de areão grosseiro misturado com areia fina, algo argilosa, de coloração variável entre os tons de cinzento e castanho, pouco compacta. Contém pequenas/médias pedras de origem granítica e bastantes fragmentos de telha e tijoleira. Apresenta uma pequena bolsa de argila amarelada pouco compacta.	V, VI	39, 40	Cerâmica comum moderna e medieval (sécs. XIII a XIV)	Nível de entulho associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios XX
5	Camada heterogênea de areia muito fina, algo argilosa, de coloração castanha escura e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de granito, fragmentos de telha e tijoleira.	VII	41, 42, 56, 57, 63	Faianças; cerâmica vidrada	Nível de entulho associado possivelmente às obras de finais do séc. XIX/inícios XX
6	Interface de secção em V com base ovalada, corta as UEs [10] e [14].				Interface de rutura associado à vala aberta para remodelação do muro UE [11] (possivelmente no âmbito das obras do séc. XVIII)
7	Areia fina, argilosa, de coloração acastanhada e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de granito e fragmentos de telha e tijoleira	XV, 87	71, 78		Enchimento da vala aberta para remodelação do muro UE [11]
8	Interface de secção em V com base ovalada, corta as UEs [10], [13] e [17].				Interface de rutura associado à vala aberta para remodelação do muro UE [18] (possivelmente no âmbito das obras do séc. XVI)
9	Areia fina, algo argilosa, de coloração cinzenta acastanhada e medianamente compacta. Contém pequenas/médias pedras de origem granítica, fragmentos de telha e tijoleira.	XI	62, 69	- Cerâmica comum medieval (sécs. XIII a XIV)	Enchimento da vala aberta para remodelação do muro UE [18] (possivelmente no âmbito das obras do séc. XVI)
10	Camada heterogênea de areia muito fina, algo argilosa, de coloração castanho-escuro e medianamente compacta. Apresenta bolsas: de areia fina, argilosa, de coloração cinzento acastanhado e medianamente compacta; de argila amarelada e medianamente compacta.	VIII, IX, X	54, 55, 58, 59, 72, 77	-Faianças; -Cerâmica comum (moderna)	Nível de enchimento rompido pelos interfaces [6] e [8]
11	Muro de granito de aparelho grande e regular com cerca de 1.25 m de comprimento por 2 m de altura.				Remodelação/acrescento realizado possivelmente no séc. XVIII

12	Alicerce de granito de aparelho grande e irregular com cerca de 0.85 m de comprimento e 1.30 m de altura.				Alicerce possivelmente do séc. IX/X
13	Camada heterogénea de areia muito fina, algo argilosa, de coloração castanha acinzentada e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica. Apresenta bolsas: de areia muito fina, algo argilosa, castanha acinzentada e pouco compacta; avermelhadas e medianamente compactas.	XII, XIII, XIV	60, 61, 66, 68, 70	- Cerâmica comum (moderna); - Cerâmica comum medieval (sécs. XI a XIII)	Nivelamento/enchimento possivelmente dos séculos XIII/XIV
14	Camada heterogénea de areia muito fina, argilosa, de coloração cinzenta escura e medianamente compacta. Contém pequenas pedras de origem granítica, alguns fragmentos de telha e tijoleira e restos ósseos humanos. Apresenta bolsas de grande dimensão: de areia fina, argilosa, cinzenta/cinzenta escura e medianamente compacta; de areia muito fina, argilosa, castanha escura e medianamente compacta	XVI, XVII, XVIII	73, 74, 75, 76, 79, 80, 83, 84, 86, 88	- Cerâmica comum medieval (sécs. VI/VII a XIV))	Nivelamento após a construção do alicerce UE [12], cortado pelos interfaces UEs [6] e [8] (possivelmente dos séculos XIII/XIV)
15	Canalização composta por silhares em granito de grandes dimensões, com cerca de 1.25 m de comprimento forma um canal que vai alargando a Oeste ao longo do alicerce.				Canalização (possivelmente do séc. IX/X)
16	Interface de secção em V com base ovalada, corta as UEs [13] e [14].				Interface de rutura associado à vala de fundação do alicerce UE [19]. (possivelmente inserido no séc. XVI)
17		X	65, 67		Enchimento da vala de fundação do alicerce UE [19]. (possivelmente inserido no séc. XVI)
18	Muro de granito de aparelho grande e regular com cerca de 1.20 m de comprimento por 1.70 m de altura.				Remodelação/acrescento realizado possivelmente no séc. XVI
19	Alicerce composto por pedras de granito de aparelho grande e irregular com cerca de 1.60 m de comprimento por 1.50 m de altura.				Alicerce possivelmente do séc. XVI
20	Camada homogénea de areia muito fina, argilosa, de coloração castanha escura e medianamente compacta. Contém algumas pontas de carvão.			- Cerâmica comum medieval (sécs. VIII/IX)	Enchimento após a desafetação da canalização. (possivelmente nos sécs. IX/X)

Tabela 10 – Análise sinóptica da sondagem CC83K

Sondagem CC83K

A sondagem CC83K (Apêndice 1.11) foi efetuada no exterior do mosteiro junto à fachada norte da igreja (Apêndice 1.1).

A UE [1] foi interpretada como correspondendo ao último nível de ocupação do local, no século XX. Sob esta camada foram identificados, com base nas suas características/composição, vários níveis de entulho associados, possivelmente, às obras de adaptação decorridas em finais do século XIX e inícios do século XX: são eles as UEs [2], [3], [4] e [5] (*Boletim n.º 130*: 54)

A UE [10], dadas as suas características/composição, poderá corresponder a um nível de enchimento que sela os níveis da baixa Idade Média, UE [13], e é cortado pelos interfaces UEs [6] e [8] que resultam de dois momentos de remodelação/reparação do edificado.

Segundo a documentação (*Boletim n.º 130*: 48-51), o século XVIII foi marcado por grandiosas obras, que englobaram uma série de remodelações e construções de estruturas. Consentâneo com estas obras poderá ser o interface de rutura UE [6] e seu respetivo enchimento UE [7] que estará relacionado com a construção da estrutura UE [11]. Apesar da cultura material não acompanhar esta proposta interpretativa, chegámos a esta asserção pelo cruzamento da documentação com as relações estratigráficas, para tal, tivemos por base a relação física da estrutura UE [11] com a estrutura UE [18] e seu alicerce UE [19], já que é notório o assentamento da referida estrutura sobre este último indiciando-nos a sua posterioridade relativamente a todas as outras construções.

A estrutura UE [18] e seu alicerce UE [19] estão intimamente ligados ao interface de rutura UE [8] e seu enchimento [9], que constituirão a vala de fundação destas estruturas. Os materiais exumados do enchimento UE [9] – datáveis dos séculos XIII/XIV – indiciam que este corte poderá ter ocorrido no século XV, o que situará estas construções numa época de transição da Idade Média para a época Moderna, apesar da documentação (*Boletim n.º 130*:45) apenas fazer referência a uma grande remodelação do edifício já no século XVI.

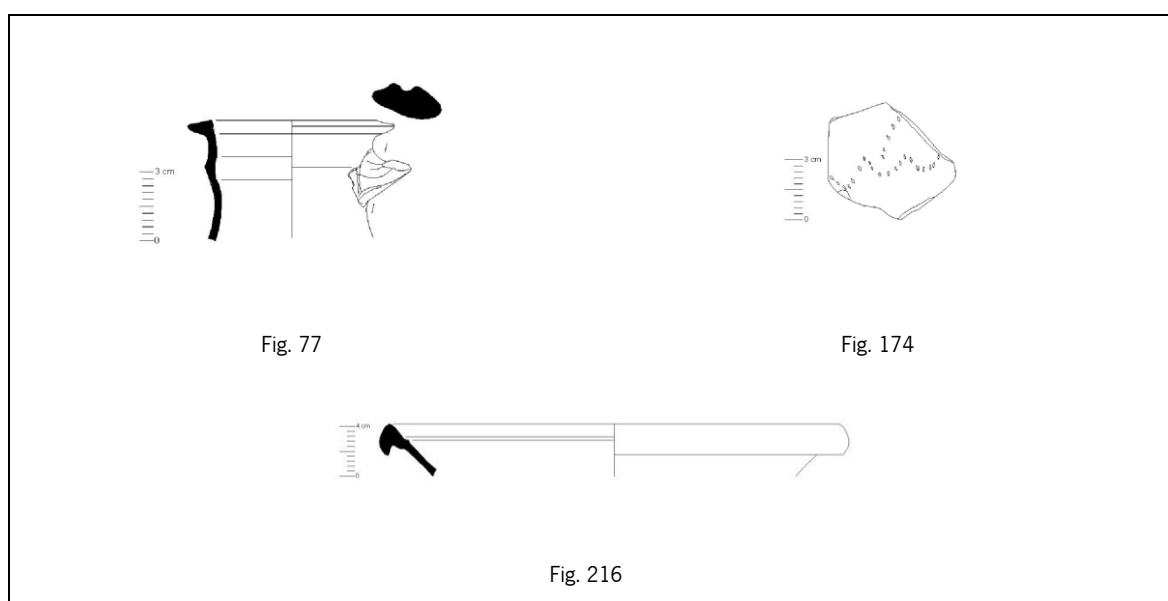
Sob o interface UE [8] e o seu respetivo enchimento [9] surge uma pequena diferenciação na estratigrafia, à qual atribuímos o interface UE [16] e o seu respetivo enchimento UE [17], contudo, é possível que estes correspondam ao mesmo momento descrito anteriormente e ambos estarem relacionados com a mesma vala de fundação para a construção do alicerce UE [19] e da estrutura UE [18].

No alicerce UE [19] é notório o aproveitamento de algumas pedras de construções anteriores, apesar do registo gráfico e fotográfico não ser muito claro. Este alicerce parece assentar sobre sedimento e ser composto por silhares nitidamente trabalhados, um dos quais assemelhando-se a uma ombreira de uma porta. Este elemento encosta ao alicerce UE [12], o qual parece corresponder à construção mais antiga desta zona.

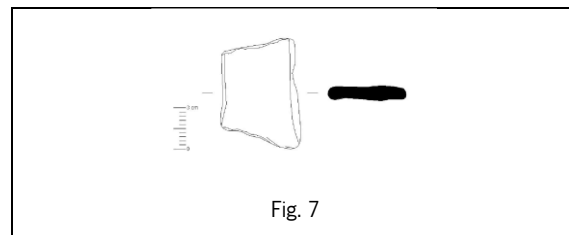
Sob o nível de enchimento UE [13], surge-nos a UE [14] parecendo corresponder também a um enchimento ou nivelamento. Esta camada foi cortada pelos interfaces referidos anteriormente, UEs [6] e [8] e respetivos enchimentos, possuindo materiais da baixa Idade Média, entre os quais uma asa com vestígios de um revestimento vidrado, possivelmente datada do século XIV. Estes níveis selam uma canalização, UE [15], que poderá estar cronologicamente situada entre os séculos IX/X, tendo por base os materiais retirados do seu enchimento/desafetação, UE [20], sendo que este último encosta ao alicerce UE [12], remetendo-nos para uma cronologia consentânea para esta estrutura.



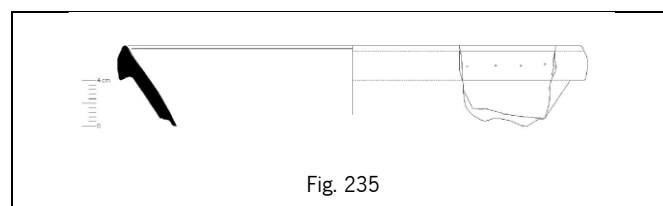
Figura 6 – Canalização da sondagem CC83K. Imagem cedida pelo MDDS



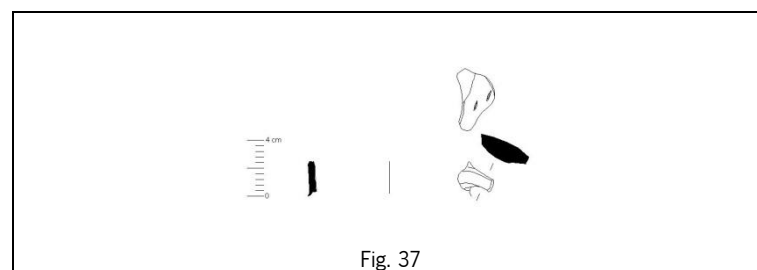
Quadro 13 – Espólio cerâmico da UE [3]



Quadro 14– Espólio cerâmico da UE [13]



Quadro 15– Espólio cerâmico da UE [5]



Quadro 16 – Espólio cerâmico da UE [14]

Parte III – As cerâmicas comuns medievais, modernas e contemporâneas

Antes de nos debruçarmos no estudo das cerâmicas que integram este capítulo, fazemos uma breve referência à possibilidade da existência de espólio cerâmico que poderá remontar à época Romana. Trata-se de um fragmento indeterminado de cerâmica comum, cujas características parecem apontar para esta cronologia. Contudo, este surge num nível de enchimento possivelmente datado dos séculos IX/X (UE [20]), sem qualquer associação a estruturas romanas e, com um grau de fragmentação demasiado elevado para afirmá-lo sem restrições, razões pelas quais optámos por não o incluir em nenhum dos grupos cerâmicos definidos.

3.1 Cerâmicas medievais

3.1.1 Fabricos

O conjunto que designámos como “Fabricos Medievais A” é composto por 25 fragmentos (correspondentes a paredes de formas indeterminadas) e foi dividido em 3 grupos de fabricos distintos:

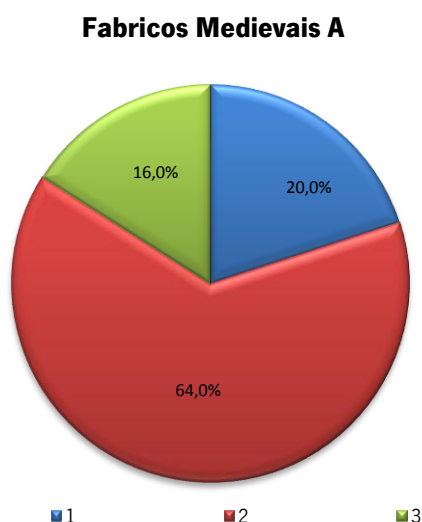


Gráfico 1 – Percentagem dos fabricos medievais A

O **fabrico 1** está representado por apenas 5 fragmentos (20%) e é formado por cerâmicas de pasta grosseira, cinzenta clara (Munsell 5Y 7/1), pouco dura e porosa. Os desengordurantes estão presentes em grande quantidade, sendo compostos por partículas de

mica prateada e grãos de quartzo esbranquiçado de média dimensão. A superfície externa é rugosa e da mesma cor da pasta.

Trata-se de uma pasta que encontra paralelo nas estações arqueológicas de Dume, Braga (Fontes e Gaspar, 1997; Gaspar, 2003), estando normalmente associada a contextos suevo-visigóticos.

O **fabrigo 2** é composto por 16 fragmentos (64%) e está formado por fragmentos de pasta grosseira, bege acinzentada (Munsell 10YR 6/2), pouco dura e muito porosa com desengordurantes compostos por algumas partículas de mica e grãos de quartzo esbranquiçado de pequena e média dimensão. A superfície externa, da mesma cor da pasta, é rugosa.

Pastas semelhantes podem ser encontradas nas estações arqueológicas de Dume, Braga (Fontes e Gaspar, 1997; Gaspar, 2003) e em Penafiel de Bastuço, Braga (Fontes e Regalo, 1998), com cronologias enquadráveis nos séculos VIII-XI.

O **fabrigo 3** encontra-se representado por apenas 4 fragmentos (13%). São pastas grosseiras, castanhas acinzentadas (Munsell 10YR 6/2), pouco duras e algo porosas. Os desengordurantes estão presentes em abundante quantidade, sendo compostos por algumas partículas de mica prateada e grãos de quartzo esbranquiçado de grandes dimensões. A superfície externa, de cor cinzenta acastanhada (Munsell 10YR 5/2), é rugosa.

São pastas que encontram paralelo na estação arqueológica de Dume, Braga (Fontes e Gaspar, 1997; Gaspar, 2003) com cronologias atribuídas aos séculos VIII-IX.

Os restantes fabricos comuns medievais (compostos por fragmentos de bordos, fundos, asas e fragmentos decorados de forma indeterminada) representam 10 grupos, correspondendo a um total de 84 fragmentos.

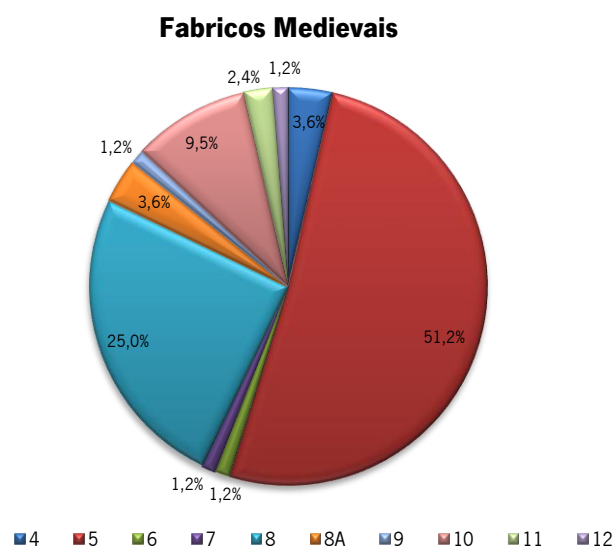


Gráfico 2 – Percentagem dos fabricos medievais

O fabrico 4 surge como um pouco numeroso, representado por apenas 3 fragmentos (3,6%). É formado por cerâmicas de pasta grosseira, cinzenta clara (Munsell 5Y 7/1), pouco dura e porosa. Os desgordurantes são constituídos por partículas de mica prateada e alguns grãos de quartzo esbranquiçado de pequena e média dimensão. A superfície externa é rugosa, da mesma cor da pasta.⁵

O fabrico 5 representa o grupo medieval mais numeroso, estando composto por 43 fragmentos (51,2%). São cerâmicas de pasta grosseira, cinzenta clara (Munsell 5Y 7/1), pouco dura e muito porosa. Os desgordurantes são constituídos por grande quantidade de mica prateada, biotite e quartzo esbranquiçado de pequena e média dimensão. A superfície externa, normalmente da mesma cor da pasta, é rugosa, sendo, por vezes visíveis, os desgordurantes acima referidos.

Pastas semelhantes podem ser encontradas em Penafiel de Bastuço, Braga (Fontes e Regalo, 1998), Castelo do Lindoso, Viana do Castelo (Fontes n.p.) e em Tibães, Braga (Fontes n.p.).

⁵ Segundo Luís Fontes estas pastas encontram paralelos em cerâmicas provenientes de contextos arqueológicos datados dos sécs. IX/X.

O **fabrico 6** encontra-se representado apenas por um fragmento (1,2%). É uma pasta grosseira, de cor cinzenta acastanhada (Munsell 2.5Y 6/2), dura mas relativamente porosa. Os desgordurantes são constituídos por pequenas partículas de mica prateada, cerâmica moída e grãos de quartzo esbranquiçado, de pequena e média dimensão. A superfície externa, de coloração cinzenta muito escura (Munsell 2.5Y 3/1) é alisada e relativamente irregular.

Pastas semelhantes surgem em Dume, Braga (Fontes e Gaspar, 1997; Gaspar, 2003) com cronologias atribuídas aos séculos IX/X.

O **fabrico 7** também se encontra representado com apenas um fragmento (1,2%). É uma pasta relativamente fina, de cor bege (Munsell 10YR 8/4), pouco dura e porosa. Os desgordurantes estão presentes em grande quantidade, sendo constituídos por pequenas partículas de mica prateada e alguns grãos de quartzo, esbranquiçados, de pequena e média dimensão. A superfície externa é rugosa, da cor da pasta podendo apresentar uma ligeira aguada de cor acinzentada (10YR 7/1).

A mesma produção aparece na rua de N^a S^a do Leite, em Braga (Gaspar, 1985), em contextos medievais, datáveis dos séculos XIII/XIV.

O **fabrico 8** constitui um grupo numeroso, composto por 21 fragmentos (25%). Está formado por cerâmicas finas, de cor bege claro (Munsell 10YR 8/3), exceccionalmente o cerne pode ser cinzento. As pastas são duras e de toque sonoro, com rara quantidade de desgordurantes, constituídos essencialmente por pequenas partículas de mica prateada e alguns grãos de quartzo. Este último esbranquiçado, de pequena e média dimensão. A superfície externa, é sempre alisada, e pode apresentar uma aguada de cor castanha acinzentada (Munsell 10YR 6/2), homogénea ou sob a forma de manchas irregulares.

A mesma produção surge na rua de N^a S^a do Leite, em Braga (Gaspar, 1985), em contextos medievais, datáveis do século XIII/XIV.

Neste fabrico pode incluir-se um subgrupo, que designamos por **fabrico 8A**. Este subgrupo está apenas representado por 2 fragmentos (3,6%). É constituído por cerâmicas finas, de cor castanha acinzentada (Munsell 10YR 5/2), dura e pouco porosa, com desgordurantes constituídos por pequenas partículas de mica prateada e por grãos de quartzo esbranquiçado, de

pequena e média dimensão. A superfície externa, alisada, possui uma aguada de cor cinzenta acastanhada (Munsell 10YR 6/2).

Assim como no caso anterior, estas pastas encontram paralelo na Rua N^a S^a do Leite, em Braga (Gaspar, 1985), enquadráveis cronologicamente nos séculos XIII/XIV.

O fabrico 9 está representado apenas por um fragmento (1,2%). É uma pasta relativamente fina, de cor bege tenuemente acinzentada (Munsell 10YR 7/3), pouco dura e relativamente porosa. Os desgordurantes são constituídos por grande quantidade de mica acompanhada por quartzo esbranquiçado de média dimensão. A superfície externa, da mesma cor da pasta, é rugosa.

Este fabrico encontra paralelo na rua de N^a S^a do Leite, em Braga (Gaspar, 1985), em contextos medievais, datáveis do século XIII/XIV.

O fabrico 10 surge como um grupo pouco numeroso, formado por 8 fragmentos (9,5%). Genericamente é composto por cerâmicas de pasta fina, cinzenta muito escura (Munsell 5Y 4/1), dura e pouco porosa. Os desgordurantes estão representados por uma grande quantidade de mica prateada e alguns grãos de quartzo esbranquiçado de pequena dimensão. A superfície externa, da mesma cor da pasta, é alisada.

Pastas semelhantes podem ser encontradas na Rua de N^a S^a do Leite, em Braga, datáveis dos séculos XIII/XIV (Gaspar, 1985).

O fabrico 11 é representado apenas por 2 fragmentos (2,4%). São pastas relativamente finas, de cor bege (Munsell 10YR 8/3), pouco duras e muito porosas. Os desgordurantes são compostos por grãos de quartzo esbranquiçado de média dimensão. A superfície, da mesma cor da pasta, é muito rugosa.

Estas pastas encontram paralelo na rua de N^a S^a do Leite, em Braga (Gaspar, 1985), em contextos medievais, datáveis do século XIII/XIV.

O fabrico 12 (vidrado) está representado apenas por um fragmento (1,2%). É uma pasta de cor relativamente fina, bege (Munsell 10YR 7/3), pouco dura e pouco porosa com desgordurantes compostos por pequenos grãos de quartzo esbranquiçado e cerâmica moída. A

superfície externa é da mesma cor da pasta com vestígios de um revestimento vidrado verde amarelado.

Cerâmicas semelhantes surgem em Viseu (Rodrigues, 2012) ou na Casa do Infante, no Porto (Real *et al.*, 1995), em níveis datados da 1^a metade do século XIV. Têm vindo a ser consideradas cerâmicas de importação, uma vez que, é clara a semelhança com as cerâmicas vidradas dos séculos XIII e XIV da região de Paris-Rouen (Real *et al.*, 1995).

3.1.2 Análise Morfológica

O relatório de peças identificadas inclui jarros, panelas, alguidares e potes.

Os jarros revelam um claro predomínio em relação às restantes formas, com 21,4%, seguindo-se as panelas, com 11,9%, os potes, com 10,7%, e, por fim, os alguidares, com 2,4%.

Destaca-se também a presença de fragmentos decorados com cordões plásticos ou com linhas incisadas, aos quais não foi possível atribuir uma forma específica, representando 23,8% dos fragmentos em estudo.

Em 29,8% dos casos não foi possível a atribuição de uma forma aos fragmentos.

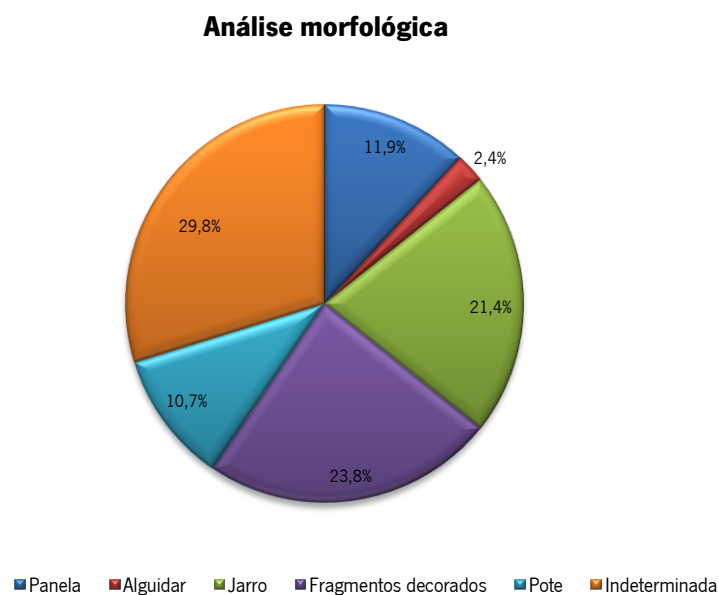


Gráfico 3 – Percentagens por tipos das cerâmicas medievais

Fabrico	Forma	Obs	PC	B	F	A	FD	TF
4	Panela			1		1		2
	Indeterminada			1				1
Total				2		1		3
5	Panela			6		2		8
	Jarro					1		1
	Indeterminada			4	12	4	14	34
Total				10	12	7	14	43
6	Alguidar		1					1
Total				1				1
7	Alguidar				1			1
Total					1			1
8	Jarro	Bico: 2		9	1			12
	Pote			2				2
	Indeterminada					1	6	7
Total				2	11	1	6	21
8A	Jarro				1	1		2
	Indeterminada			1				1
Total				1	1	1		3
9	Jarro			1				1
Total				1				1
10	Pote		1	5	1			7
	Indeterminada					1		1
Total				1	5	1	1	8
11	Jarro			1	1			2
Total				1	1			2
12	Indeterminada					1		1
Total						1		1
								84

Tabela 11 – Análise morfológica das cerâmicas medievais por fabrico

3.1.2.1 Painelas

As painelas apresentam pouca variedade formal, são normalmente de perfil em “S”, com o bordo esvasado, podendo possuir asas. Os diâmetros oscilam entre os 15 e os 30 cm, sendo que maioria pertence ao fabrico 5.

Possuem, de acordo com a bibliografia consultada (Silva e Ribeiro, 2008:55), uma lata cronologia, que vai do século XI ao século XIV, dada a sua perduração no tempo, são pouco relevantes como indicador cronológico.

Os exemplares estudados encontram um paralelo próximo na estação arqueológica medieval de Sta. Cruz da Vilariça (Rodrigues e Rebanda, 1998:121-123), com uma cronologia atribuída a finais do séc. XIII/inícios do séc. XIV.

O único exemplar decorado (estampa 2, fig. 5), apresenta um cordão plástico com impressões triangulares, colocado sob o colo. Esta decoração encontra paralelo em peças encontradas em Sta. Cruz da Vilariça (id.: 124), ainda que com formas distintas.

3.1.2.2 Jarros

Os jarros distinguem-se pelo menor diâmetro de boca e por possuírem um colo relativamente alto, por vezes, associados a asas de fita.

A diversidade formal não é muito variada. A maioria dos jarros (estampa 7, figs. 16-18) apresenta características formais semelhantes e pertencem ao fabrico 8, sendo genericamente caracterizados por uma reduzida espessura das paredes, que se caracterizam por possuir uma face estriada. Os diâmetros oscilam entre 10 e 15 cm e apresentam geralmente uma pequena aba horizontal caracterizada por um estrangulamento no ponto de junção desta com a parede interna.

As bases são normalmente planas e o arranque da parede é perpendicular ao fundo, fletindo depois para o exterior, originando um estrangulamento da parede que liga o bojo à base (estampa 10, fig. 29).

Estes jarros, que aparecem referidos como pichéis bragueses na Inquirição mandada fazer por D. Afonso IV em 1339 (Silva, 2011), encontram paralelo em exemplares da baixa Idade Média, provenientes da rua de N^a S^a do Leite, Braga (Gaspar, 1985:XV e XVI), com uma cronologia

atribuída a finais séc. XIII/inícios do séc. XIV (figs. 7 e 8). No entanto, é frequente o aparecimento de fragmentos destes jarros em diversas escavações do Norte do País, nomeadamente em Guimarães, estando presentes no Núcleo Arqueológico da Associação Comercial e Industrial de Guimarães (Fernandes *et al.*, 2010: 25,58), no Porto, nas escavações do morro da Sé (Real *et al.*, 1985-86:13) e na Casa do Infante (Real *et al.*, 1995: 176; Silva, 2011).

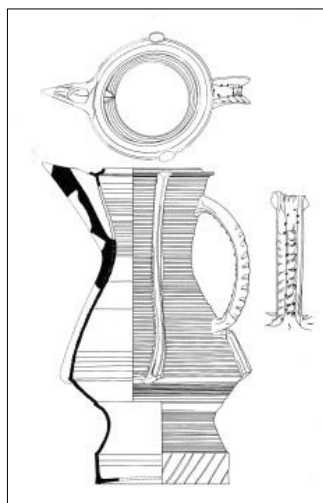


Figura 7 – Jarro/pichel (perfil completo)⁶

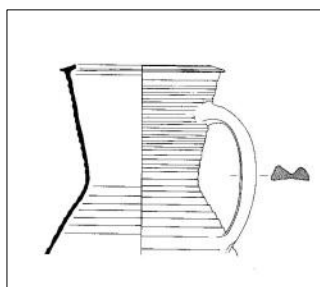


Figura 8 – Jarro/pichel⁷

Refira-se ainda um outro tipo de jarro (estampa 11, fig. 30) que se caracteriza por possuir um perfil em “S”, colo côncavo e uma asa de fita vertical que arranca do colo, decorada com uma incisão. Este exemplar encontra paralelo num jarro encontrado em Sta. Cruz da Vilarça (Rodrigues e Rebanda 1998:119), também com uma cronologia de finais do séc. XIII/inícios séc. XIV.

3.1.2.3 Alguidares

Destacam-se apenas dois alguidares, o primeiro, de corpo troncocónico, lábio biselado e fundo plano, com um diâmetro superior a 40 cm (estampa 5, fig. 14).

O segundo alguidar (estampa 6, fig. 15) é representado apenas por um fundo em disco, que se caracteriza por ser saliente (estampa 6, fig. 15). São peças bastante recorrentes em contextos medievais do Norte e Centro de Portugal, aparecendo também na Galiza e em Leão. Não existe uma cronologia exata para este tipo de alguidares, podendo ter sido produzidos desde os meados do século XI até aos inícios do século XIV (Silva e Ribeiro 2008:56). O nosso alguidar, de

⁶ Gaspar, 1985: XV

⁷ Gaspar, 1985: XVI, 5

fundo plano e moldurado na face superior, com decoração golpeada (fig. 9), é idêntico a exemplares coetâneos, provenientes da rua de N^a S^a do Leite, Braga (Gaspar, 1985:XVI, fig. 5) com uma cronologia atribuída a finais séc. XIII/inícios XIV (fig. 3). Este tipo de alguidares, são muito comuns no período medievo, tal como comprovam os exemplares recolhidos, por exemplo, em Sta. Cruz da Vilariça (Rodrigues e Rebanda, 1998) e no Baldoeiro (Rodrigues e Rebanda, 1995), datados da 2^a metade do século XII e finais do séc. XIII/inícios séc. XIV, respetivamente.



Figura 9 – Alguidar de fundo em disco (Mosteiro de Sta. Marinha da Costa).
Imagem cedida pelo MDDS

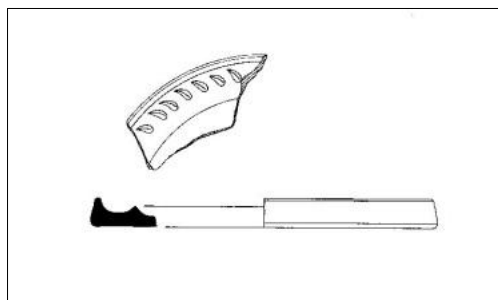


Figura 10 – Alguidar de fundo em disco (R. N^a S^a do Leite)⁸

3.1.2.4 Potes

É uma família tipológica mais complexa, em que coexistem variantes e formatos diferenciados, são formas de pequena dimensão e que estão presentes apenas nos fabricos 8 e 10.

Na sua maioria, possuem um bordo que termina em gancho ou em forma de martelo, que forma um ligeiro estrangulamento no seu ponto de junção com a parede interna (estampa 8: figs. 22-23). Este tipo de pote encontra paralelo em exemplares provenientes da Rua de N^a S^a do Leite em Braga (Gaspar, 1985: XIV, figs. 6-8,10,14).

Destacámos ainda a presença de um pote representado por um perfil completo (estampa 12, fig. 31), trata-se de um pote perfil em “S”, de pequenas dimensões, cujo diâmetro não atinge os 10 cm. Este último encontra paralelo em exemplares provenientes na Rua N^a S^a do Leite, em Braga (Gaspar, 1985: XIX, fig. 6)

⁸ Gaspar, 1985: XVI, 5

3.1.2.5 Fragmentos decorados de forma indeterminada

A aplicação de cordões plásticos, em disposição horizontal ou cruzada, é uma das matrizes ornamentais mais recorrentes. Normalmente são cordões pouco espessos com marcas digitadas ou tratados de forma que lhes confere um aspeto “cordiforme” (estampas 3 e 4) e (fig. 11). Fragmentos com decoração semelhante são frequentes em cronologias afins aos fragmentos em estudo, estando presentes, por exemplo, no Castelo de Arouca (Silva e Ribeiro, 2008:54, figs. 6 e 7), no Baldoeiro (Rodrigues e Rebanda, 1995:63, figs. 37-40) e Sta. Cruz da Vilariça (Rodrigues e Rebanda, 1998:126).

O segundo grupo ornamental é constituído pela presença de linhas incisas horizontais, oblíquas ou onduladas (estampa 9) e (fig. 12). Era frequente que o oleiro medievo recorresse às linhas incisas onduladas, normalmente para a decoração de panelas, como se documenta noutros sítios arqueológicos da mesma cronologia (Silva e Ribeiro, 2008:54). Fragmentos com decoração semelhante podem ser encontrados, por exemplo, na Rua N^a S^a do Leite, em Braga, (GASPAR, A. 1985: XVI) ou em Sta. Cruz da Vilariça (Rodrigues e Rebanda, 1998:113-114).

Merece ainda destaque, a presença de uma asa (estampa 14, fig. 37) com vestígios de um revestimento vidrado verde amarelado e com uma decoração golpeada. Trata-se de uma peça de aspeto arcaico cuja presença não é de fácil contextualização, podendo ser interpretada como objeto de importação (Silva e Ribeiro, 2008:54).



Figura 11 – Fragmentos decorados com cordões plásticos. Imagem cedida pelo MDDS



Figura 12 – Fragmentos decorados com linhas incisas. Imagem cedida pelo MDDS

3.2 Cerâmicas modernas

3.2.1 Fabricos

Os fabricos comuns modernos foram divididos em 4 grupos, correspondentes a um total de 454 fragmentos.

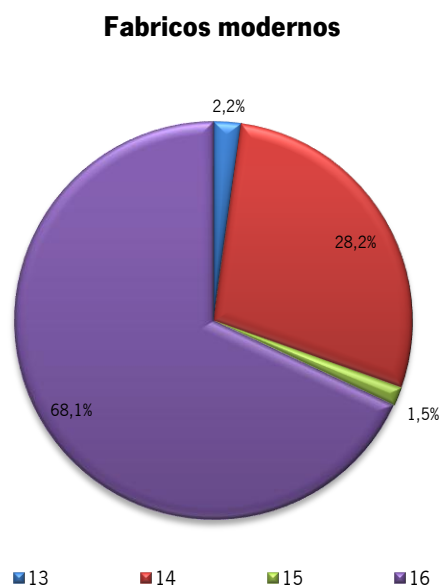


Gráfico 4 – Percentagem por fabricos modernos

O fabrico 13 surge como um grupo pouco numeroso, estando representado por 10 fragmentos (2,2%). Está formado por cerâmicas de pasta fina, cinzenta escura (Munsell 5Y 4/1), dura e pouco porosa. Os desgordurantes são constituídos por pequenas partículas de mica acompanhada de alguns grãos de quartzo esbranquiçado de pequena dimensão. A superfície externa é alisada com uma coloração que varia entre cinzento claro (Munsell 5Y 7/1) e cinzento muito escuro (Munsell 5Y 3/1).

A mesma produção surge na Casa do Infante (Barreira *et al.*, 1998) em contextos modernos (séculos XVI a XVIII) e com centros de produção ligados a Prado.

O fabrico 14 constitui um dos grupos mais numeroso, sendo composto por 128 fragmentos (28,2%). Está formado por cerâmicas de pasta fina cuja cor varia entre o cinzento claro (Munsell 5Y 7/1) e o cinzento-escuro (Munsell 5Y 4/1). São pastas pouco duras e porosas, com desgordurantes em abundante quantidade, constituídos por mica, biotite e grãos de quartzo.

Estes últimos são esbranquiçados e translúcidos de pequena e média dimensão. A superfície externa é rugosa, da mesma cor da pasta.

Produção semelhante surge na Casa do Infante (Barreira *et al.*, 1998) em contextos modernos (séculos XVI a XVIII) e com centro de produção em Prado.

O fabrico 15 está representado apenas por 7 fragmentos (1,5%). Está formado por cerâmicas relativamente finas, de cor laranja avermelhada (Munsell 2.5YR 6/8), dura e pouco porosa. Os desgordurantes estão presentes em rara quantidade, e são compostos por partículas de mica e pequenos grãos de quartzo esbranquiçado. A superfície externa é alisada e possui engobe vermelho (Munsell 2.5YR 5/8) ou vermelho acastanhado (Munsell 2.5YR 5/4).

Produção semelhante surge na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998) datáveis dos séculos XVI a XVIII, e normalmente atribuída a núcleos de produção de Aveiro/Ovar.

O fabrico 16 representa a esmagadora maioria das cerâmicas modernas, estando representado por 309 fragmentos (68,1%). Este fabrico inclui 3 categorias de pastas, que dadas as suas semelhanças podem ser agrupadas num só conjunto, genericamente caracterizado por pastas de cor bege (Munsell 10YR 7/3), podendo ocasionalmente possuir um cerne acinzentado. São pastas relativamente finas, duras, pouco porosas, com desgordurantes compostos por mica, grãos de quartzo esbranquiçado e translúcido, de média e grande dimensão, hematite e cerâmica moída. A superfície externa é alisada, normalmente da mesma cor da pasta.

É semelhante a fabricos identificados na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998) e cujas cronologias se inserem no período moderno (entre séculos XVI e XVIII) e com centros de produção atribuídos a Prado.

3.2.2 Análise Morfológica

O repertório formal é muito variado, tendo sido identificados jarros, panelas, alguidares, tigelas, pratos, púcaros, sertãs e fogareiros, vasos e caçoilas.

As panelas revelam um claro predomínio em relação às restantes formas, com 20,3%, seguindo-se imediatamente as tigelas, com 20%, os alguidares e os textos, com 5,9%, os jarros com 4,6%, os púcaros com 3,1%, os pratos com 2%, os vasos e os pratéis, com 0,9% e 0,4%, respetivamente.

Destaca-se também a presença de fragmentos decorados, com cordões plásticos ou linhas incisas, aos quais não foi possível atribuir uma forma específica, com 2%.

Em 35% dos casos não foi possível a atribuição de uma forma aos fragmentos.

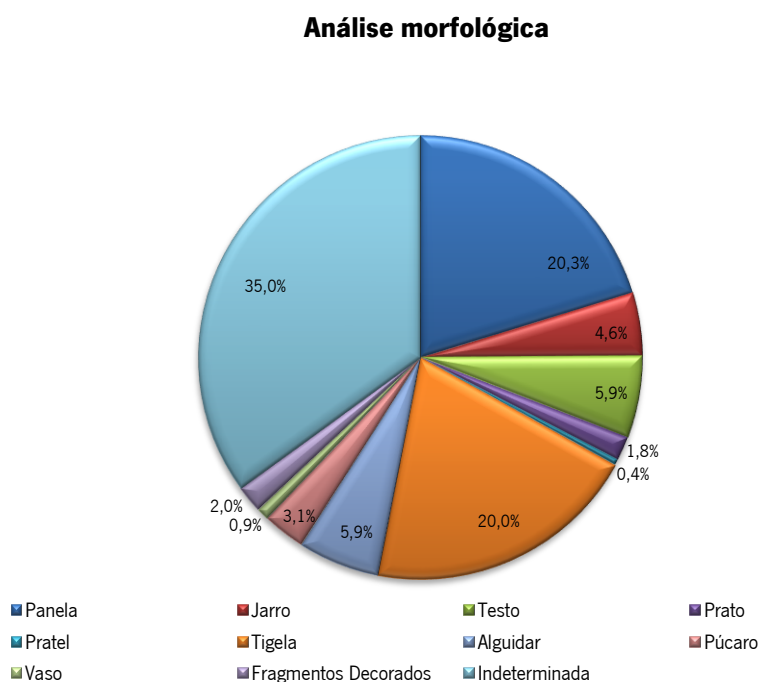


Gráfico 5 – Percentagem por tipos das cerâmicas modernas

Fabrico	Forma	Obs	PC	B	F	A	FD	TF
13	Panela			7				7
	Jarro			1				1
	Testo			1				1
	Indeterminada			1				1
Total				10				10
14	Panela			66	10			76
	Prato		1	2				3
	Pratel		2					2
	Indeterminada			18	23		6	47
				3	86	33	6	128
15	Jarro			2				2
	Prato		1					1
	Tigela			2				2
	Indeterminada			2				2
Total				1	6			7
16	Panela			9				9
	Jarro			15		3		18
	Prato		1	1	2			4
	Tigela		2	76	11			89
	Alguidar		1	26				27
	Púcaro		2		9	3		14
	Vaso			4				4
	Testo			26				26
	Indeterminada			50	52	13	3	118
Total				6	207	74	19	309
								454

Tabela 12 – Análise morfológica das cerâmicas modernas por fabrico

3.2.2.1 Painelas

É uma família tipológica complexa, em que coexistem variantes e formatos diferenciados. Ressalvando o carácter heterogéneo do grupo, foram definidos dois tipos principais:

- Painelas de perfil em “S”, com bordos bastante esvasados e colos muito côncavos. O tipo de bordo pode variar, sendo frequentes, sobretudo, os bordos de secção triangular. Este tipo de painela surge frequentemente associado aos fabricos 13 e 14 (estampas 15-20, 22-23), não deixando de estar presentes também nos fabrico 16 (estampa 42, fig. 135), embora sejam menos frequentes. Os diâmetros destas peças oscilam entre 10 e 30 cm e podem encontrar paralelo na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998:168,176-177), em contextos datáveis dos séculos XVI a XVIII.

- Painelas globulares, com grande variedade na tipologia dos bordos, sendo frequentes os bordos de tendência retangular, espessados ou revirados para o exterior (estampa 41). Este tipo de painelas está presente apenas no fabrico 16 (estampas 27 e 28). Os diâmetros oscilam entre 10 e 25 cm e podem encontrar paralelo na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998: 168, 172,177), datadas dos séculos XVI a XVIII, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997: 229), datadas dos séculos XV e XVI ou em Lisboa (Diogo e Trindade, 2003:212), datadas dos séculos XVI a XVIII.

3.2.2.2 Púcaros

Recipientes de pequenas dimensões constituídos por corpo de forma esférica achatada ou ovóide, assente em fundo plano, sendo provido de bordo alto, vertical. Uma asa liga o bordo ao bojo. Alguns exemplares mostram finas caneluras sobre o corpo ou na ligação deste com o bordo. Os diâmetros oscilam entre 7 e 8 cm e estão sobretudo associados ao fabrico 16.

Estas formas encontram paralelo na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998: 172), datados de época moderna (séculos XVI-XVIII), no Convento de S. Domingos e no claustro da Igreja de S. Francisco, em Évora (Teichner 2003:513), datados do século XVI ou em Silves (Gomes 2008:286), datados de finais do séc. XVI/inícios séc. XVII.

3.2.2.3 Tigelas

A tigela é a forma mais abundante, encontrando-se em razoável variedade de dimensão e forma. No que respeita às formas classificaram-se 2 subtipos:

- As tigelas de perfil carenado (estampas 29, 30 e 36), com fundos planos simples ou de pé, a parte superior da parede é normalmente retilínea, podendo ser vertical ou, por vezes, inclinada para o exterior, os bordos podem ser simples, boleados ou biselados. Quase sempre com diâmetros superiores a 15 cm, este tipo de tigela apenas se encontra no fabrico 16. Podem ser encontrados paralelos para esta forma na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998:168,170), datados dos séculos XVI a XVIII ou no Convento de São Domingos e no claustro da Igreja de São Francisco, em Évora (Teichner, 2003).

- As tigelas de perfil encurvado ou retilíneo (estampas 31-35), com bordos muito diversificados e com diâmetros que oscilam entre 10 e 25 cm. Este tipo de tigela apenas se encontra no fabrico 16. Ainda incluída neste grupo de tigelas, destaca-se uma forma de reduzidas dimensões, cujo diâmetro não ultrapassa os 9 cm (estampa 35, figs. 113 e 114). Estas, assim como as anteriores, podem encontrar paralelo na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998: 168, 170), em contextos datáveis dos séculos XVI a XVIII.

3.2.2.4 Alguidares

Sob esta designação colocou-se uma forma aberta de corpo troncocónico, paredes oblíquas e fundo plano. O tipo de bordo pode variar, sendo todavia muito característicos o bordo triangular ou triangular pendente. São normalmente recipientes de grandes dimensões, cujo diâmetro oscila entre 30 e 45 cm e podem ser encontrados apenas no fabrico 16 (estampas 38 e 39).

Recipientes com estas características são frequentes em Época moderna e encontram paralelo, por exemplo, na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998:172), com uma cronologia balizada entre os séculos XVI-XVIII, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1997:232, fig. 12), datados do século XVI ou em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999:200).

Ainda sob esta designação, colocámos os exemplares números 126 (estampa 39), 127 e 128 (estampa 40), cujos diâmetros rondam os 30 cm e com uma tipologia de bordos muito variada, sendo frequente a presença de decoração sobre estes.

3.2.2.5 Pratéis

Os pratéis encontram-se representados por apenas 2 exemplares (estampa 24, figs. 71 e 72) e inserem-se no fabrico 14. São formas de reduzidas dimensões, cujos diâmetros não ultrapassam os 16 cm. Em ambos os casos apresentam a parede interna ornamentada com incisões triangulares.

3.2.2.6 Pratos

Trata-se de um grupo relativamente heterogéneo, tendo sido individualizados 2 grupos distintos:

- Pratos fundos (estampa 46), frequentemente apelidados de “prato-testo”, uma vez que poderiam assumir simultaneamente ambas as funções. Com diâmetros que rondam os 30 cm, associam-se, normalmente, ao fabrico 16 e encontram paralelo em exemplares provenientes da Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998: 166, 174) e também na cerâmica dos destroços de um navio na Ria de Aveiro (Alves *et al.*, 1998: 191, figs. 2 e 3).

- Pratos rasos apenas presentes nos fabricos 14 e 15. São pratos de menores dimensões, cujos diâmetros não ultrapassam os 18 cm. Destacámos dois pratos representados por perfis completos (estampa 24, fig. 73 e estampa 26, fig. 79).

3.2.2.7 Testos

Constitui um grupo formal com características semelhantes e diâmetros que ultrapassam, frequentemente, os 16 cm. Associam-se normalmente ao fabrico 16 (estampas 47 e 48), estando também presentes no fabrico 13 (estampa 16, fig. 45).

3.2.2.8 Jarros

É uma família tipológica bastante complexa, em que coexistem variantes e formatos muito diferenciados. Os diâmetros oscilam entre 8 e 23 cm e a maioria está presente no fabrico 16 (estampas 44 e 45), destacando-se também a presença de exemplares nos fabricos 13 (estampa 16, fig. 44) e 15 (estampa 26, fig. 77).

3.2.2.9 Vasos

Designámos por vasos, formas abertas de paredes retilíneas e de grandes dimensões, cujos diâmetros ultrapassam os 17 cm. Os vasos estão presentes apenas no fabrico 16 e, na maioria dos casos, apresentam um bordo rendilhado (estampa 49, fig. 150). Este tipo de vaso encontra paralelo na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998: 175)

3.2.2.10 Fragmentos decorados de forma indeterminada

Foram detetados 9 fragmentos decorados (2%) aos quais não foi possível atribuir uma forma específica. O tipo de decoração é diversificado:

- A aplicação de cordões plásticos, em disposição horizontal, é uma das matrizes ornamentais mais recorrentes. São cordões pouco espessos tratados de forma que lhes confere um aspeto “cordiforme” (estampas 25). Este tipo de decoração apenas surge em fragmentos que se inserem no grupo 14.

- O segundo grupo ornamental é constituído pela presença de linhas incisas horizontais, oblíquas ou onduladas, normalmente associadas ao fabrico 16, como é o caso do fragmento nº 151 (estampa 49).

3.3 Cerâmicas modernas/contemporâneas

3.3.1 Fabricos

Os fabricos comuns modernos/contemporâneos foram divididos em 6 grupos, correspondentes a um total de 45 fragmentos.

Fabricos modernos/contemporâneos

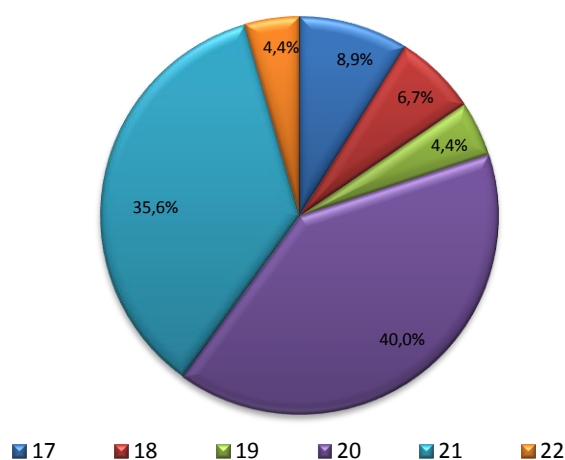


Gráfico 6 – Percentagem dos fabricos modernos/contemporâneos

O **fabrico 17** é representado por um grupo pouco numeroso, composto por apenas 4 fragmentos (8,9%). Está formado por cerâmicas de pasta relativamente fina, laranja acastanhada (Munsell 5YR 6/4), dura e porosa. Com desgordurantes formados por pequenas partículas de mica prateada e alguns grãos de quartzo, de cor esbranquiçada e translúcida, de pequena e média dimensão. A superfície externa é alisada e possui uma aguada de coloração alaranjada (Munsell 5YR 6/8).

O **fabrico 18** é um grupo pouco numeroso, com apenas 3 fragmentos (6,7%). É formado por cerâmicas de pasta relativamente fina, bege alaranjada (Munsell 10YR 7/3), relativamente dura e porosa, com desgordurantes constituídos por algumas partículas de mica prateada e grãos de quartzo esbranquiçado de média dimensão. A superfície externa é alisada e possui uma aguada de coloração alaranjada (Munsell 5YR 6/8).⁹

⁹ Segundo Luís Fontes são pastas que se assemelham a fabricos modernos do Alto Alentejo

O fabrico 19 está representado por apenas 2 fragmentos (4,4%). São pastas relativamente finas, de coloração bege claro (Munsell 2.5Y 8/2), pouco duras e muito porosas. Os desengordurantes são constituídos por minúsculas partículas de mica prateada e grãos de quartzo esbranquiçados e translúcidos, de pequena dimensão. A superfície externa, da mesma cor da pasta, é rugosa.

O fabrico 20 representa o grupo mais numeroso, estando composto por 20 fragmentos (40%). As pastas, relativamente grosseiras, apresentam uma tonalidade irregular que tende a variar entre o bege (Munsell 10YR 7/4) e o bege acastanhado (Munsell 10YR 6/2), normalmente com um cerne acinzentado. São pastas pouco duras e porosas, com desengordurantes constituídos por pequenas partículas mica prateada e grãos de quartzo esbranquiçado e translúcido, de média e grande dimensão. A superfície externa, normalmente da mesma cor da pasta, pode apresentar uma tonalidade acinzentada (Munsell 10YR 6/2) sob a forma de manchas irregulares e é ligeiramente rugosa.

O fabrico 21 representa um grupo pouco numeroso, sendo composto por 16 fragmentos (35,6%). É formado por cerâmicas de pasta relativamente grosseira, bege (Munsell 10YR 7/4), podendo, ocasionalmente, possuir um cerne acinzentado. É uma pasta dura, porosa, com desengordurantes em abundante quantidade, compostos, sobretudo, por grãos de quartzo esbranquiçado e translúcido, de pequena e média dimensão. A superfície, normalmente da cor da pasta, pode apresentar uma tonalidade cinzento muito escuro (Munsell 10YR 6/1) sob a forma de manchas irregulares e é rugosa.

O fabrico 22 está representado apenas por 2 fragmentos (4,4%). É formado por cerâmicas de pasta fina bege acastanhada (Munsell 10YR 6/4) relativamente dura e pouco porosa. Os desengordurantes estão presentes em rara quantidade e são formados por pequenas partículas de mica prateada, cerâmica moída e alguns grãos de quartzo esbranquiçado e translúcido, de pequena e média dimensão. A superfície externa, de cor cinzenta muito escura (Munsell 10YR 4/1) é bem alisada.

3.3.2 Análise morfológica

O reportório formal é imenso, tendo sido identificados jarros, panelas, alguidares, tigelas, sertãs, fogareiros, potes, vasos, caçoilas, testos.

Os alguidares revelam um claro predomínio em relação às restantes formas, com 20%, seguindo-se as panelas, as tigelas e os fogareiros, com 8,9%, os jarros com 6,7%, os testos com 6,7%, os vasos, com 4,4%, as sertãs, os potes, e as caçoilas, com 2,2%.

Destaca-se também a presença de um fragmento decorado (2,2%) ao qual não foi possível atribuir uma forma específica.

Em 26,7% dos casos não foi possível a atribuição de uma forma aos fragmentos.

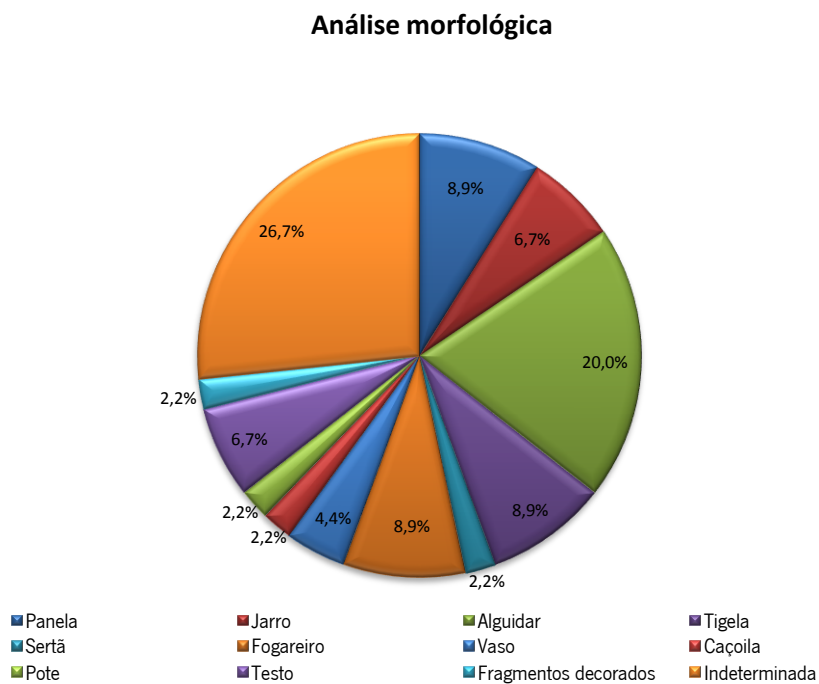


Gráfico 7 – Percentagem por tipos das cerâmicas modernas/contemporâneas

Fabrico	Forma	Obs	PC	B	F	A	FD	TF
Grupo 17	Panela			2				2
	Jarro			1				1
	Indeterminada			1				1
Total				3				4
Grupo 18	Jarro			1				1
	Indeterminada				1		1	2
Total				1	1		1	3
Grupo 19	Panela			1				1
	Indeterminada					1		1
Total				1		1		2
Grupo 20	Tigela			1				1
	Alguidar			8				8
	Fogareiro	Grelha: 3			1			4
	Sertã		1					1
	Indeterminada				4			4
Total				3	1	9	5	18
Grupo 21	Panela			1				1
	Jarro			1				1
	Tigela			3				3
	Alguidar			1				1
	Pote			1				1
	Vaso			2				2
	Caçoila			1				1
	Testo			2				2
	Indeterminada				3	1		4
Total				11	3	1		16
Grupo 22	Testo		1					1
	Indeterminada					1		1
Total				1		1		2
								45

Tabela 13 – Análise morfológica das cerâmicas modernas/contemporâneas por fabricos

3.3.2.1 Painelas

As painelas estão representadas apenas por 4 exemplares que se caracterizam por apresentar variantes e formatos diferenciados:

- Painelas de perfil em “S” com bordo esvasado, colo côncavo e diâmetros que oscilam entre 12 e 23 cm. Este tipo de painelas encontra-se representado por 2 exemplares provenientes dos fabricos 17 (estampa 54, fig. 170) e 19 (estampa 56, fig. 175).

- Painelas globulares com variantes na tipologia dos bordos. Neste tipo de painelas incluímos o exemplar nº191 (estampa 62), integrado no fabrico 21, e o exemplar nº 169 (estampa 54) integrado no fabrico 17. No primeiro caso, a painela em questão encontra paralelo arqueológico em Lisboa (Diogo e Trindade, 1993: 211, fig. 7) e em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1995: 95, fig. 52), no segundo caso, encontra paralelo arqueológico em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 2008: 104-105).

3.3.2.2 Alguidares

Sob esta designação colocou-se uma forma aberta de corpo troncocónico, paredes oblíquas e fundo plano. O tipo de bordo pode variar, sendo todavia muito característicos o bordo triangular ou triangular pendente. São normalmente recipientes de grandes dimensões, cujo diâmetro oscila entre 25 e 45 cm e podem ser encontrados nos fabricos 20 e 21.

É frequente que estes alguidares apresentem decoração sobre o bordo, sob a forma de pequenas incisões ovaladas ou onduladas (estampa 57 e 58), mais raramente, podem surgir linhas incisivas onduladas no bojo (estampa 57, fig. 178). De referir também, a frequência do aparecimento de marcas de fogo na parte interior dos mesmos.

3.3.2.3 Fogareiros

Os fogareiros identificados inserem-se no grupo 20 e estão representados por um fundo ou pela grelha que separa o corpo superior do corpo inferior onde se depositam as cinzas. O exemplar nº 60 (estampa 187) está representado pelo fundo e parte da parede. Trata-se de um fundo plano e paredes verticais com uma abertura tendencialmente quadrangular. Este tipo de

fogareiro encontra paralelo arqueológico na Casa do Infante (Barreira *et al.*, 1998: 174) datável de época moderna (séc. XVI-XVIII).

3.3.2.4 Tigelas

As tigelas constituem um grupo pouco numeroso, estando representadas por 4 exemplares que se inserem nos fabricos 20 e 21. Na sua generalidade, são tigelas de perfil encurvado, cuja tipologia de bordos é bastante variada (estampa 62, figs. 193 e 194)

3.3.2.5 Sertãs

Designa-se aqui como sertã apenas o exemplar nº 184 (estampa 59), inserido no fabrico 20, representado por uma forma aberta de fundo plano ligeiramente alteado, paredes baixas e inclinadas, com um diâmetro que se aproxima dos 40 cm. Este tipo de sertã encontra paralelo arqueológico na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998:164) datados dos séculos XVII e XVIII.

3.3.2.6 Jarros

Os únicos jarros existentes neste conjunto cerâmico inserem-se nos fabricos 17 (estampa 54, fig. 168), 18 (estampa 55, fig. 172) e 21 (estampa 64, fig. 199). São formas cujos diâmetros oscilam, aproximadamente, entre 7 e 14 cm, e podem ser dotados de uma ou duas asas de fita.

3.3.2.7 Caçoilas

A única caçoila identificada (estampa 61, fig. 189) insere-se no fabrico 21. Está representada por uma parede ligeiramente esvasada, com o bordo em gancho e um diâmetro próximo dos 25 cm.

3.3.2.8 Vasos

Designamos por vaso formas abertas de paredes retilíneas e de grandes dimensões, cujos diâmetros ultrapassam os 25 cm. Neste conjunto destacamos a presença de 2 exemplares, um deles corresponde à fig. 190 (estampa 61). Em ambos os casos inserem-se no fabrico 21.

3.3.2.9 Potes

O único pote identificado (estampa 62, fig. 192) insere-se no fabrico 21. É uma forma fechada, globular, com um colo vertical que termina num lábio bifurcado.

3.3.2.10 Testos

Os textos representados inserem-se nos fabricos 21 (estampa 63, fig. 197; estampa 64, fig. 198) e 22 (estampa 65, fig. 200). Os primeiros apresentam uma parede alteada e lábios diversificados, com diâmetros que oscilam entre 16 e 30 cm. O segundo, de reduzidas dimensões, com um diâmetro de 6 cm, apresenta uma pegadeira cilíndrica à volta da qual corre um estribo de perfil triangular e poderá pertencer a uma chocolateira.

3.3.2.11 Fragmentos decorados de forma indeterminada

O único fragmento decorado, com pequenas incisões de forma tendencialmente ovalada, corresponde ao exemplar nº174 (estampa 55) e insere-se no fabrico 18.

3.4 Cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas

3.4.1 Fabricos

Na sua generalidade, as cerâmicas comuns vidradas caracterizam-se por pastas relativamente finas, beges (Munsell 10YR 8/4), muito duras e pouco porosas. Os desengordurantes são compostos, essencialmente, por grãos de quartzo esbranquiçado e translúcido, de pequena e média dimensão e hematite.

Relativamente a este conjunto cerâmico, composto por 59 fragmentos, foram distinguidos dois grupos com base nas características dos vidrados que as revestem: vidrado de chumbo (vidrado A) e vidrado de cobre (vidrado B). Foi ainda individualizado um terceiro grupo correspondente às peças de grés

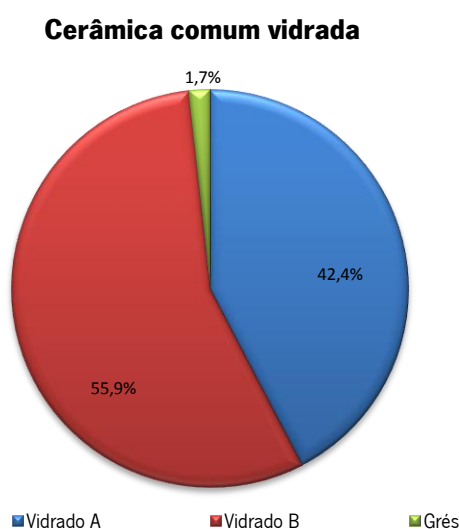


Gráfico 8 – Percentagem dos grupos das cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas

3.4.2 Análise morfológica

Nas formas identificam-se pratos, tigelas, alguidares, caçoilas, bilhas, potinhos, talhas, púcaros, malgas e botijas.

As tigelas revelam um claro predomínio em relação às restantes formas, com 35,6%, seguindo-se os alguidares, com 16,9%, os pratos e as caçoilas, com 6,8%, seguem-se as botijas, as talhas, os púcaros, as malgas, as bilhas e os potinhos, com 1,7%.

Em 23,7% dos casos não foi possível atribuir uma forma específica aos fragmentos

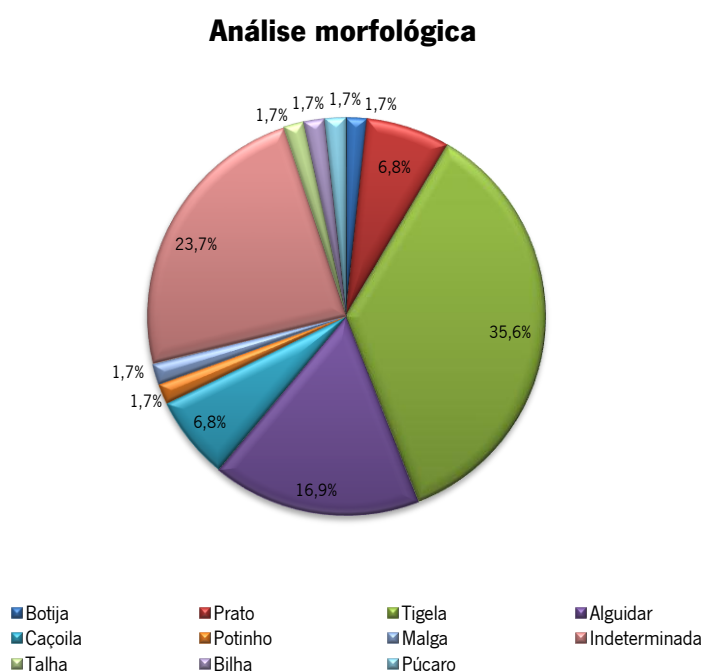


Gráfico 9 – Percentagem por tipos das cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas

Grupo	Forma	Obs	PC	B	F	A	FD	TF
Vidrado A	Prato			1				1
	Tigela			9				9
	Alguidar			4				4
	Caçoila			2				2
	Bilha						1	1
	Potinho			1				1
	Malga			1				1
	Púcaro			1				1
	Indeterminada			1	3	1		5
Total				20	3	1	1	25
Vidrado B	Prato			3				3
	Tigela			12				12
	Alguidar			6				6
	Caçoila			2				2
	Talha			1				1
	Indeterminada				5	4		9
Total				24	5	4		33
Grés	Botija		1					1
								1
								59

Tabela 14 – Análise morfológica das cerâmicas vidradas modernas/contemporâneas

3.4.2.1 Caçoilas

É uma forma relativamente frequente, em que foi possível distinguir 3 subtipos:

- O primeiro é representado por uma forma aberta, de paredes relativamente altas com bordo espessado, tendencialmente circular, com uma inclinação acentuada para o interior (estampa 72, fig. 226). O vidrado estende-se pelo interior até à parte exterior do bordo. Encontra paralelo arqueológico na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998:165), datados dos séculos XVIII, e na Rua D. Afonso Henriques, em Braga (Tomé, 2011:128), datados dos séculos XVII a XVIII, surgindo, frequentemente, designados por “canões” ou “rentes”, distinção feita com base nos elementos de suspensão, uma pega horizontal ou duas asas redondas horizontais junto ao bordo, respetivamente;

- O segundo tipo é representado pela fig. 210 (estampa 68), de grande dimensão, parede encurvada e reentrante e bordo que forma uma pequena aba horizontal. Este tipo de caçoila encontra paralelo arqueológico na Casa do Infante, no Porto (Barreira *et al.*, 1998:176), datadas do século XVIII. A esta forma é frequente também a designação de “Poço”;

- O terceiro tipo (estampa 76, fig. 237) é representado por forma aberta de grandes dimensões, cujo diâmetro se aproxima dos 40 cm, com bordo ligeiramente esvasado e moldurado na face exterior, com duas pegas horizontais. Este exemplar apresenta um vidrado que se estende pelo interior e exterior e encontra paralelo arqueológico na Casa do Infante (id:165), cronologicamente inserido no século XVIII.

3.4.2.2 Alguidares

Sob esta designação colocou-se uma forma aberta de corpo troncocónico, paredes oblíquas e fundo plano. O tipo de bordo pode variar, sendo todavia frequentes o triangular (estampa 75, fig. 235), o bordo triangular pendente (estampa 70, fig. 216,217) ou o bordo espessado de tendência circular (estampa 74, fig. 232; estampa 75, fig. 234). São recipientes de grandes dimensões, cujo diâmetro oscila entre 25 e 45 cm.

Normalmente o vidrado estende-se pelo interior até à parte exterior do bordo, podendo, em alguns casos, estender-se pelas duas superfícies.

Estas formas encontram paralelo arqueológico no Porto (Osório e Silva, 1998:303-304) ou na Casa do Infante (*Barreira et al.*, 1998: 166). Destacam-se também paralelos em louças contemporâneas de Barcelos (Silva *et al.*, 2003: 121), datado do século XX.

3.4.2.3 Pratos

São formas abertas, de média dimensão. Entre os pratos distinguem-se dois tipos:

- Pratos fundos (estampa 73, fig. 227), com diâmetros que rondam os 20 cm e um vidrado que se estende pelo interior e exterior. Encontram paralelo arqueológico em exemplares provenientes da Casa do Infante, no Porto (*Barreira et al.*, 1998: 166, 166);

- Pratos rasos (estampa 68; fig. 211; estampa 73, fig. 228), cujos diâmetros rondam os 20 cm e cujo vidrado se estende pelo interior e exterior.

3.4.2.4 Tigelas

A tigela é o tipo mais abundante, encontrando-se em razoável variedade de forma. No que respeita às formas classificaram-se 2 subtipos:

- As tigelas de perfil carenado (estampa 66, fig. 205; estampa 68, fig. 212; estampa 72, fig. 224), com a parte superior da parede retilínea, vertical ou inclinada para o exterior, e com bordos diversificados. Os diâmetros oscilam entre 8 e 16 cm e é o tipo menos frequente.

- As tigelas de perfil encurvado, com bordos muito diversificados (estampas 66,71 e 72) e com diâmetros que oscilam entre 13 e 24 cm. Predominam neste grupo as tigelas com bordos e paredes reentrantes, também designadas por “tigelas de fogo”. Este tipo de tigelas encontra paralelo arqueológico na Casa do Infante, no Porto (*Barreira et al.*, 1998: 166), em contextos datáveis dos séculos XVII e XVIII.

Em qualquer dos tipos é frequente que o vidrado se estenda pelo interior e exterior.

3.4.2.5 Talhas

Designa-se aqui como talha apenas o exemplar nº 237 (estampa 76) caracterizado pelas suas grandes dimensões e pela boca estreita relativamente ao bojo. Encontra-se decorada com

linhas incisas verticais no bojo. Este exemplar encontra paralelo em louças de Barcelos contemporâneas (Silva *et al.*, 2003:92), datadas dos séculos XIX/XX.

3.4.2.6 Bilhas

Embora o fragmento em questão (estampa 69, fig. 215) e (fig. 13) esteja representado apenas por uma parede, colocámos a hipótese de se tratar de uma bilha. Trata-se de uma peça, provavelmente de importação, profusamente decorada, cuja função seria mais decorativa do que utilitária.



Figura 13 – Fragmento de bilha decorado.
Imagem cedida pelo MDDS

3.4.2.7 Malgas

Designa-se aqui como malga apenas o exemplar nº 207 (estampa 67). Trata-se de uma forma de pequena dimensão, cujo diâmetro ronda os 11 cm. Apresenta uma parede encurvada com uma asa tubular. Esta forma encontra paralelo em louças contemporâneas de Barcelos (Silva *et al.*, 2003: 167), datado do século XIX.

3.4.2.8 Potinhos

Designámos como potinho apenas o exemplar nº 206 (estampa 67). Trata-se de uma forma fechada, de reduzidas dimensões, cujo diâmetro não chega a atingir 8 cm. Apresenta uma parede globular com um colo curto e vertical.

3.4.2.9 Púcaros

Designámos como púcaro apenas o exemplar nº208 (estampa 67). Apresenta uma parede encurvada com lábio bifurcado e arranque de asa a partir do bojo.

3.4.2.10 Botijas

O único fragmento de grés presente neste conjunto corresponde a uma botija (estampa 77, fig. 238) que pode encontrar paralelo, inédito, em escavações da Misericórdia, em Braga (fig. 14).



Figura 14 - Botija em grés (Braga). Imagem cedida pelo MDDS

Considerações Finais

Considerações finais

A par da extensa e valiosa documentação histórica do Mosteiro de Santa Marinha da Costa, com uma importância ímpar no contexto deste tipo de monumentos no norte de Portugal, cuja origem remonta a tempos anteriores à Nacionalidade, chegaram até nós os vestígios da cultura material da vida diária daqueles que aí habitaram. Com este estudo, pretendemos dar a conhecer as cerâmicas comuns recolhidas em escavações realizadas nas décadas de 70 e 80 do século passado. O estudo sistemático destas produções permitiu-nos selecionar fragmentos datáveis, dos séculos VI/VII até ao século XX, os quais percorrem os principais momentos de ocupação do local até à sua remodelação para a utilização atual como pousada.

Uma das problemáticas com que nos deparamos foi o facto de se tratar de um local com um registo estratigráfico nem sempre suficientemente claro, situação que impossibilitou a atribuição de datações mais finas ao espólio recolhido – as datações propostas resultaram sobretudo do estabelecimento de paralelos cerâmicos provenientes de outros locais com uma datação mais segura. Recorremos assim, à comparação do espólio cerâmico medieval e moderno proveniente de escavações maioritariamente realizadas no âmbito regional, como foi o caso de Dume (Braga), Penafiel de Bastuço (Braga), Rua N^a S^a do Leite (Braga), Baldoeiro (Torre de Moncorvo) e na Casa do Infante (Porto).

Como já referimos atribuímos às produções cerâmicas diferentes grupos de fabricos. As produções medievais abarcam os séculos VI/VII a XIV, de acordo com as seguintes associações grupo/cronologia: grupo 1 – séculos VI/VII; grupo 2 – séculos VIII – XI; grupo 3 – séculos VIII-X; grupo 4 – séculos IX – X; grupo 5 – séculos XI – XIII; grupo 6 VIII-X; grupos 7 a 11 – séculos XIII/XIV; grupo 12 – século XIV.

Às produções modernas, divididas em quatro grupos (grupos 13 a 16) atribuímos uma lata cronologia, que abarca os séculos XV a XVIII. Esta situação deve-se não só ao registo arqueológico mas também ao facto destas cerâmicas terem perdurado por um longo período de tempo, como comprovam os achados de outros sítios. Por vezes é inclusivamente difícil distinguir algumas produções modernas daquelas de época Contemporânea, razão pela qual decidimos, em certos casos enquadrá-las em ambos os períodos. Neste grupo que designámos como “cerâmicas modernas/contemporâneas”, incluímos as cerâmicas comuns e as cerâmicas comuns vidradas.

As primeiras encontram-se divididas em seis grupos (grupos 17 ao 22) e as segundas em três grupos (vidrado A, vidrado B e grés).

De acordo com uma análise de distribuição espacial, constatámos que no claustro predominam cerâmicas de época Moderna e Contemporânea. Tal parece estar associado à sua total reconstrução no século XVI e às grandes reformas que se prolongaram pelos séculos XVIII e XIX/XX. As cerâmicas mais antigas desta zona remontam ao período baixo medieval e estão presentes em camadas de entulho e grandes revolvimentos associados, possivelmente, às obras acima referidas.

Na ausência de um registo estratigráfico suficientemente claro, as sondagens do claustro não puderam ser todas estudadas, contudo, com base em dados recolhidos no momento da escavação (1979-80), Manuel Real veio a constatar que em algumas zonas (não incluídas neste estudo) a obra românica rapou grande parte dos níveis de ocupação anterior, estando os respetivos depósitos quase em contacto com as estruturas alto medievais. Esta circunstância permite ao mesmo levantar a hipótese de algumas das cerâmicas presentes em quantidade razoável nestas zonas, e ultimamente enquadradas nos séculos XIII/XIV – com base em paralelos provenientes de Braga – poderem recuar a sua cronologia para princípios do século XIII, tendo por base a datação da obra do claustro românico.

Na área do primitivo dormitório, prevalecem as cerâmicas de época Moderna e Contemporânea. Este facto pode ser explicado pelo derrube da sala e da sua total reconstrução no século XVIII, bem como as obras que marcaram os finais do século XIX e o início da centúria seguinte. As cerâmicas mais antigas deste local remontam ao período baixo medieval, estão presentes numa quantidade pouco significativa e, assim como no caso anterior, surgem em camadas de entulho e revolvimento.

As cerâmicas mais antigas, sobretudo alto medievais, surgem apenas nos níveis inferiores das zonas exteriores do edifício (CC83K e CC83G). Ainda na sondagem CC83K, de referir, a presença de um fragmento indeterminado de cerâmica comum, cujas características parecem apontar para uma cronologia romana.

Do total de 667 fragmentos de cerâmica comum do Mosteiro de Sta. Marinha da Costa, salientámos a elevada percentagem de cerâmicas modernas e contemporâneas face às medievais. Como se pode observar no gráfico 10, predominam as cerâmicas de época Moderna, com 68,1%,

seguidas das cerâmicas datáveis de época Moderna/Contemporânea, com 15,5%, em que 8,8% são produções vidradas. Em menor número constam as cerâmicas de época Medieval com 16,3%, do qual 3,7% correspondem aos fabricos medievais A, representados por fragmentos de forma indeterminada.

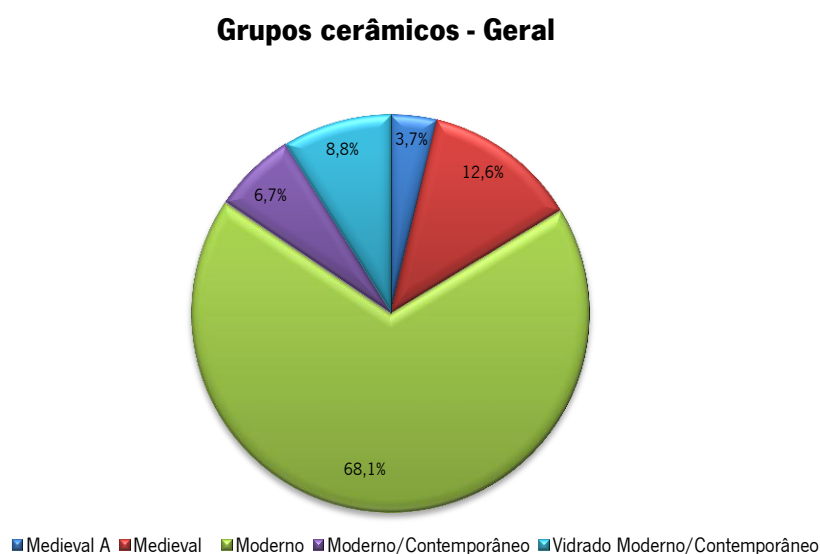


Gráfico 10 – Percentagem geral dos grupos de cerâmica

As cerâmicas alto medievais, na sua maioria, correspondem a fragmentos de parede de peças com forma indeterminada. Já as cerâmicas baixo medievais, também fragmentadas, permitem-nos estabelecer alguns paralelos formais. O mesmo se poderá dizer relativamente às cerâmicas de época Moderna e Contemporânea, não só pela sua quantidade, mas também pelo seu estado de conservação. Assim se explica que o repertório formal seja mais variado neste tipo de cerâmicas. Do ponto de vista das decorações medievais, modernas e contemporâneas, predominam as chamadas aplicações plásticas e as incisões.

Como dissemos, este estudo pretendeu dar um contributo para o conhecimento das produções medievais, modernas e contemporâneas, no norte de Portugal. Estamos conscientes, no entanto, que permaneceram em aberto algumas questões nesta fase do nosso trabalho. É nossa intenção dar resposta a algumas delas em estudos futuros, em particular aquelas associadas ao restante espólio, designadamente as faianças e as porcelanas.

Bibliografia

Bibliografia

Alarcão, Jorge (2004). Conimbriga 20 anos depois. In *Perspectivas sobre Conimbriga*, Museu Monográfico de Conimbriga, pp. 96-114.

Alves, Francisco, Rodrigues, Paulo, Garcia, Catarina, Aleluia, Miguel (1998). A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV *Ria de Aveiro A* e da *Zona Ria de Aveiro B*. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp. 185-210.

Barreira, Paula, Dordio, Paulo, Teixeira, Ricardo (1998). 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp. 145-184.

Barroca, Mário (1987a). *Necrópoles e Sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XIV)*. Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

(1987b). *Cerâmica medieval do noroeste de Portugal (séculos IX a XIV)*. Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

(1993). Centros Oleiros de Entre-Douro-e-Minho. Contributo para o seu inventário e cartografia. In *Arqueologia Medieval*, Campo de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, pp. 159-170.

(1999). *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Dissertação de doutoramento (policopiada), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Barros, Luís, Cardoso, Guilherme, Gonzalez (2003). Primeira notícia do forno de S. António da Charneca – Barreiro. In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. Tondela, pp.295-307.

Barros, Luís, Henriques, Fernando (2003). Rua da Judiaria: Um *Celeiro* nos arrabaldes da vila. In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. Tondela, pp. 135-144.

Boletim: “Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais”, 130, Lisboa, 1985. (Pousada de Santa Marinha – Guimarães).

Bugalhão, Jacinta, Gomes, Ana, Sousa, Maria (2003). Vestígios de produção oleira islâmica no núcleo arqueológico da rua dos correeiros, Lisboa. In *Arqueologia Medieval*, Campo arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, 8, pp. 129-191.

Capela, José Viriato (1992). Exportação de louça de Prado para a Galiza (1750-1830). In *Cadernos de Olaria*, 2, Barcelos, Câmara Municipal de Barcelos/Museu de Olaria.

Cardoso, Guilherme, Rodrigues, Severino (1999). Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX. In *Arqueologia Medieval*, Campo arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, 6, pp. 193-212.

(2008). As cerâmicas de Poço Novo (II) – Cascais. In *Actas das IV Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 95-108.

Costa, A. J. (1981). Povoamento e colonização do território vimaranense nos séculos IX a XI. In *Actas do Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Guimarães.

Diogo, A. M., Trindade, Laura (1998). Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, n.º 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 257-265.

(2003). Cerâmicas de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de São Lourenço, n.º 17/19, em Lisboa. In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 203-213.

Faure, Francisco; Fernandes, Isabel; Castro, Fernandes (2010). *Núcleo Arqueológico da Associação Comercial e Industrial de Guimarães - Catálogo*, Associação Comercial e Industrial de Guimarães, Guimarães.

Fernandes, A. (1968). *Paróquias suevas e dioceses visigóticas*. Viana do Castelo.

Fernandes, Isabel, Carvalho, Rafael (1995). Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa nº 4 da Rua do Castelo (Palmela). In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. Tondela, pp. 77-96.

(1997). Abordagem arqueológica da Palmela Medieval cristã. In *Arqueologia Medieval*, Campo arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, 5, pp. 221-241.

(1998). Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp. 211-255.

(2003). A Loiça Seiscentista do Convento de S. Francisco de Alferrara (Palmela). In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 231-252.

Fernandes, Isabel C. Ferreira (2005). Arqueologia Medieval em Portugal: 25 anos de investigação. In *Portugália*, 26, pp. 149-173.

Ferreira, Manuela (1995). O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa. In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp.151-161.

Ferreira, Mulize, Pinto, Marina, Zambujo, Gertrudes (2003). A Cerâmica Comum Recolhida na Igreja de S. Francisco, Bragança (Campanha de escavações de 1996). In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 191-201.

Ferreira, Mulize, Pinto, Marina (2008). O conjunto cerâmico proveniente da UE 441 do Castelo de Montalegre. In *Actas das IV Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 157-169.

Fonte, Barroso (1995). *Pousada de Santa Marinha da Costa*, Edição Elo.

Fontes, Luís (1987). Salvamento Arqueológico de Dume – 1987. Primeiros Resultados. In *Cadernos de Arqueologia*, 2ª Série, vol. 4, Braga, pp. 111-148.

(1997). Salvamento Arqueológico de Dume (Braga). Resultados das Campanhas de 1989-90 e 1991-92. In *Cadernos de Arqueologia*, 2ª Série, Vol. 8-9, pp. 199-230.

(2002). Arqueologia Medieval Portuguesa. In *Arqueologia & História – Arqueologia 2000. Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*, vol. 54, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 221-238.

(2005). *São Martinho de Tibães: um sítio onde se fez um mosteiro. Ensaio em arqueologia da paisagem e da arquitectura*, IPPAR, Lisboa.

Fontes, Luís, Gaspar, Alexandra (1997). Cerâmicas da região de Braga na transição da antiguidade tardia para a Idade Média. In *Actes VIème Colloque sur la Céramique Médiévale en Méditerranée*, (13-15 Novembre 1995), Aix-en-Provence, pp. 203-212.

Fontes, Luís, Fernandes, Isabel, Castro, Fernando (1998). Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp. 355-363.

Fontes, Luís, Regalo Henrique (1998). O “Castelo” de Penafiel de Bastuço, Paços de S. Julião, Braga. Elemento para o seu estudo. In *Arqueologia Medieval*, Campo arqueológico de Mértola, Edições Afrontamento, Porto, 5, pp. 199-220.

Gaspar, Alexandra (1985). Escavações arqueológicas na rua N^a S^a do Leite. In *Cadernos de Arqueologia*, 2^a Série, Vol. 2, Braga, pp. 51-125.

(1991). Contribuição para o estudo das cerâmicas medievais de Braga. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, (16-22 Novembro 1987), Mértola, pp. 337-345

(2000). *Contribuição para o estudo das cerâmicas Cinzentas dos séculos V-VI d. C. de Braga*, Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arqueologia, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Braga

(2003). Cerâmicas cinzentas da antiguidade tardia e alto-medievais de Braga e Dume. In *Anejos de AEspa*, XXVIII, pp. 455-481.

Gomes, Mário (2008). Dois fornos de cerâmica de Silves (séculos XVI-XVII – notícia preliminar). In *Actas das IV Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 271-292.

Lemos, Francisco Sande, Martins, Manuela, Delgado, Manuela (1980). *Actividade Arqueológica 1976-1980*, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.

Osório, Isabel, Silva, António (1998). Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp. 283-314.

Real, Manuel Luís (1980). *Convento da Costa – História e Arqueologia*, Exposição, Guimarães

(1981a). O Convento da Costa (Guimarães). Notícia e interpretação de alguns elementos arquitetónicos recentemente aparecidos. In *Atas do Congresso Histórico de Guimarães e sua colegiada*, vol. IV, Guimarães, pp. 462-475.

(1981b). *Elementos para um programa preliminar de uma sala monográfica sobre as escavações arqueológicas do Convento da Costa*, Porto.

(1982/83). Perspectivas sobre a Flora Românica da "Escola Lisbonense". A propósito de dois capiteis desconhecidos de Sintra no Museu do Carmo. In *Sintria*, Sintra: Câmara Municipal, 1-2, pp. 529-560.

(2000). Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe. In *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media*, ed. L. Caballero e P. Mateos, Mérida, pp. 21-75.

(2007). A escultura decorativa em Portugal: o grupo "portucalense". In *Escultura decorativa tardorromana y altomedieval en la Península Ibérica. Anejos de AEspA*, ed. L. Caballero e P. Mateos, Madrid: C.S.I.C., 41, pp.133-170

(2012) Materiais de construção usados na arquitectura cristã da alta Idade Média, em Portugal. In *História da Construção. Os materiais*, Braga: CITCEM; LAMOP, pp. 89-126.

Real, Manuel, *et al.*, (1985-86). Escavações arqueológicas no morro da Sé. In *Boletim Cultural. Câmara Municipal do Porto*, 2ª Série, vol. 3-4, Porto, pp. 7- 63.

Real, Manuel, Dordio, Paulo, Teixeira, Ricardo, Melo, Rosário (1995). Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV- XIX. In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp.171-186.

Rodrigues, Miguel (1994). Cerâmicas Medievais da região de Moncorvo (sécs. XII-XIII). Tese de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.

Rodrigues, Miguel, Lebre, Anabela (2003). Cerâmicas medievais da Vila Velha (Vila Real). In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 125-134.

Rodrigues, Miguel, Rebanda, Nelson (1995). Cerâmicas Medievais do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo). In *Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp.51-66.

(1998). Cerâmicas Medievais do Povoado Desertificado de Sta. Cruz da Vilariça. In *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C. M. de Tondela, pp. 101-126.

Rodrigues, Patrícia (2012). *Cerâmicas Medievais do Morro da Sé de Viseu. Fossas-lixreira do Pátio do Museu Grão Vasco*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Silva, António (2011). Pichel braguês (sécs. XIII-XIV). In *Peça do mês, Casa do Infante, Jan. 2011*, Porto Cultura, Porto [folha de divulgação].

Silva, Raquel, Fernandes, Isabel, Silva, Rodrigues (2003). *Olaria portuguesa: do fazer ao usar*, Assírio & Alvim, Lisboa.

Silva, António, Ribeiro, Manuela (2008). Cerâmicas Medievais de Arouca (Aveiro). Uma abordagem preliminar. In *Actas das IV Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 49-60.

Sousa, Bernardo Vasconcelos (Dir.), Pina, Castro Isabel, Andrade, Maria Filomena, Santos, Maria L. F. O. Silva (2005). *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento – Guia Histórico*, Livros Horizontes, Lisboa.

Teichner, Felix (2003). Dois conjuntos de cerâmica quinhentista, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco em Évora (Alentejo). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 6, número 2, pp. 501-520.

Tomé, Joana (2011). "Rentes" e "Canões" dos sécs. XVI, XVII, XVIII: Uma produção vidrada de Prado na Braga Moderna. In *Actas del XIV Congreso Anual - Asociación de ceramología. La cerámica en Galicia: de los castros a sargadelos*, Coruña, pp. 123-131.

Torres, Cláudio, Gómez, Susana, Ferreira, Manuela (2003). Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos. In *Actas das III Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela, C.M. de Tondela, pp. 125-134.

Lista de sites consultados:

<<http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74141/>>

[Consulta: 25 Janeiro 2012]

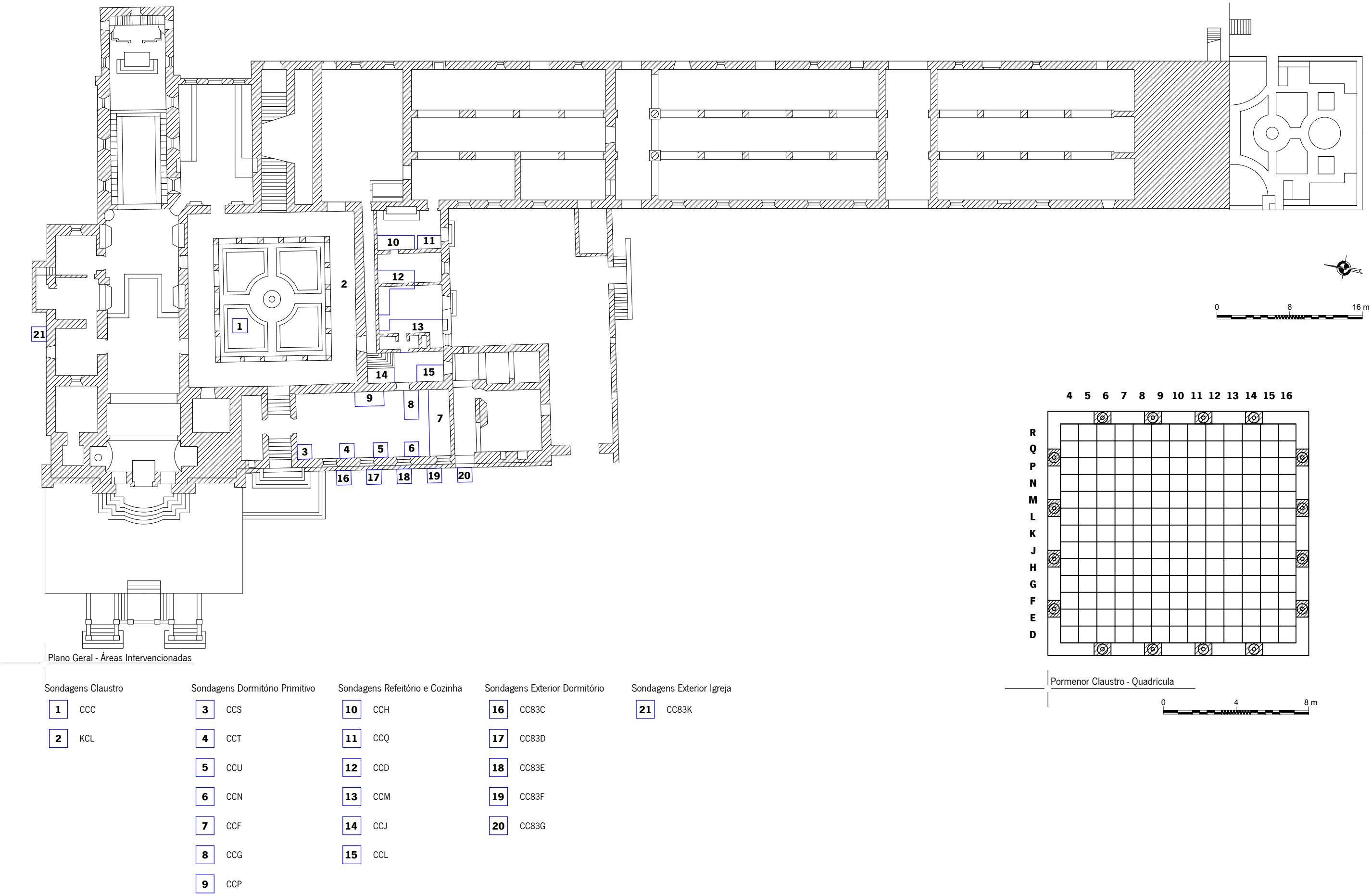
<http://www.infopedia.pt/mostra_recurso.jsp?recid=25283> [Consulta: 17 Abril 2013]

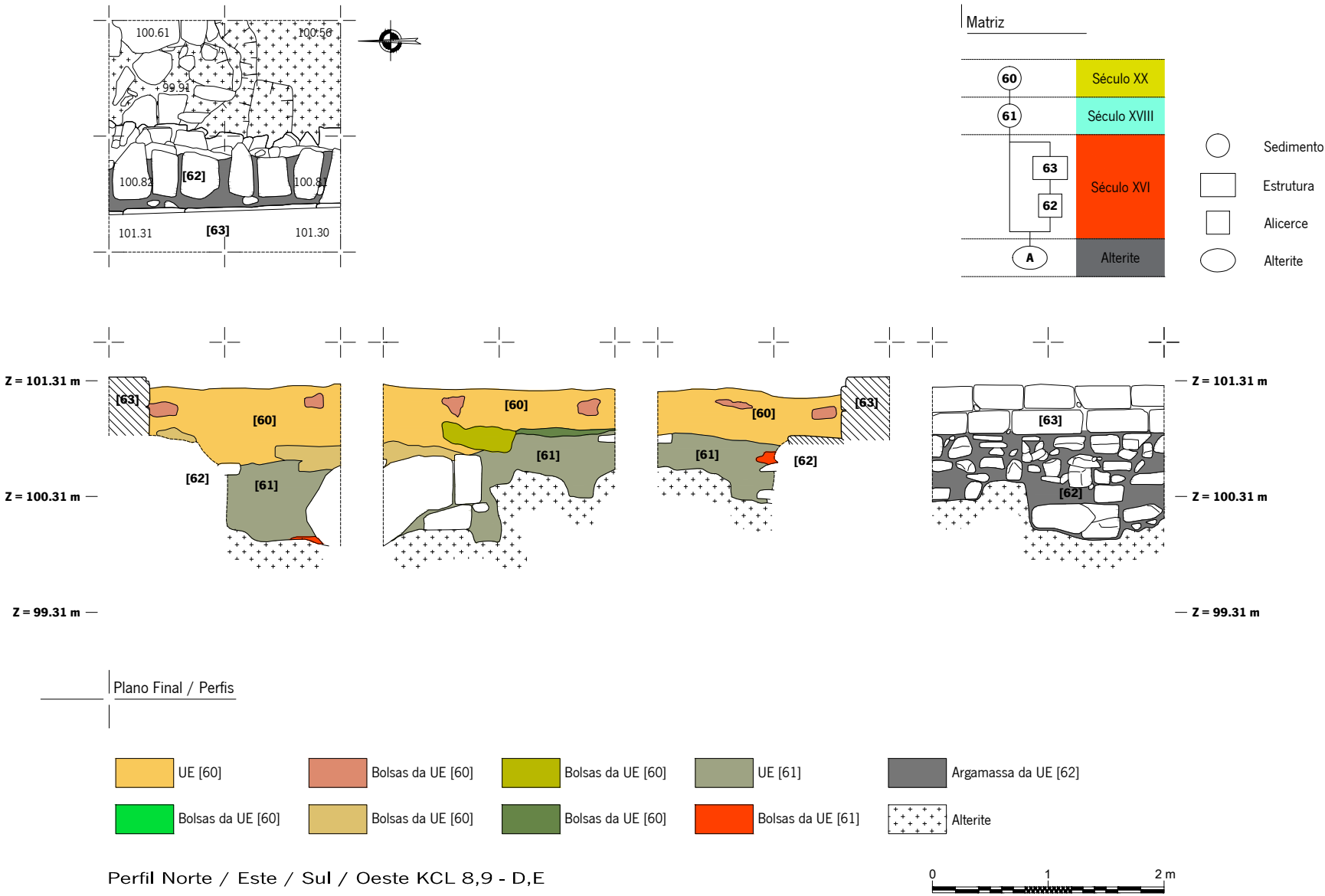
<<http://dubleudansmesnuages.com/?cat=60&paged=2>> [Consulta: 17 Abril 2013]

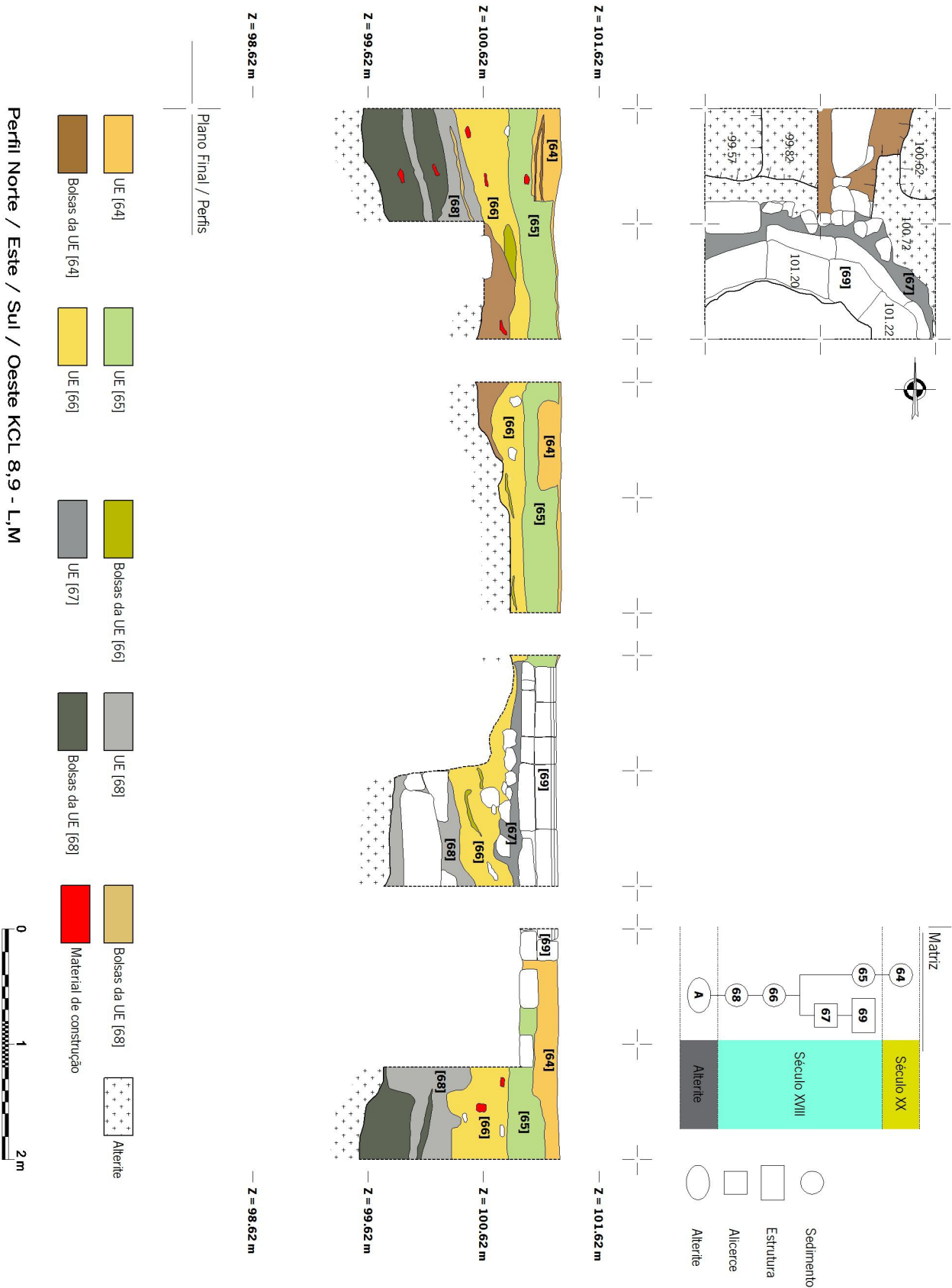
Programa: Google earth [Consulta: 11 Fevereiro 2011]

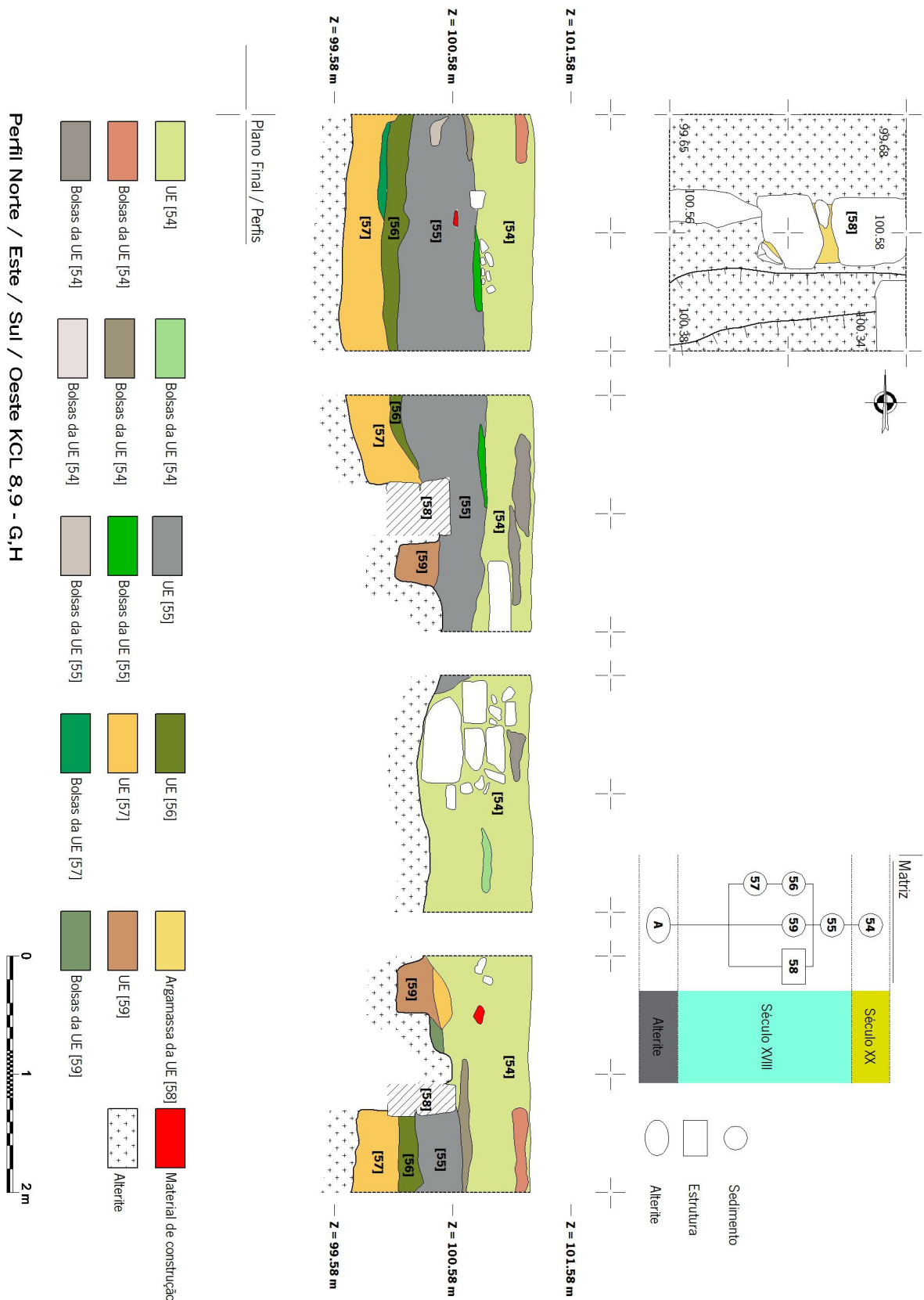
Apêndices

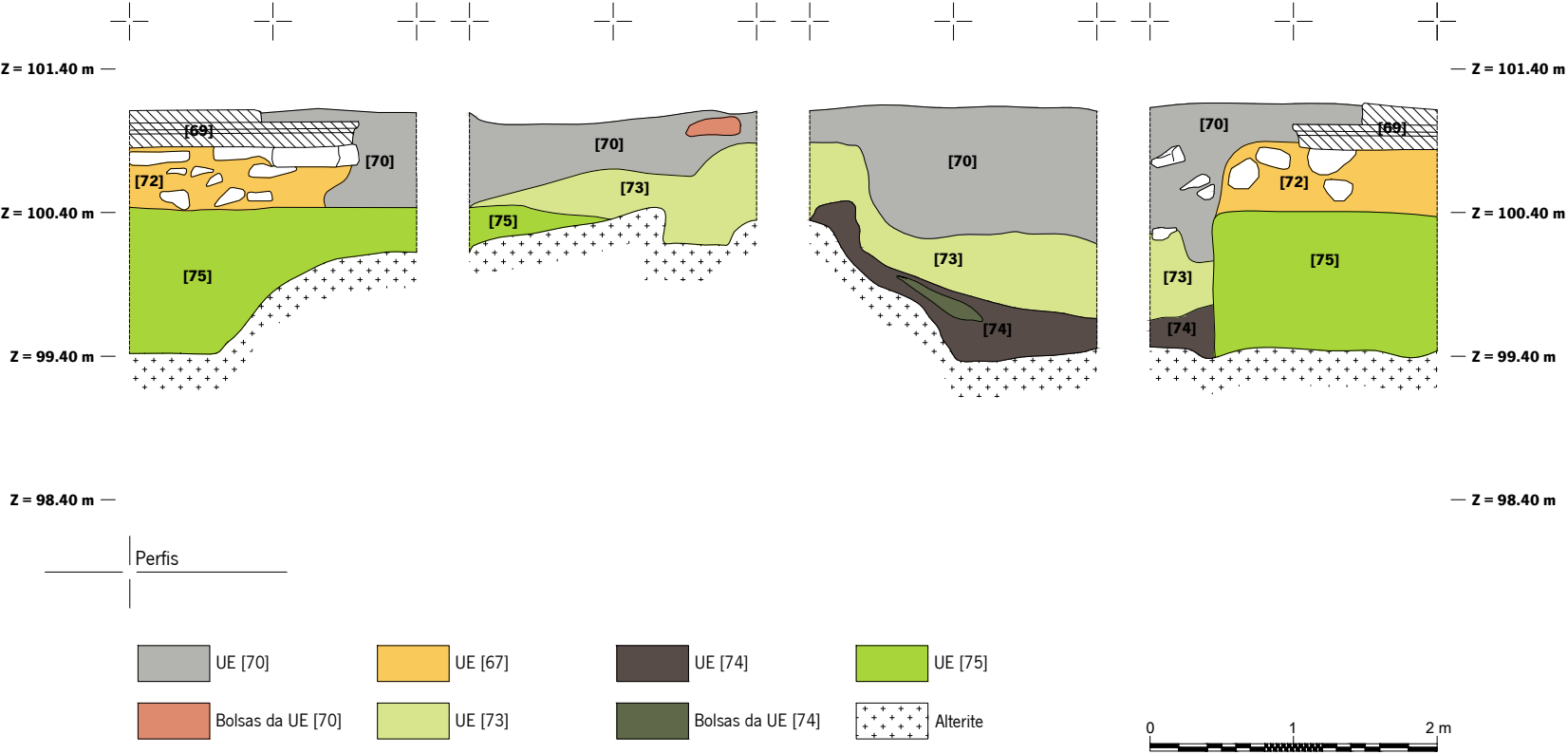
Apêndice I – Dados de campo



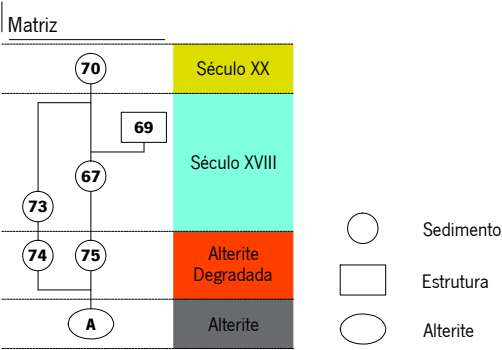


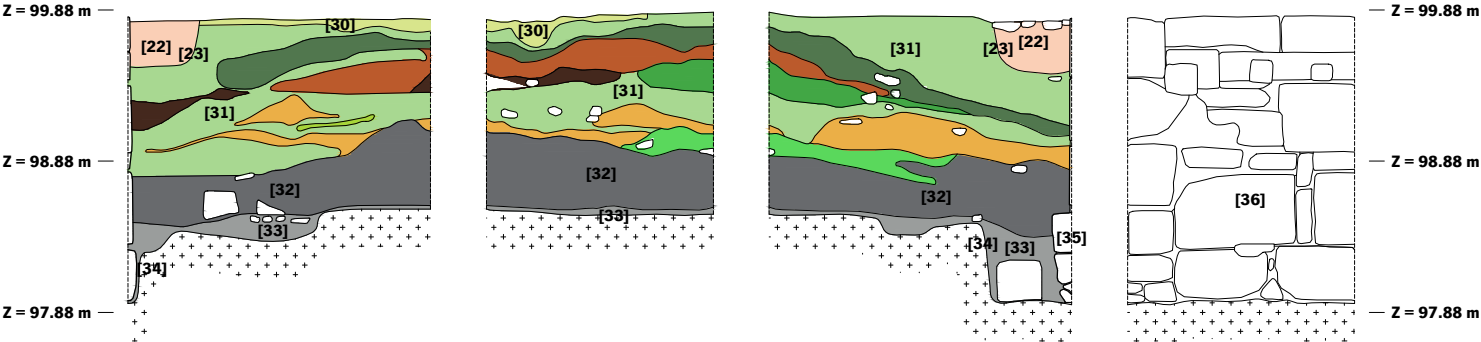
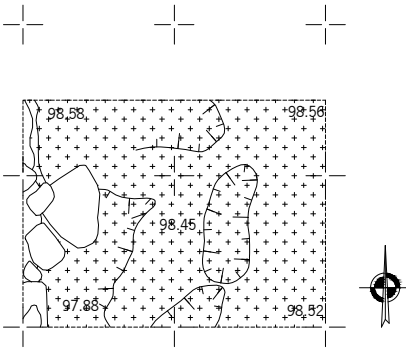






Perfil Norte / Este / Sul / Oeste KCL 11,12 - L,M





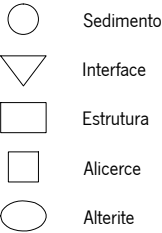
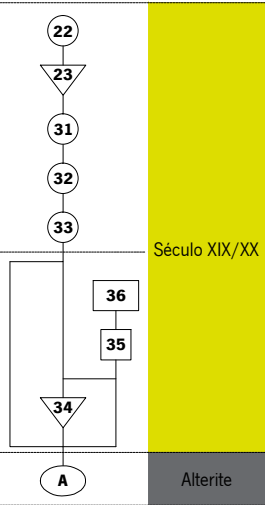
Plano Final / Perfis

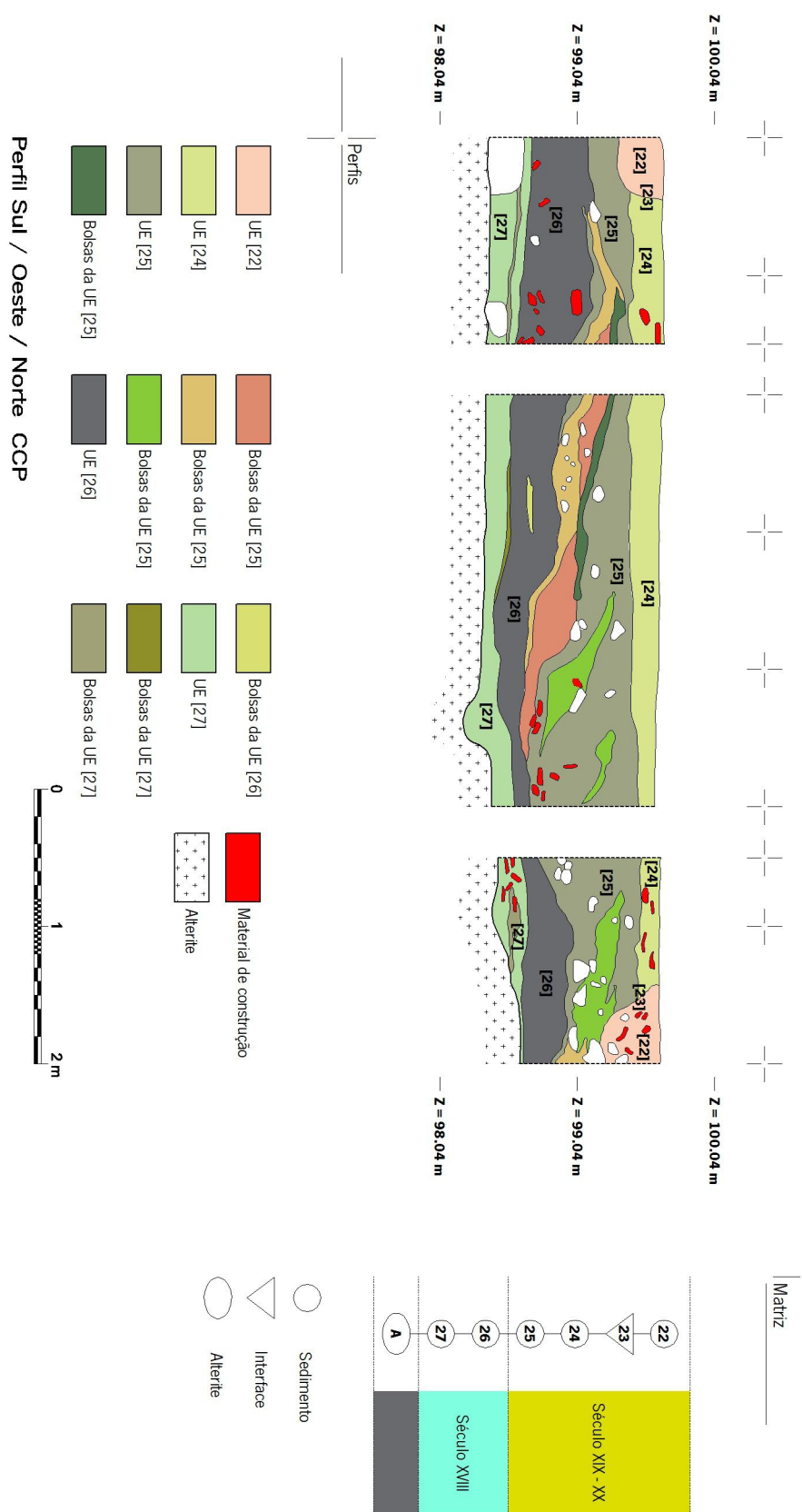


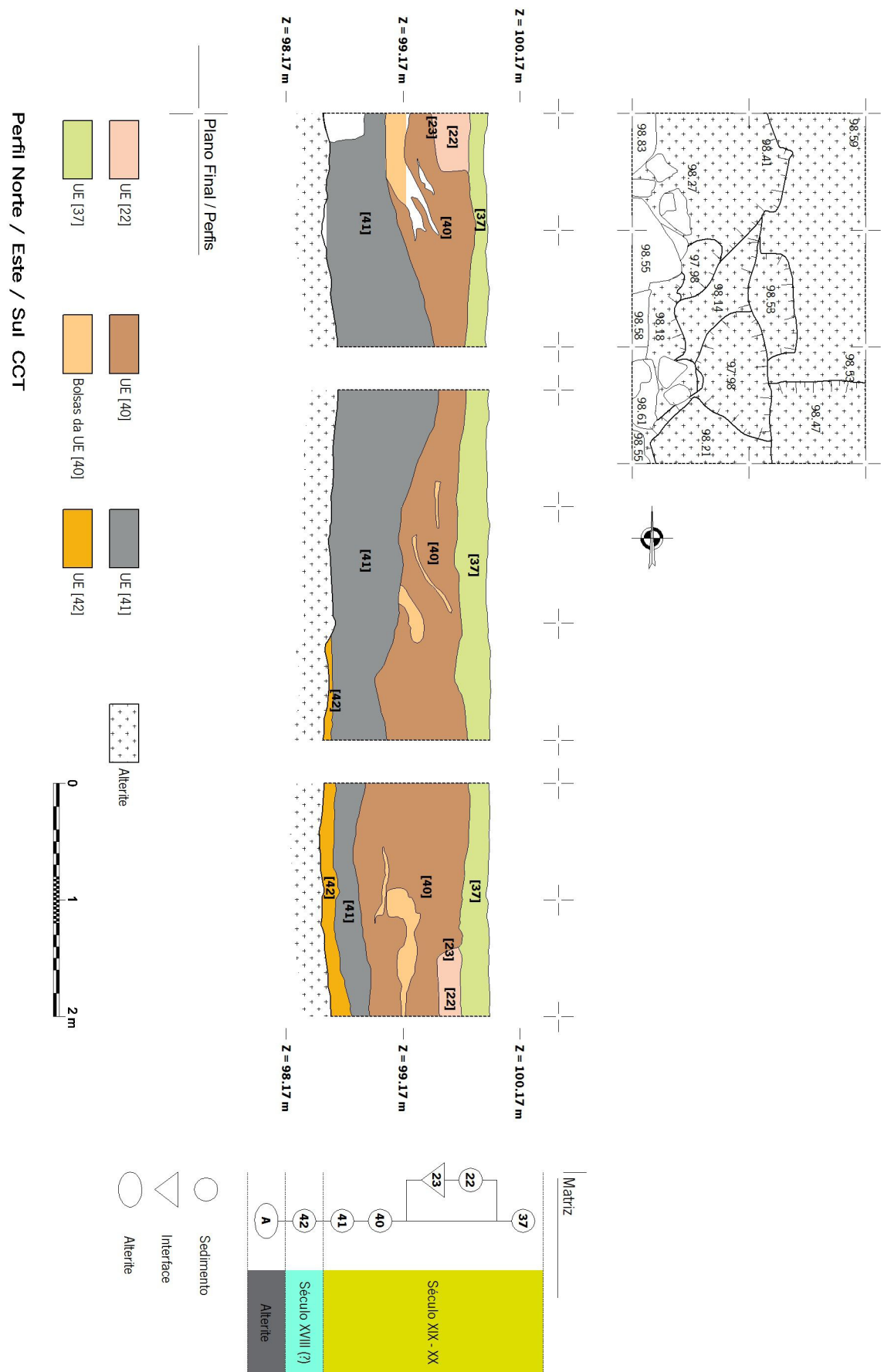
Perfil Norte / Este / Sul / Oeste CCN



Matriz

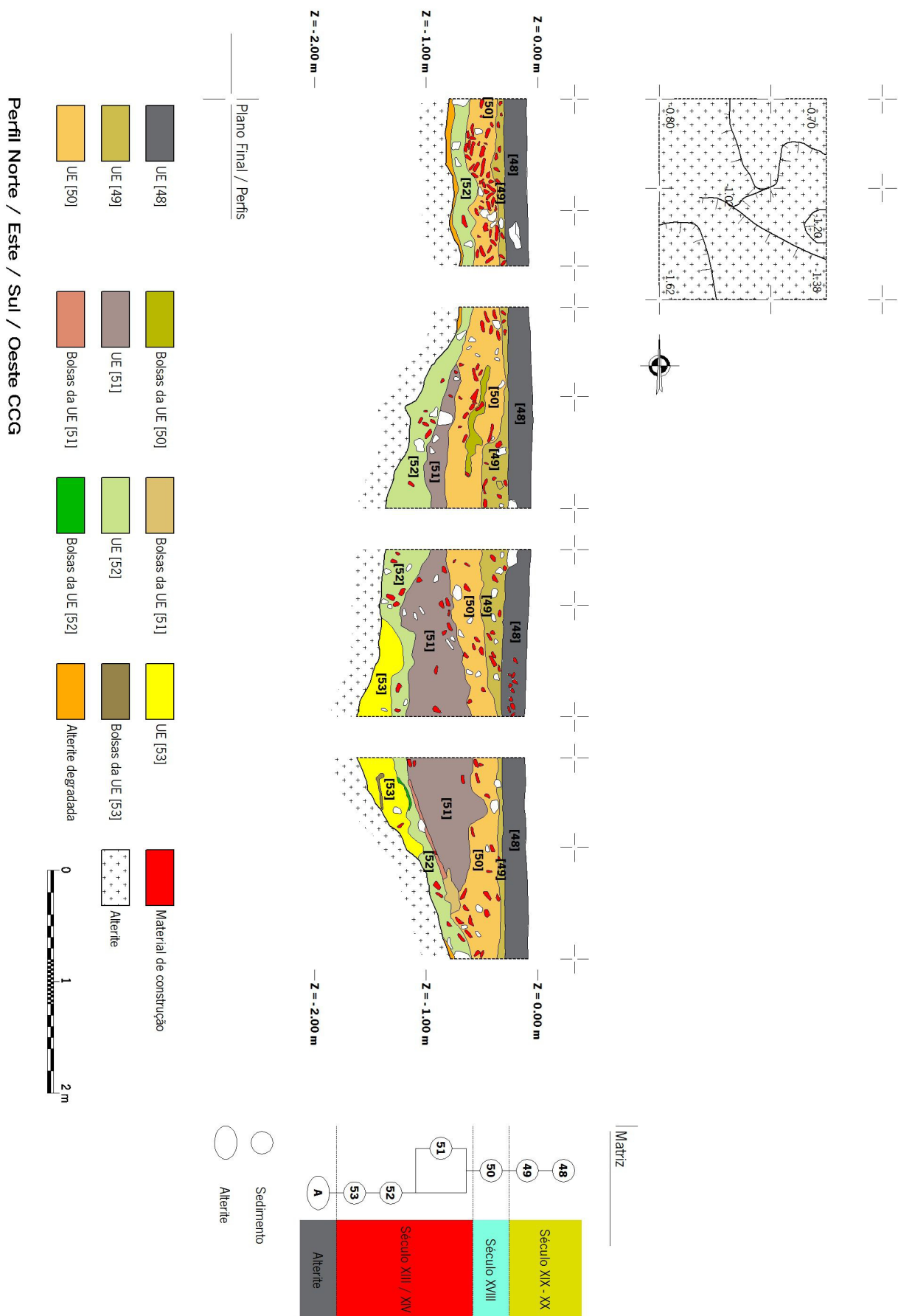




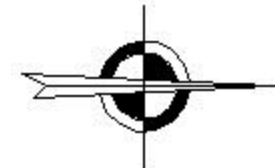
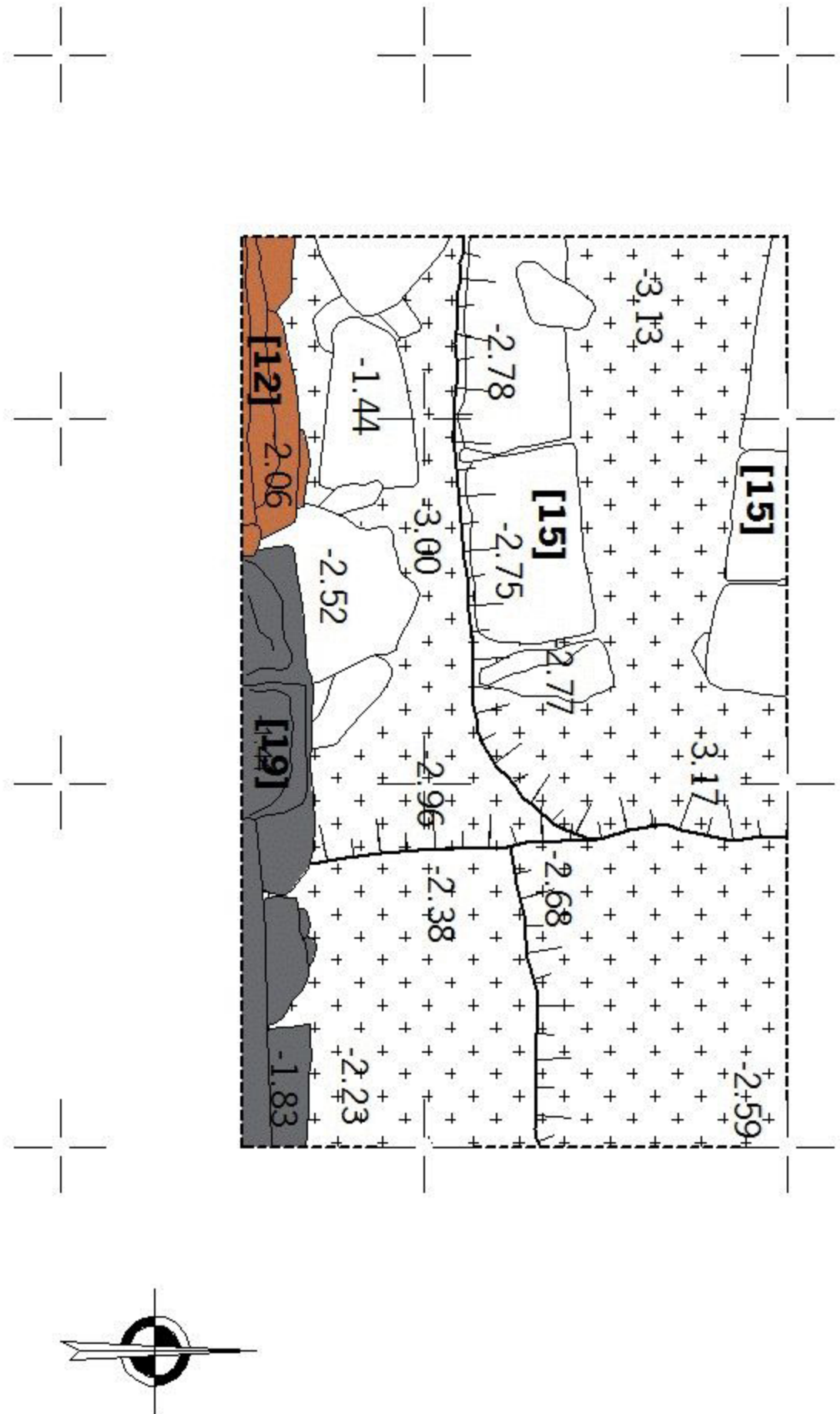




Apêndice 1.10



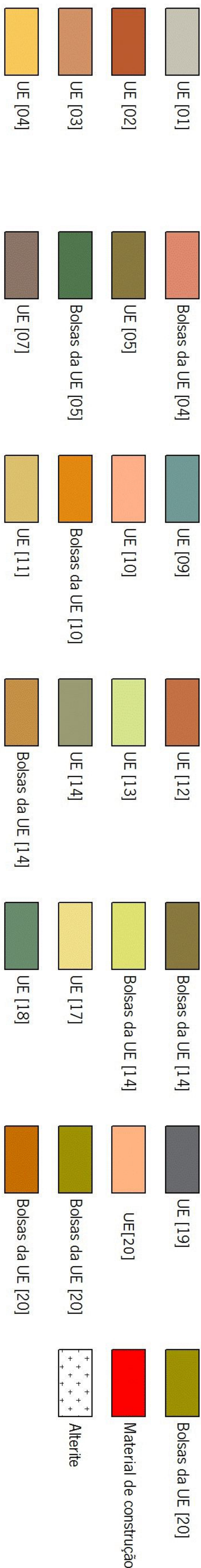
Mosteiro de Santa Marinha da Costa



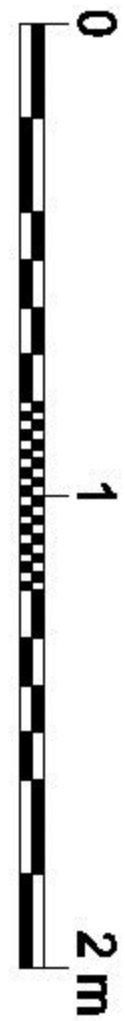
Z = -5.00 m

Z = -5.00 m

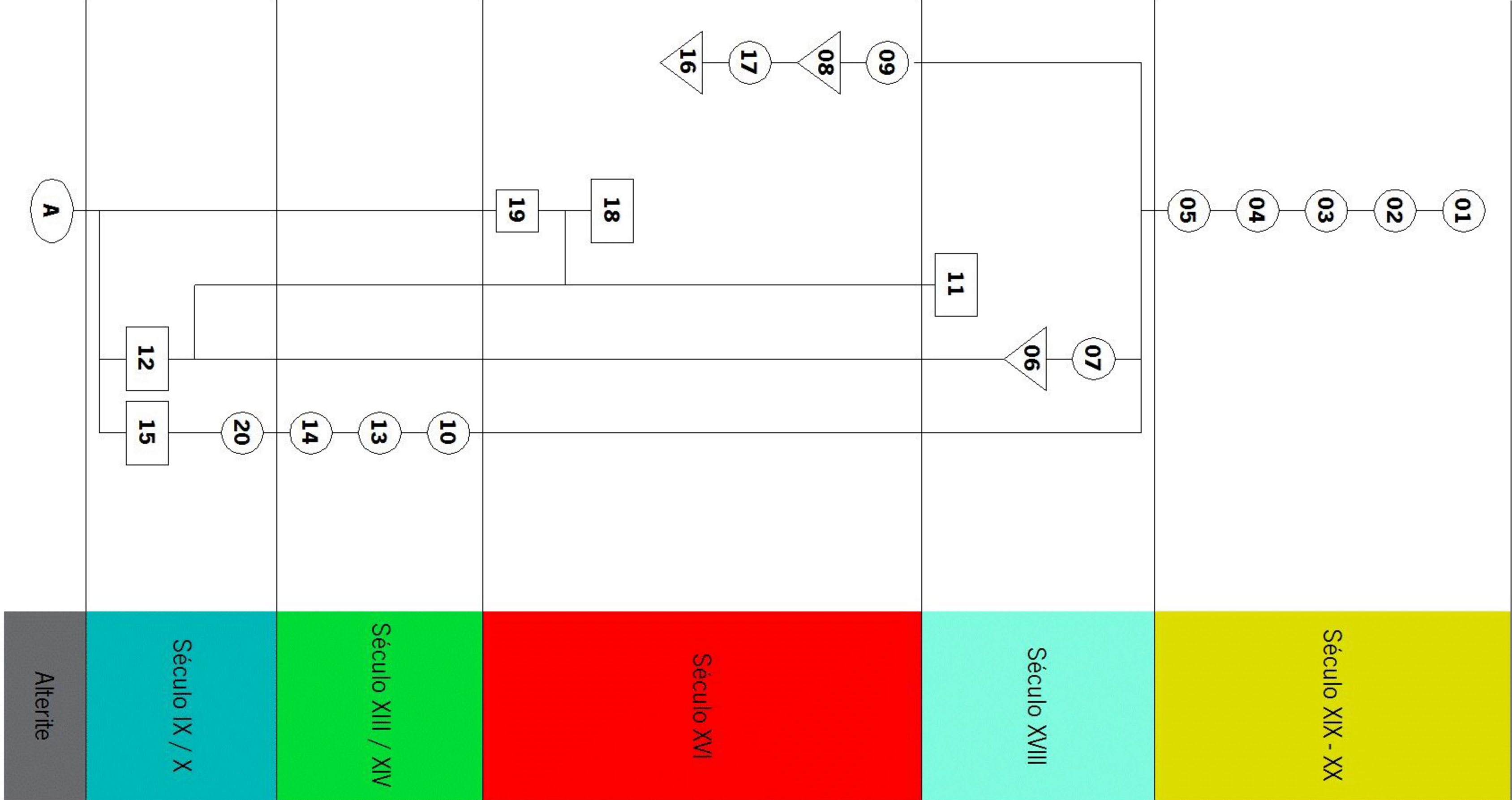
Plano Final / Perfis



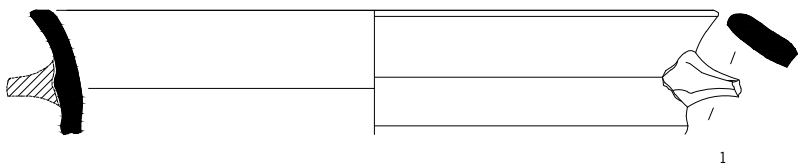
Perfil Norte / Este / Sul / Oeste CCK



Matriz



Apêndice II – Catálogo das cerâmicas



Nº inventário: 2013.0217

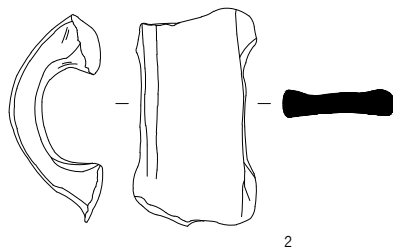
Forma: Panela

Dimensões: Ø27,5; alt. máx. 4,9

Descrição: Bordo ligeiramente esvasado e lábio biselado. Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada arrancando do colo

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: —



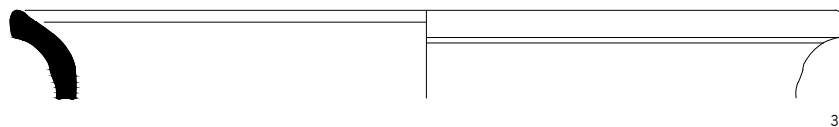
Nº inventário: 2012.0651

Forma: Panela

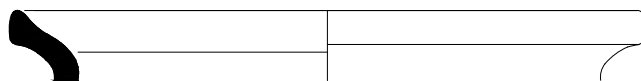
Descrição: Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada

Procedência: CC83F - Sem contexto

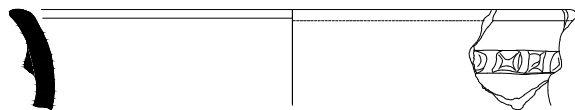
Paralelos: —



3



4



5

Nº inventário: 2013.0218

Forma: Panela

Dimensões: Ø32,6; alt. máx. 3,5

Descrição: Bordo esvasado e lábio biselado

Procedência: CC83G - UE [50]

Paralelos: Rodrigues e Rebanda, 1995: 62 (fig. 21)

Nº inventário: 2013.0219

Forma: Panela

Dimensões: Ø24,6; alt. máx. 2,4

Descrição: Bordo esvasado e lábio biselado

Procedência: CC83G - UE [51]

Paralelos: Rodrigues e Rebanda, 1995: 62 (fig. 25)

Nº inventário: 2012.0644

Forma: Panela

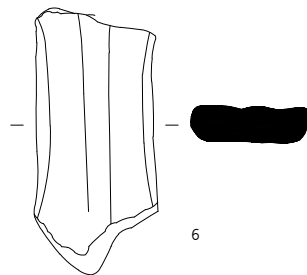
Dimensões: Ø22,4; alt. máx. 3,7

Descrição: Bordo ligeiramente esvasado e lábio biselado

Decoração: Cordão com impressões triangulares sob o bordo

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: —



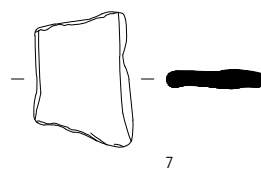
Nº inventário: 2013.0220

Forma: Jarro

Descrição: Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada e moldurada

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: —



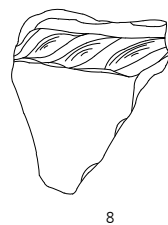
Nº inventário: 2013.0221

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada

Procedência: CC83K - UE [13]

Paralelos: —



Nº inventário: 2012.0649

Forma: Indeterminada

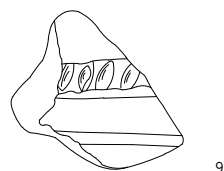
Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico horizontal

Procedência: CC83G - UE [48]

Paralelos: Silva e Ribeiro 2008:54 (fig.6 e 7)

Obs: escala 1:2



Nº inventário: 2012.0415G

Forma: Indeterminada

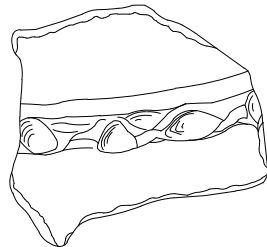
Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico horizontal

Procedência: CC83G - UE [50]

Paralelos: Silva e Ribeiro 2008:54 (fig.6 e 7)

Obs: escala 1:2



10

Nº inventário: 2012.0646

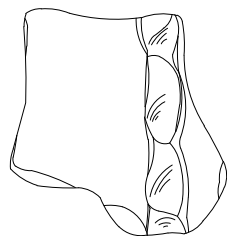
Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: Silva e Ribeiro, 2008:54 (fig.6 e 7)



11

Nº inventário: 2013.0222

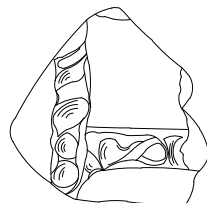
Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico digitado vertical

Procedência: CC83G - UE [50]

Paralelos: Silva e Ribeiro 2008:54 (fig.6 e 7)



12

Nº inventário: 2012.0302G

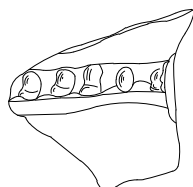
Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Cordões plásticos digitados cruzados

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: —



13

Nº inventário: 2013.0223

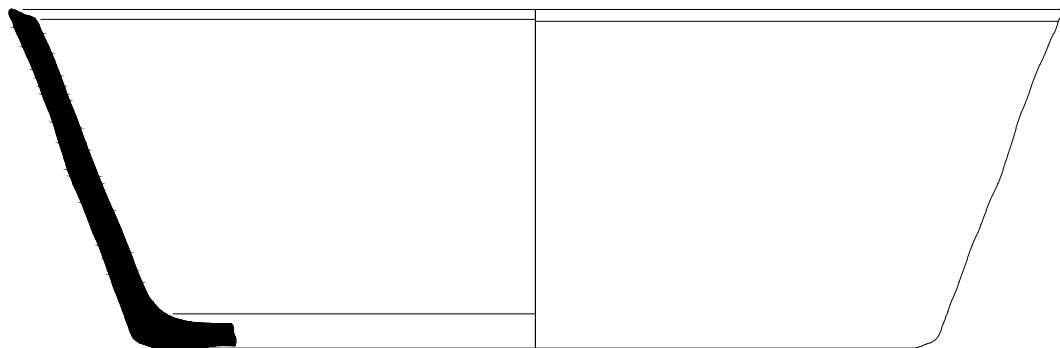
Forma: Indeterminado

Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: —



14

Nº inventário: 2012.0644

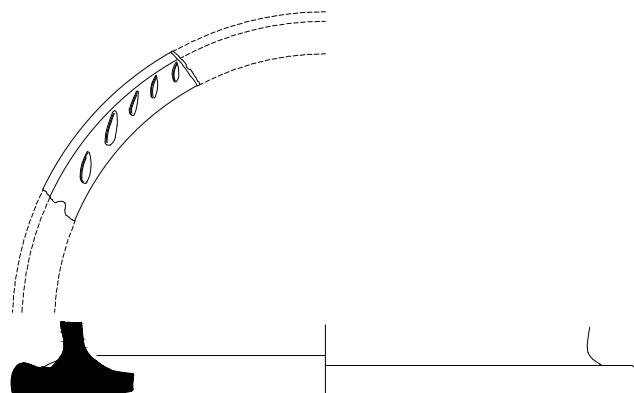
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø42; alt. máx. 13,4

Descrição: Corpo troncocónico; lábio biselado para o interior e fundo plano

Procedência: CC83G - UE [51]

Paralelos: —



15

Nº inventário: 2012.0647

Forma: Alguidar

Dimensões: Ø 24,8; alt. máx. 2,7

Descrição: Fundo plano em disco, moldurado na face superior

Decoração: Decoração golpeada na face superior

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985:XVI (fig. 5); Alarcão, 1974: XXXVII (figs. 747-753)



16

Nº inventário: 2013.0224

Forma: Jarro

Dimensões: Ø14,9 ; alt. máx. 4

Descrição: Colo ligeiramente esvasado; bordo em pequena aba horizontal e lábio pendente, com um estrangulamento na junção da aba com a parede interna

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



17

Nº inventário: 2013.0225

Forma: Jarro

Dimensões: Ø 13,1; alt. máx. 4,1

Descrição: Colo ligeiramente esvasado; Bordo em pequena aba horizontal com um estrangulamento no ponto de junção da aba com a parede interna

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gaspar,1985: XVI (fig.1); Barros e Henriques, 2003: 140 (fig.3)



18

Nº inventário: 2013.0226

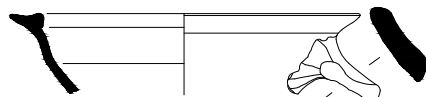
Forma: Jarro

Dimensões: Ø 11,2; alt. máx. 5,6

Descrição: Colo ligeiramente esvasado; Bordo em pequena aba horizontal com um estrangulamento no ponto de junção da aba com a parede interna

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XVI (fig.1); Barros e Henriques, 2003: 140 (fig.3)



19

Nº inventário: 2013.0227

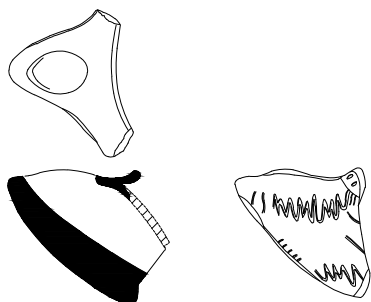
Forma: Jarro

Dimensões: Ø 12,7; alt. máx. 3,2

Descrição: Colo encurvado; Bordo em pequena aba horizontal com um estrangulamento no ponto de junção da aba com a parede interna. Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada, arrancando do colo

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



20

Nº inventário: 2013.0228

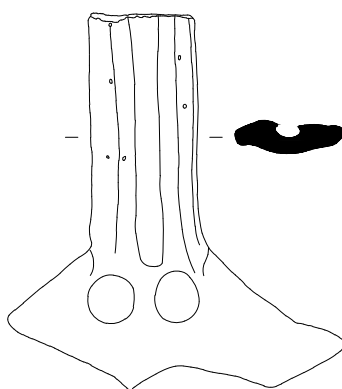
Forma: Jarro

Descrição: Fragmento de bico

Decoração: Linhas incisadas onduladas e oblíquas

Procedência: KCL 8G - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XV



21

Nº inventário: 2013.0229

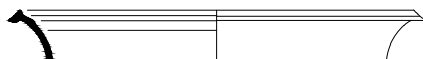
Forma: Jarro

Descrição: Asa de fita, de prensão vertical, secção aplanada com acentuada canelura longitudinal.

Decoração: Pequenas perfurações e 2 círculos digitados na ligação à parede

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



22

Nº inventário: 2013.0230

Forma: Pote

Dimensões: Ø 15,6; alt. máx. 2

Descrição: Bordo em gancho com um ligeiro estrangulamento no ponto de junção da aba com a parede interna

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XIV (fig.14)



23

Nº inventário: 2013.0231

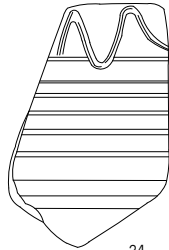
Forma: Pote

Dimensões: Ø 8,1; alt. máx. 1,3

Descrição: Bordo em forma de martelo com um estrangulamento no ponto de junção da aba com a parede interna

Procedência: KCL 17R - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XIV (figs. 7,8,10)



24

Nº inventário: 2013.0232

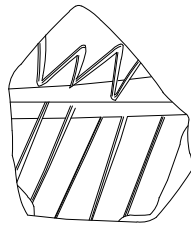
Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Linhas incisas onduladas; linhas incisas horizontais e paralelas entre si

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Silva e Ribeiro, 2008:84



25

Nº inventário: 2013.0233

Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Linhas incisas em ziguezague, horizontais e oblíquas

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Silva e Ribeiro, 2008:84



26

Nº inventário: 2013.0234

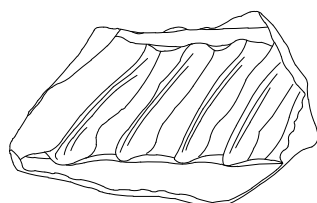
Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Linhas incisas em ziguezague

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XIX (fig.7)



27

Nº inventário: 2013.0235

Forma: Indeterminada

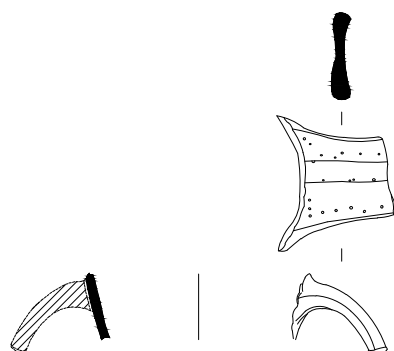
Descrição: Parede

Decoração: Cinta larga digitada

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XIII

Obs: Escala 1:2



28

Nº inventário: 2013.0236

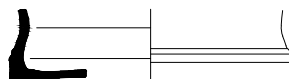
Forma: Jarro

Descrição: Colo encurvado; Asa de fita, de preensão vertical e secção aplanada

Decoração: Pequenas perfurações na face superior

Procedência: CCN - UE [31]

Paralelos: Ferreira e Pinto, 2008: 166 (fig. 6); Faure et al., 2010:59



29

Nº inventário: 2013.0237

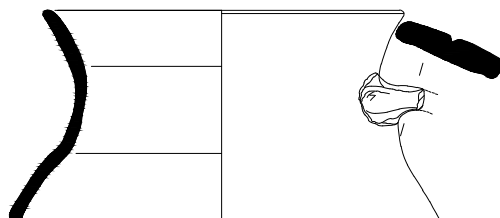
Forma: Jarro

Dimensões: Ø 11,2; alt. máx. 2,9

Descrição: Parede perpendicular flectindo depois para o interior ; Fundo externo ligeiramente alteado

Procedência: CCN - UE [31]

Paralelos: Gaspar, 1985: XVI (figs. 2 e 3)



30

Nº inventário: 2012.0645

Forma: Jarro

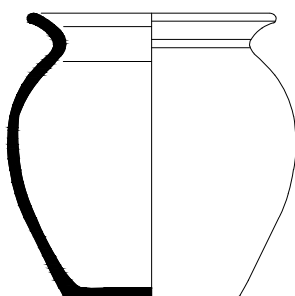
Dimensões: Ø 14; alt. máx. 8,4

Descrição: Perfil em "S"; bordo esvasado e lábio simples. Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada, arrancando do colo

Decoração: Incisão sobre a asa

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: Rodrigues e Rebanda,1998:119



31

Nº inventário: 2013.0238

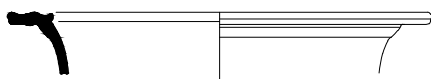
Forma: Pote

Dimensões: Ø9,4; alt. máx. 11,3

Descrição: Perfil em "S"; bordo esvasado e fundo plano

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XIX (fig.6)



32

Nº inventário: 2013.0239

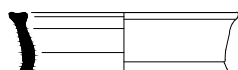
Forma: Pote

Dimensões: Ø15; alt.máx. 2,7

Descrição: Bordo em aba horizontal moldurado, com ligeiro estrangulamento no ponto de junção da aba com a parede interna; colo ligeiramente côncavo

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985: XIV (fig. 6)



33

Nº inventário: 2013.0240

Forma: Pote

Dimensões: Ø8,4; alt.máx.2,4

Descrição: Colo vertical; lábio bifurcado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 176



34

Nº inventário: 2013.0241

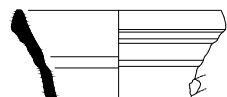
Forma: Pote

Dimensões: Ø4,5; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede encurvada e exteriormente ondulada ; Fundo plano simples com falso pé. L

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: ———



35

Nº inventário: 2013.0242

Forma: Jarro

Dimensões: Ø8; alt. máx. 3,4

Descrição: Bordo ligeiramente esvasado com uma canelura na transição para o colo, lábio triangular moldurado na face externa. Arranque de asa a partir do colo

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Bugalhão et al., 2003:182 (fig. 363)



36

Nº inventário: 2013.0243

Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø11,4; alt. máx. 2,6

Descrição: Fundo plano simples; parede vertical

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gaspar, 1985:XVI (Fig.2)



Nº inventário: 2013.0244

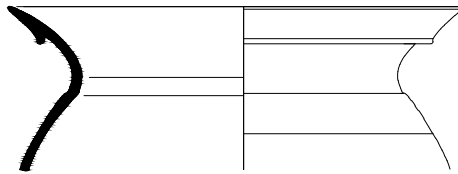
Forma: Indeterminada

Descrição: Colo com arranque de asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada

Decoração: Vestígios de um revestimento vidrado verde amarelado, golpeada na face superior

Procedência: CC83K - UE [14]

Paralelos: —



38

Nº inventário: 2013.0245

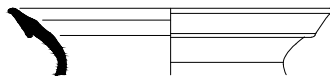
Forma: Panela

Dimensões: Ø17,9; alt. máx. 6,5

Descrição: Perfil em "S"; colo côncavo e bordo esvasado de secção triangular

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:177



39

Nº inventário: 2013.0246

Forma: Panela

Dimensões: Ø12,6; alt. máx. 2,7

Descrição: Perfil em "S"; colo côncavo, bordo esvasado de secção triangular

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 177



40

Nº inventário: 2013.0247

Forma: Panela

Dimensões: Ø12,1; alt. máx. 2,9

Descrição: Perfil em "S"; colo muito côncavo, bordo esvasado de secção triangular com ligeiro espessamento

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 176



41

Nº inventário: 2013.0248

Forma: Panela

Dimensões: Ø16,2; alt. máx. 2,9

Descrição: Perfil em "S"; colo côncavo, com canelura na parede interna; bordo esvasado de secção triangular

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



42

Nº inventário: 2013.0249

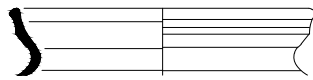
Forma: Panela

Dimensões: Ø15,3; alt. máx. 1,9

Descrição: Bordo esvasado de secção triangular

Procedência: KCL 8G - UE [56]

Paralelos: Barreira et al., 1998:176



43

Nº inventário: 2013.0250

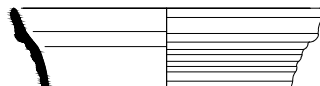
Forma: Panela

Dimensões: Ø11,6; alt. máx. 2,7

Descrição: Bordo esvasado, moldurado na face externa; lábio simples com ligeiro espessamento externo

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



44

Nº inventário: 2013.0251

Forma: Jarro

Dimensões: Ø12,1; alt. máx. 2,9

Descrição: Colo alto, ondulado na parede externa; bordo moldurado e vertical

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Rodrigues et al., 1995: 63 (fig.32)



45

Nº inventário: 2013.0252

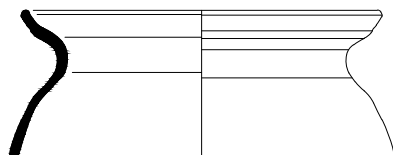
Forma: Testo

Dimensões: Ø20,4; alt. máx. 1,2

Descrição: Parede e lábio simples, ligeiramente alteado

Procedência: CCS - UE [46]

Paralelos: Cardoso e Rodrigues, 2008:106 (fig. 50)



46

Nº inventário: 2013.0253

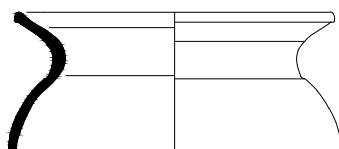
Forma: Panela

Dimensões: Ø14,1; alt. máx. 5,7

Descrição: Perfil em "S"; colo côncavo e bordo esvasado

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:177



47

Nº inventário: 2013.0254

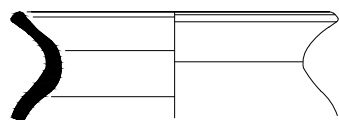
Forma: Panela

Dimensões: Ø12,3; alt. máx. 5,4

Descrição: Perfil em "S"; colo côncavo, bordo esvasado que termina num lábio simples

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:177



48

Nº inventário: 2013.0255

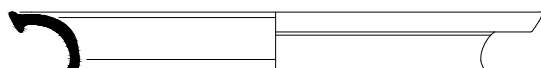
Forma: Panela

Dimensões: Ø12,3; alt. máx. 4,2

Descrição: Perfil em "S"; bordo esvasado, que termina num lábio simples

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Rodrigues e Rebanda, 1995: 66 (fig. 24)



49

Nº inventário: 2013.0256

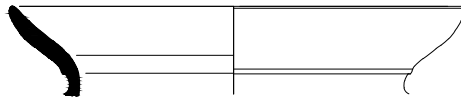
Forma: Panela

Dimensões: Ø21; alt. máx. 2,4

Descrição: Bordo em aba horizontal, lábio em gancho

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Rodrigues e Rebanda, 1998:121



50

Nº inventário: 2013.0257

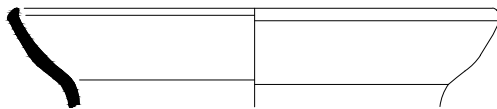
Forma: Panela

Dimensões: Ø17,7; alt. máx. 3,6

Descrição: Perfil em "S"; bordo esvasado com moldura exterior, lábio arredondado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:177



51

Nº inventário: 2013.0258

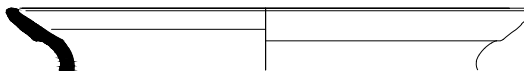
Forma: Panela

Dimensões: Ø18,9; alt. máx. 3,9

Descrição: Perfil em "S"; Bordo esvasado, lábio simples, biselado para o interior

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



52

Nº inventário: 2013.0259

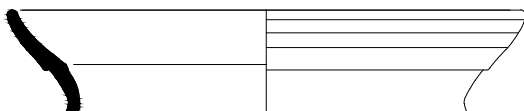
Forma: Panela

Dimensões: Ø20,4; alt. máx. 2,4

Descrição: Perfil em "S"; Bordo esvasado de secção triangular assinalado por uma pequena moldura

Procedência: KCL 9F - Sem contexto

Paralelos: —



53

Nº inventário: 2013.0260

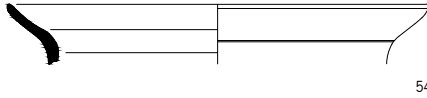
Forma: Panela

Dimensões: Ø20,1; alt. máx. 4,2

Descrição: Perfil em "S"; Bordo esvasado de secção triangular; lábio arredondado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



54

Nº inventário: 2013.0261

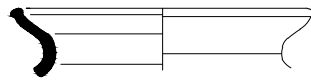
Forma: Panela

Dimensões: Ø16,5; alt. máx. 2,4

Descrição: Perfil em "S"; Bordo esvasado, lábio arredondado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



55

Nº inventário: 2013.0262

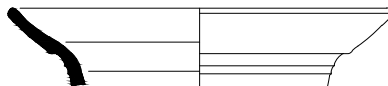
Forma: Panela

Dimensões: Ø11,4; alt. máx. 2,4

Descrição: Perfil em "S"; bordo esvasado e lábio espessado exterior e interiormente

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:177



56

Nº inventário: 2013.0263

Forma: Panela

Dimensões: Ø14,7; alt. máx. 3

Descrição: Perfil em "S"; bordo esvasado que termina num lábio simples; pequenas molduras na face exterior do colo

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:178



57

Nº inventário: 2013.0264

Forma: Panela

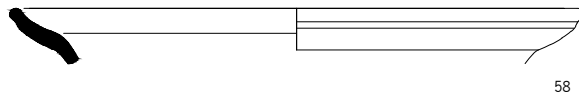
Dimensões: Ø12,3; alt. máx. 1,8

Descrição: Perfil em "S"; bordo esvasado, lábio espessado exteriormente sublinhado por uma canelura pouco profunda

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —

Escala 1:3



58

Nº inventário: 2013.0265

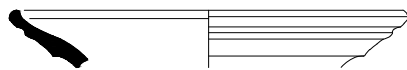
Forma: Panela

Dimensões: Ø22,2; alt. máx. 1,8

Descrição: Bordo esvasado, lábio arredondado

Procedência: CC83C - Sem contexto

Paralelos: Rodrigues e Lebre, 2003:159 (fig.12)



59

Nº inventário: 2013.0266

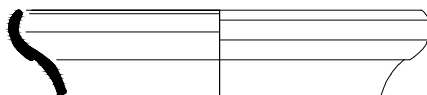
Forma: Panela

Dimensões: Ø15,3; alt. máx. 2,4

Descrição: Bordo esvasado e moldurado, lábio espessado ligeiramente reentrante

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



60

Nº inventário: 2013.0267

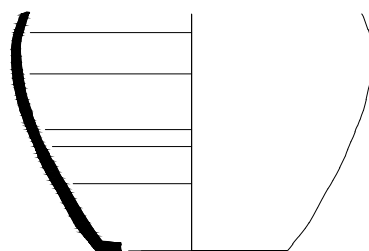
Forma: Panela

Dimensões: Ø15,9; alt. máx. 3,3

Descrição: Colo e bordo côncavo

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



61

Nº inventário: 2013.0268

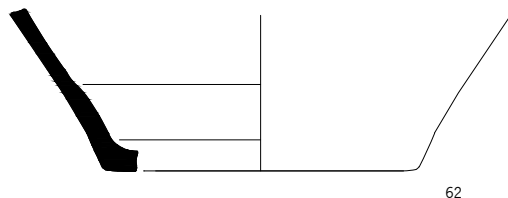
Forma: Panela

Dimensões: Ø7,5; alt. máx. 9,3

Descrição: Parede encurvada; fundo plano simples

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:177



Nº inventário: 2013.0269

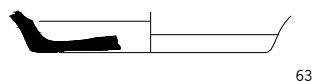
Forma: Panela

Dimensões: Ø12; alt. máx. 6,3

Descrição: Parede esvasada, fundo plano simples

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:176



Nº inventário: 2013.0270

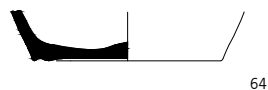
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø9; alt. máx. 1,5

Descrição: Parede esvasada, fundo externo ligeiramente alteado

Procedência: KCL 5K - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0271

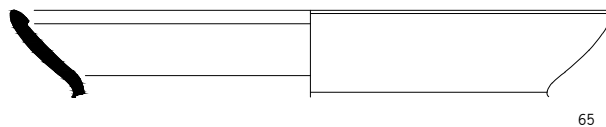
Forma: Indeterminado

Dimensões: Ø7,5; alt. máx. 1,8

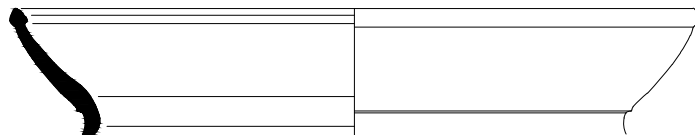
Descrição: Parede esvasada, fundo plano com falso pé

Procedência: KCL 8G - UE [56]

Paralelos: —



65



66



67

Nº inventário: 2013.0272

Forma: Panela

Dimensões: Ø23,4; alt. máx. 3,3

Descrição: Bordo esvasado, lábio biselado para o interior

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —

Nº inventário: 2013.0273

Forma: Panela

Dimensões: Ø27; alt. máx. 5,1

Descrição: Bordo esvasado com pequena moldura na transição para o colo, lábio ligeiramente espessado

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: —

Nº inventário: 2013.0274

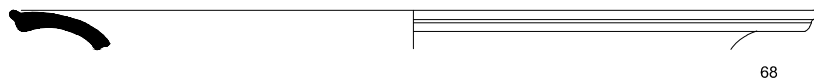
Forma: Panela

Dimensões: Ø35,1; alt. máx. 2,7

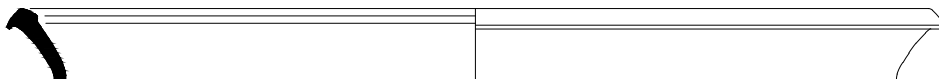
Descrição: Bordo em aba horizontal, lábio bifurcado

Procedência: CCU - Sem contexto

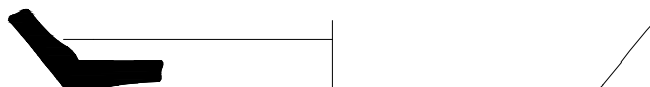
Paralelos: Rodrigues e Rebanda, 1998:121



68



69



70

Nº inventário: 2013.0275

Forma: Panela

Dimensões: Ø31,8; alt. máx. 1,5

Descrição: Bordo em aba horizontal, lábio boleado

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: —

Nº inventário: 2013.0276

Forma: Panela

Dimensões: Ø36; alt. máx. 2,7

Descrição: Parede esvasada; lábio triangular

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: —

Nº inventário: 2013.0277

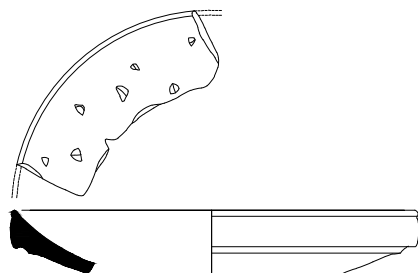
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø21; alt. máx. 2,7

Descrição: Fundo simples, com fundo externo alteado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



71

Nº inventário: 2013.0278

Forma: Pratel

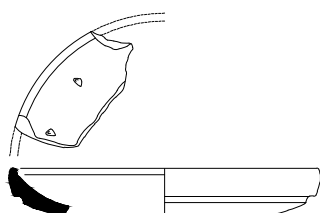
Dimensões: Ø15,9; alt. máx. 2,4

Descrição: Parede encurvada; bordo triangular moldurado

Decoração: Parede interna ornamentada com incisões triangulares

Procedência: KCL 8G - UE [56]

Paralelos: —



72

Nº inventário: 2013.0279

Forma: Pratel

Dimensões: Ø12; alt. máx. 1,8

Descrição: Bordo triangular

Decoração: Parede interna ornamentada com incisões triangulares

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



73

Nº inventário: 2013.0280

Forma: Prato

Dimensões: Ø17,7; alt. máx. 2,7

Descrição: Parede côncava na face externa e convexa na face interna; lábio simples e fundo ligeiramente alteado

Decoração:

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



74

Nº inventário: 2013.0281

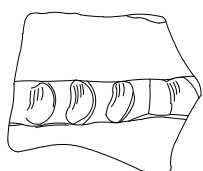
Forma: Indeterminado

Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



75

Nº inventário: 2013.0282

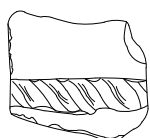
Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico digitado horizontal

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



76

Nº inventário: 2013.0283

Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Cordão plástico horizontal

Procedência: CCS - UE [46]

Paralelos: —



77

Nº inventário: 2013.0284

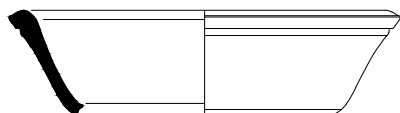
Forma: Jarro

Dimensões: Ø9,5; alt. máx. 6,8

Descrição: Bordo triangular, colo alto e moldurado; Asa de fita, secção oval, prensão vertical com acentuada canelura longitudinal

Procedência: CC83K - UE [3]

Paralelos: Alves et al., 1998:191 (fig. 12A); Barreira et al., 1998: 171



78

Nº inventário: 2013.0285

Forma: Tigela

Dimensões: Ø14,4; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede esvasada, bordo espessado sublinhado por uma canelura na parede externa

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



79

Nº inventário: 2013.0286

Forma: Prato

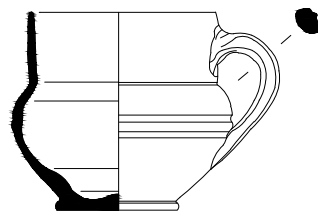
Dimensões: Ø 16; alt. máx. 2

Descrição: Aba larga ligeiramente convexa com ligação à parede marcada por uma carena bem definida

Decoração:

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: —



80

Nº inventário: 2013.0287

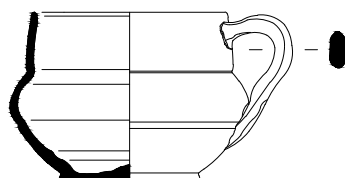
Forma: Púcaro

Dimensões: Ø7,3; alt. máx. 7,9

Descrição: Corpo de forma esférica; fundo plano, bordo alto e vertical. Asa tubular, de preensão vertical secção circular, arrancando do bordo. Caneluras na parede exterior

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Gomes, 2008:284; Teichner, 2003:513 (fig.5)



81

Nº inventário: 2013.0288

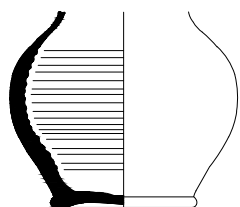
Forma: Púcaro

Dimensões: Ø7,6; alt. máx. 6,7

Descrição: Corpo de forma esférica achatada; fundo plano alargado; bordo alto e vertical. Asa tubular, de preensão vertical e secção oval, arrando do bordo. Fina canelura na parede externa da ligação do bordo com o corpo e canelura mais acentuada a meio da parede exterior

Procedência: KCL 8G - UE [56]

Paralelos: Gomes, 2008:284; Teichner, 2003:513 (fig.5)



82

Nº inventário: 2013.0289

Forma: Púcaro

Dimensões: Ø5,5; alt. máx. 7,8

Descrição: Corpo de forma ovoide, parede interna ondulada; fundo ligeiramente alteado

Procedência: KCL 6K - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:172



83

Nº inventário: 2013.0290

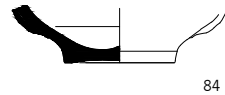
Forma: Púcaro

Dimensões: Ø4,6; alt. máx. 3,5

Descrição: Fundo plano alargado; parede esférica com moldura na face interna

Procedência: KCL 7S - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:172



84

Nº inventário: 2013.0291

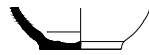
Forma: Púcaro

Dimensões: Ø4,4; alt. máx. 2,2

Descrição: Fundo ligeiramente alteado; parede encurvada, com arranque de asa

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Teichner, 2003:513 (fig.5)



85

Nº inventário: 2013.0292

Forma: Púcaro

Dimensões: Ø3,2; alt. máx. 1,6

Descrição: Fundo plano ; parede encurvada

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: Barreira et al., 1998:172



86

Nº inventário: 2013.0293

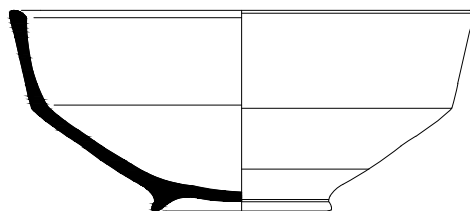
Forma: Púcaro

Dimensões: Ø2,2; alt. máx. 2,3

Descrição: Fundo plano ; parede esvasada, ondulada internamente

Procedência: KCL 8G - UE [56]

Paralelos: ———



87

Nº inventário: 2013.0294

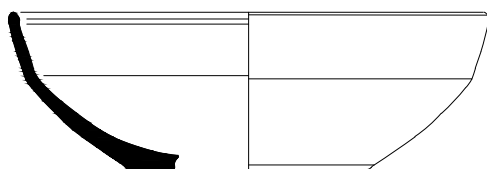
Forma: Tigela

Dimensões: Ø18,1; alt. máx. 8

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede vertical e lábio simples ligeiramente biselado para o interior. Fundo com pé anelar

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira. et al., 1998:168



88

Nº inventário: 2011.0513

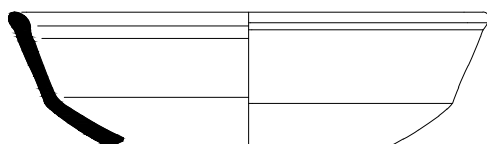
Forma: Tigela

Dimensões: Ø18,7; alt. máx. 6,4

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede ligeiramente esvasada e lábio simples. Fundo plano

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:168



89

Nº inventário: 2013.0295

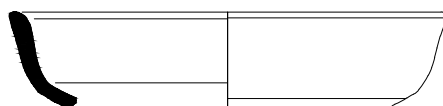
Forma: Tigela

Dimensões: Ø18,8; alt. máx. 5,4

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede ligeiramente esvasada e lábio simples assinado por uma pequena moldura interior

Procedência: KCL 8D - UE [61]

Paralelos: Barreira et al., 1998:168



90

Nº inventário: 2013.0296

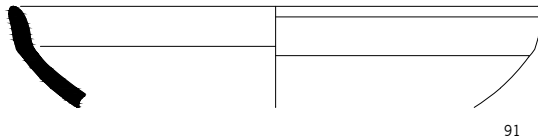
Forma: Tigela

Dimensões: Ø17; alt. máx. 3,9

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede vertical, lábio simples

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:170



91

Nº inventário: 2013.0297

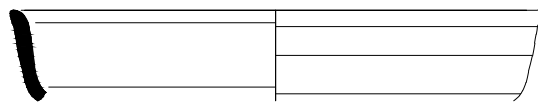
Forma: Tigela

Dimensões: Ø20,8; alt. máx. 3,9

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede curta e vertical, lábio simples

Procedência: KCL 6F - UE [77]

Paralelos: Barreira et al., 1998:168



92

Nº inventário: 2013.0298

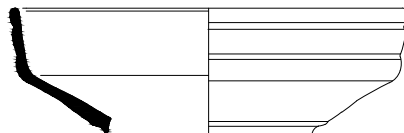
Forma: Tigela

Dimensões: Ø20,8; alt. máx. 3,6

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede vertical, lábio simples

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:170



93

Nº inventário: 2013.0299

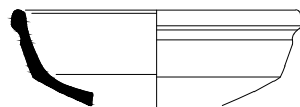
Forma: Tigela

Dimensões: Ø15,4; alt. máx. 5

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede vertical com duas caneluras externas e lábio simples

Procedência: KCL 9F- Sem contexto

Paralelos: —



94

Nº inventário: 2013.0300

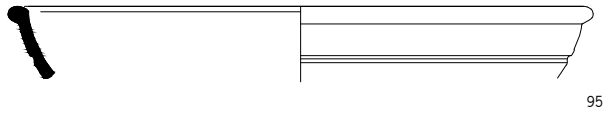
Forma: Tigela

Dimensões: Ø11; alt. máx. 4

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede ligeiramente esvasada e lábio espessado sublinhado por uma canelura externa

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:170



95

Nº inventário: 2013.0301

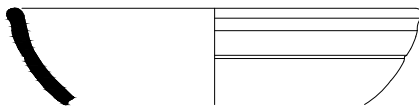
Forma: Tigela

Dimensões: Ø22,5; alt. máx.3

Descrição: Parede encurvada com canelura bem marcada na face externa, lábio arredondado e espessado

Procedência: KCL 8G - UE [55]

Paralelos: —



96

Nº inventário: 2013.0302

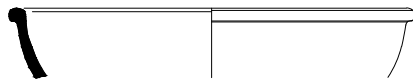
Forma: Tigela

Dimensões: Ø15,9; alt. máx. 3,8

Descrição: Parede encurvada, com duas caneluras pouco profundas na face externa, lábio arredondado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



97

Nº inventário: 2013.0303

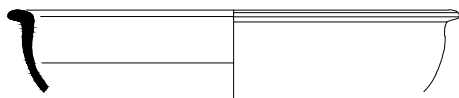
Forma: Tigela

Dimensões: Ø15,5; alt. máx.2,7

Descrição: Parede encurvada, lábio arredondado e espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 168



98

Nº inventário: 2013.0304

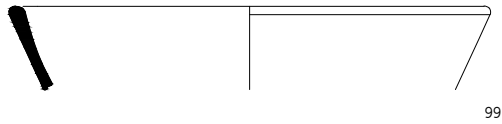
Forma: Tigela

Dimensões: Ø17,1; alt. máx.3,7

Descrição: Parede encurvada, bordo esvasado em forma de pequena aba horizontal

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:168



Nº inventário: 2013.0305

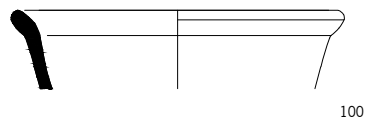
Forma: Tigela

Dimensões: Ø18,6; alt. máx. 3,6

Descrição: Parede esvasada, que termina num lábio simples

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0306

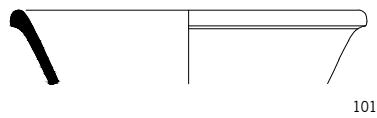
Forma: Tigela

Dimensões: Ø12,7; alt. máx. 3,1

Descrição: Parede rectilínea, bordo esvasado e lábio arredondado

Procedência: Sem contexto

Paralelos: Ferreira et al., 2003: 200 (fig. C011)



Nº inventário: 2013.0307

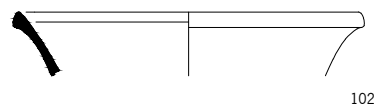
Forma: Tigela

Dimensões: Ø13,5; alt. máx. 3,1

Descrição: Parede esvasada, com lábio ligeiramente espessado

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: Barreira et al., 1998:170



Nº inventário: 2013.0308

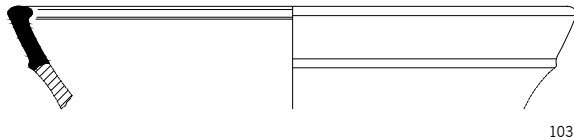
Forma: Tigela

Dimensões: Ø13,5; alt. máx. 2,5

Descrição: Parede esvasada, lábio espessado

Procedência: KCL 9Q - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:170



103

Nº inventário: 2013.0309

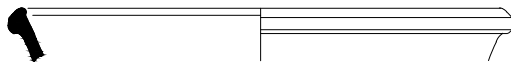
Forma: Tigela

Dimensões: Ø21,8; alt. máx. 4,1

Descrição: Parede esvasada ligeiramente encurvada; lábio biselado para o interior

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



104

Nº inventário: 2013.0310

Forma: Tigela

Dimensões: Ø19; alt. máx. 2,1

Descrição: Parede esvasada; lábio espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



105

Nº inventário: 2013.0311

Forma: Tigela

Dimensões: Ø13,8; alt. máx. 3,1

Descrição: Parede encurvada com moldura na face interna; lábio espessado e moldurado na face externa

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Cardoso e Rodrigues, 2008:108 (fig. 66)



106

Nº inventário: 2013.0312

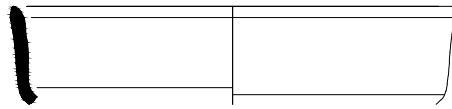
Forma: Tigela

Dimensões: Ø13,2; alt. máx. 2,8

Descrição: Parede encurvada; bordo espessado que termina num lábio bifurcado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



107

Nº inventário: 2013.0313

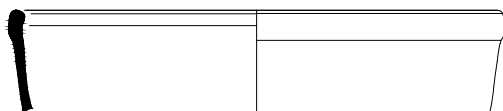
Forma: Tigela

Dimensões: Ø17,4; alt. máx. 3,9

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede vertical, lábio simples

Procedência: KCL 7S - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 170



108

Nº inventário: 2013.0314

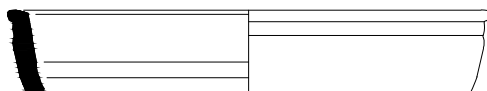
Forma: Tigela

Dimensões: Ø19,1; alt. máx. 4

Descrição: Parede ligeiramente encurvada; bordo espessado que termina num lábio ligeiramente biselado para o interior

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



109

Nº inventário: 2013.0315

Forma: Tigela

Dimensões: Ø18,5; alt. máx. 3,2

Descrição: Parede ligeiramente encurvada; lábio espessado destacado por duas caneluras pouco profundas

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



110

Nº inventário: 2013.0316

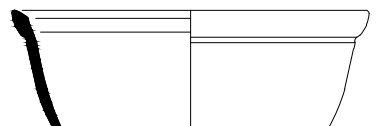
Forma: Tigela

Dimensões: Ø18,3; alt. máx. 2,5

Descrição: Parede encurvada; lábio espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Alves et al., 1998: 192 (fig.9)



111

Nº inventário: 2013.0317

Forma: Tigela

Dimensões: Ø14; alt. máx. 4,8

Descrição: Parede curva; bordo ligeiramente esvasado separado da parede por uma canelura, lábio biselado para o interior

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



112

Nº inventário: 2013.0318

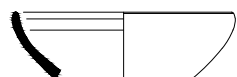
Forma: Tigela

Dimensões: Ø10,8; alt. máx. 2,4

Descrição: Parede encurvada, bordo triangular

Procedência: CCP - Sem contexto

Paralelos: —



113

Nº inventário: 2013.0319

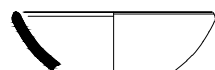
Forma: Tigela

Dimensões: Ø8,6; alt. máx. 2,7

Descrição: Parede encurvada, que termina num lábio simples

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:168



114

Nº inventário: 2013.0320

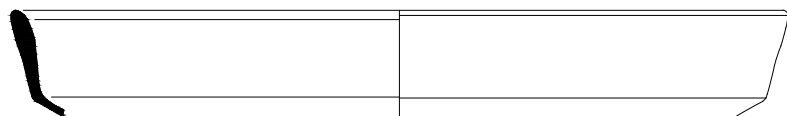
Forma: Tigela

Dimensões: Ø7,8; alt. máx. 2,3

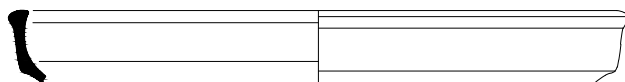
Descrição: Parede encurvada, que termina num lábio simples

Procedência: CCP - UE [25]

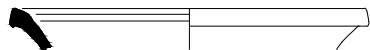
Paralelos: Barreira et al., 1998:168



115



116



117

Nº inventário: 2013.0321

Forma: Tigela

Dimensões: Ø30,5; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede esvasada e lábio simples

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 170

Nº inventário: 2013.0322

Forma: Tigela

Dimensões: Ø23,7; alt. máx. 2,9

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede vertical e lábio espessado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —

Nº inventário: 2013.0323

Forma: Tigela

Dimensões: Ø14; alt. máx. 1,6

Descrição: Parede esvasada, que termina num lábio triangular

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



118

Nº inventário: 2013.0324

Forma: Tigela

Dimensões: Ø7; alt. máx. 2,1

Descrição: Parede esvasada, com moldura na transição para o pé

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:170



119

Nº inventário: 2013.0325

Forma: Tigela

Dimensões: Ø8,3 ; alt. máx. 1

Descrição: Parede esvasada e fundo plano, com falso pé

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



120

Nº inventário: 2013.0326

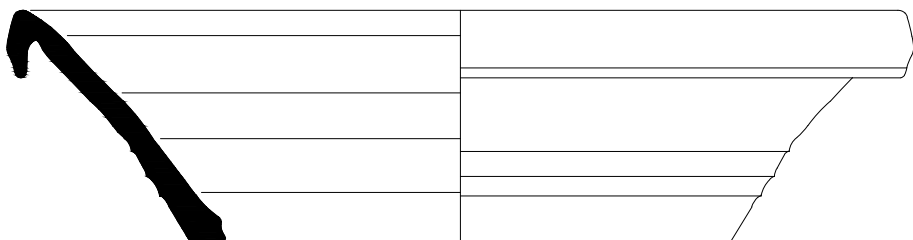
Forma: Tigela

Dimensões: Ø4,3; alt. máx. 1

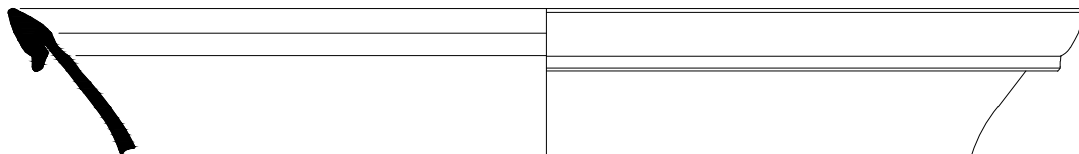
Descrição: Parede esvasada e pé alto

Procedência: KCL - Sem contexto

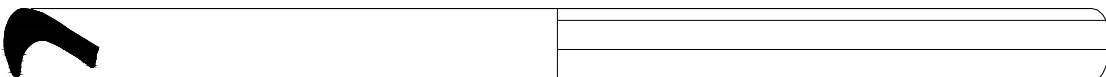
Paralelos: Barreira et al., 1998:170



121



122



123

Nº inventário: 2013.0327

Forma: Alguidar

Dimensões: Ø34,7; alt. máx. 9,2

Descrição: Parede troncocónica esvasada; bordo pendente e fundo plano simples

Procedência: KCL - sem contexto

Paralelos: ALVES, F. et al 1998: 193 (fig. 16); CARDOSO, G. et al 1999: 200 (fig.9)

Nº inventário: 2013.0328

Forma: Alguidar

Dimensões: Ø42,4; alt. máx. 5,8

Descrição: Parede esvasada, com canelura pouco profunda na face interna; bordo pendente e triangular, moldurado na face externa

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —

Nº inventário: 2013.0329

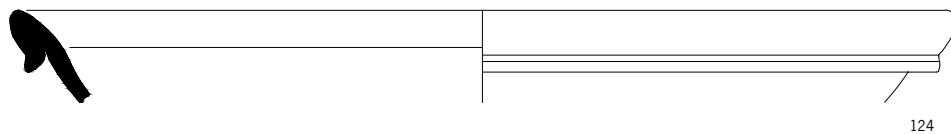
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø43; alt. máx. 2,8

Descrição: Parede esvasada; bordo pendente

Procedência: KCL 8G - UE [56]

Paralelos: FERNANDES, I. et al 1997: 232; ALVES, F. et al, 1998: 191 (fig. 5)



124

Nº inventário: 2013.0330

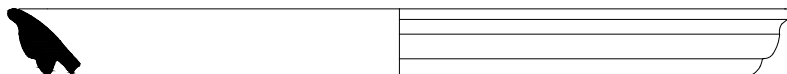
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø37; alt. máx. 3,7

Descrição: Parede esvasada; bordo penedente e triangular, moldurado na face externa

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



125

Nº inventário: 2013.0331

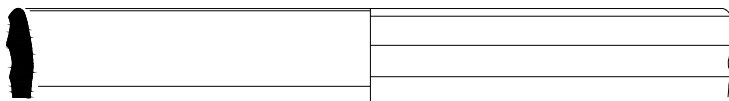
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø30,1; alt. máx. 2,6

Descrição: Parede esvasada; Bordo pendente e triangular, moldurado na face externa

Procedência: CC83C - Sem contexto

Paralelos: —



126

Nº inventário: 2013.0332

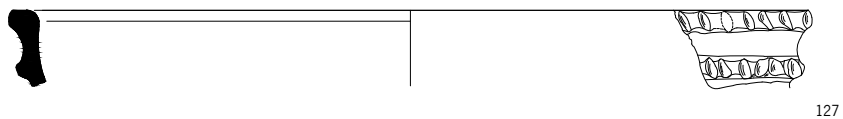
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø28; alt. máx. 3,8

Descrição: Bordo vertical, moldurado na face externa, que termina num lábio biselado para o exterior

Procedência: KCL 8G - UE [56]

Paralelos: —



127

Nº inventário: 2013.0333

Forma: Alguidar

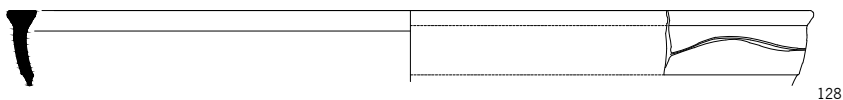
Dimensões: Ø31; alt. máx. 3

Descrição: Bordo rectilíneo, côncavo na face externa, demarcado por cordões decorados

Decoração: Cordão com impressões horizontais

Procedência: KCL 8G - UE [57]

Paralelos: —



128

Nº inventário: 2013.0334

Forma: Alguidar

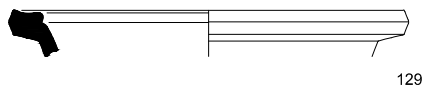
Dimensões: Ø30,1; alt. máx. 2,8

Descrição: Parede encurvada; bordo triangular, reentrante na face externa

Decoração: Linha incisa ondulada no bordo

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Ferreira et al., 2003:220 (fig. C270); Diogo e Trindade, 1998:265 (fig. 19)



129

Nº inventário: 2013.0335

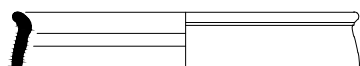
Forma: Panela

Dimensões: Ø15,2; alt. máx. 1,8

Descrição: Parede esvasada; bordo espessado de tendência rectangular

Procedência: KCL 9Q - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 177; Fernandes e Carvalho, 1997: 229



130

Nº inventário: 2013.0336

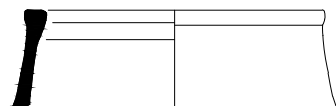
Forma: Panela

Dimensões: Ø13,4; alt. máx. 2,2

Descrição: Parede encurvada com canelura pouco profunda na face interna; lábio revirado para o exterior

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 168



131

Nº inventário: 2013.0337

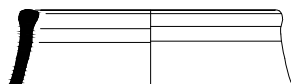
Forma: Panela

Dimensões: Ø11,2; alt. máx. 3,9

Descrição: Parede reentrante; lábio espessado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 168



132

Nº inventário: 2013.0338

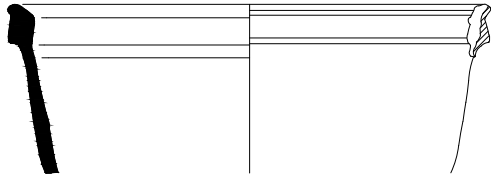
Forma: Panela

Dimensões: Ø9,8; alt. máx. 3

Descrição: Parede reentrante; lábio espessado

Procedência: KCL 11G - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 172



133

Nº inventário: 2013.0339

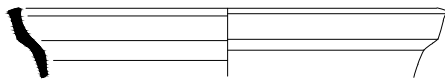
Forma: Panela

Dimensões: Ø18,7; alt. máx. 6,7

Descrição: Parede tendencialmente rectilínea; bordo espessado, ligeiramente reentrante, com lábio espessado e vestígios de arranque de asa

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: —



134

Nº inventário: 2013.0340

Forma: Panela

Dimensões: Ø16,6; alt. máx. 2,7

Descrição: Parede tendencialmente rectilínea; bordo ligeiramente esvasado que termina num lábio ligeiramente espessado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



135

Nº inventário: 2013.0341

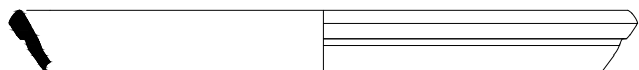
Forma: Panela

Dimensões: Ø13,7; alt. máx. 2,4

Descrição: Bordo esvasado e triangular, com moldura na face interna

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 177



136

Nº inventário: 2013.0342

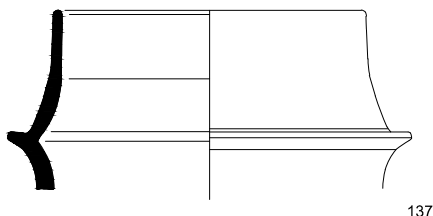
Forma: Panela

Dimensões: Ø24,2; alt. máx. 2,4

Descrição: Parede esvasada; bordo de tendência quadrangular

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 172



Nº inventário: 2013.0343

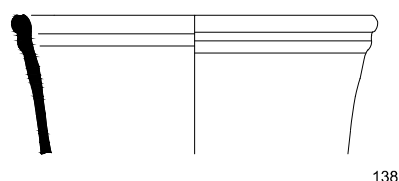
Forma: Jarro

Dimensões: Ø12: alt. máx.7,5

Descrição: Colo arqueado, à volta do qual corre um estribo de perfil triangular; bordo recto na metade superior, que termina num lábio simples

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Diogo e Trindade, 1998: 265 (fig. 29); Barros et al., 2003:141 (fig. 8)



Nº inventário: 2013.0344

Forma: Jarro

Dimensões: Ø13,9 alt. máx. 5,5

Descrição: Colo ligeiramente esvasado; pequeno bordo moldurado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0345

Forma: Jarro

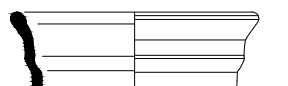
Dimensões: Ø14: alt. máx. 2,9

Descrição: Colo ligeiramente esvasado; bordo moldurado

Decoração: 2 caneluras no bordo

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.346

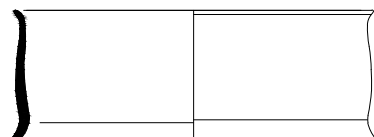
Forma: Jarro

Dimensões: Ø9,4 alt. máx. 3

Descrição: Colo rectilíneo; bordo moldurado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



141

Nº inventário: 2013.0347

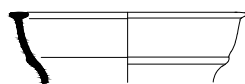
Forma: Jarro

Dimensões: Ø9,5; alt. máx.3,5

Descrição: Colo rectilíneo; bordo ligeiramente esvasado, que termina num lábio em gancho

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: ———



142

Nº inventário: 2013.0348

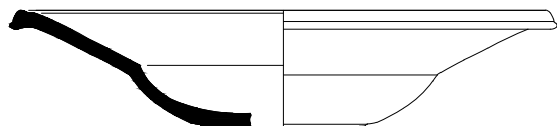
Forma: Jarro

Dimensões: Ø8,2; alt. máx. 2,7

Descrição: Colo rectilíneo; bordo ligeiramente esvasado que termina num lábio em gancho

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Ferreira et al., 2003:200 (fig. C270)



143

Nº inventário: 2013.0349

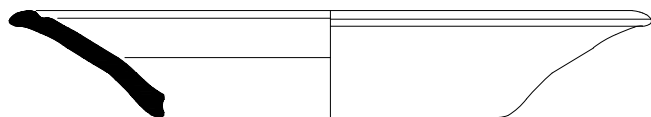
Forma: Prato

Dimensões: Ø20,1; alt. máx. 4,6

Descrição: Parede encurvada, com carena acentuada na transição para a aba esvasada; lábio triangular moldurado, fundo externo ligeiramente alteado

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Alves et al., 1998: 191 (fig.3)



144

Nº inventário: 2013.0350

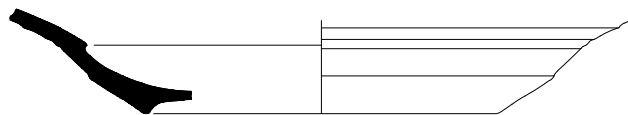
Forma: Prato

Dimensões: Ø23,9; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede encurvada, com ligeira carena na transição para a aba esvasada; lábio triangular

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Alves et al., 1998: 191 (fig. 6)



145

Nº inventário: 2013.0351

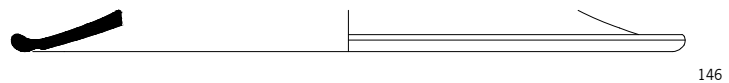
Forma: Prato

Dimensões: Ø13,9; alt. máx.3,7

Descrição: Parede encurvada, com carena na transição para a aba esvasada

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barros et al., 2003: 303 (Fig. 5)



146

Nº inventário: 2013.0352

Forma: Testo

Dimensões: Ø25,7; alt. máx.1,6

Descrição: Parede alteada, que termina num lábio espessado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Alves et al., 1998:193 (fig.17)



147

Nº inventário: 2013.0353

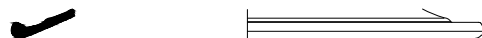
Forma: Testo

Dimensões: Ø24; alt. máx. 2

Descrição: Parede alteada, que termina num lábio triangular

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: ———



148

Nº inventário: 2013.0354

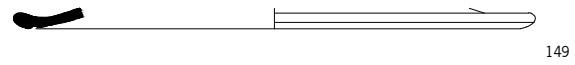
Forma: Testo

Dimensões: Ø18,1; alt. máx. 1,2

Descrição: Parede alteada, que termina num bordo espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: ———



Nº inventário: 2013.0355

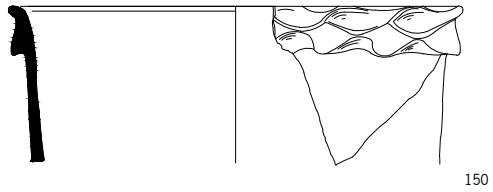
Forma: Testo

Dimensões: Ø19,5; alt. máx. 0,8

Descrição: Parede alteada, que termina num lábio espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Alves et al., 1998:193 (fig.17)



Nº inventário: 2013.0356

Forma: Vaso

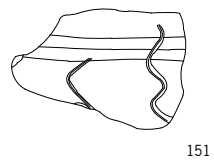
Dimensões: Ø17,7; alt. máx. 6,2

Descrição: Parede retilínea; bordo côncavo rendilhado

Decoração: Depressões feitas com espátula

Procedência: KCL 12N - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 176



Nº inventário: 2013.0357

Forma: Indeterminada

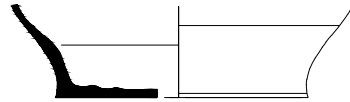
Descrição: Parede

Decoração: Linhas incisadas horizontais e paralelas entre si, e linhas incisadas onduladas

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: —

Obs: escala 1:2



152

Nº inventário: 2013.0358

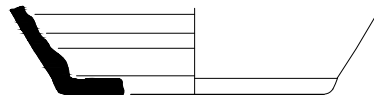
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø10; alt. máx. 3,6

Descrição: Parede encurvada; fundo plano

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Ferreira e Pinto, 2008:166 (fig. 7)



153

Nº inventário: 2013.0359

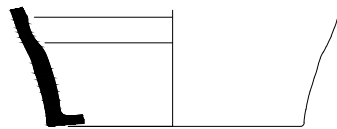
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø10,3; alt. máx. 3,4

Descrição: Parede esvasada, com estrias no interior; fundo plano

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



154

Nº inventário: 2013.0360

Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø10; alt. máx. 4,6

Descrição: Parede encurvada; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



155

Nº inventário: 2013.0361

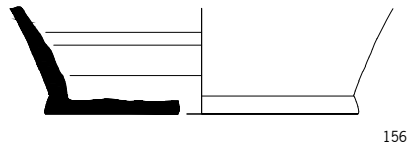
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø17,9; alt. máx. 1,8

Descrição: Parede encurvada; fundo plano

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



156

Nº inventário: 2013.0362

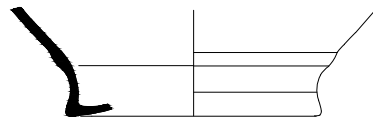
Forma: Panela

Dimensões: Ø12,4; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede encurvada; fundo plano

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:168



157

Nº inventário: 2013.0363

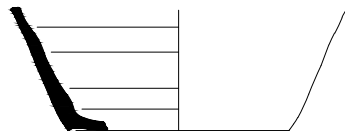
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø10,2; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede encurvada; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



158

Nº inventário: 2013.0364

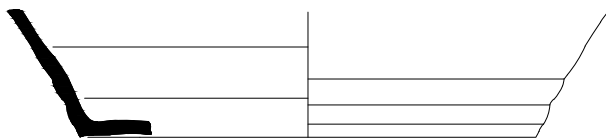
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø8,8; alt. máx. 4,8

Descrição: Parede esvasada; fundo plano, com falso pé

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



159

Nº inventário: 2013.0365

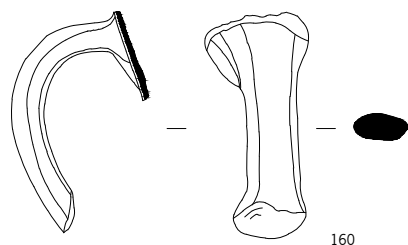
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø18,1; alt. máx. 5

Descrição: Parede esvasada; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCD - Sem contexto

Paralelos: —



160

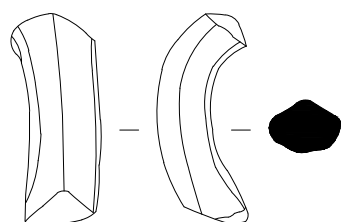
Nº inventário: 2013.0366

Forma: Púcaro

Descrição: Asa tubular, de preensão vertical e secção oval

Procedência: KCL 8L - Sem contexto

Paralelos: —



161

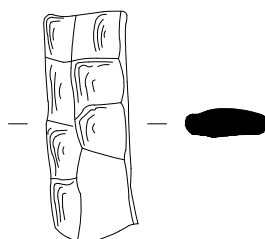
Nº inventário: 2013.0367

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa tubular de preensão vertical e secção tendencialmente circular

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: —



162

Nº inventário: 2013.0368

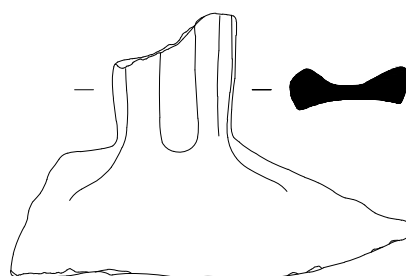
Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, de preensão vertical e secção aplanada

Decoração: Dígitos

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



163

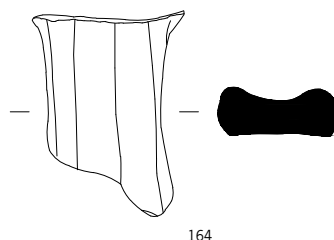
Nº inventário: 2013.0369

Forma: Jarro

Descrição: Asa de fita, preensão vertical e secção aplanada com acentuada canelura longitudinal

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



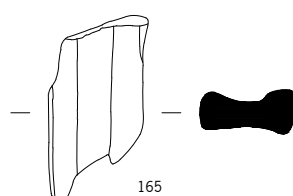
Nº inventário: 2013.0370

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, prensão vertical e secção aplanada com acentuada canelura longitudinal

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



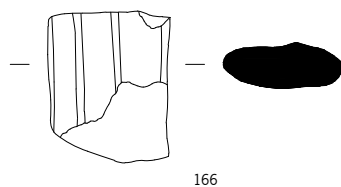
Nº inventário: 2013.0371

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, prensão vertical e secção aplanada com acentuada canelura longitudinal

Procedência: KCL 8N - Sem contexto

Paralelos: —



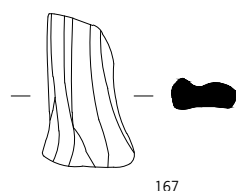
Nº inventário: 2013.0372

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, prensão vertical e secção elíptica

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



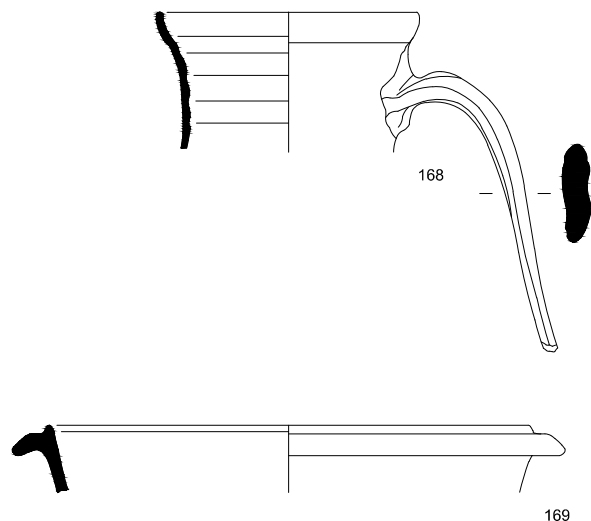
Nº inventário: 2013.0373

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, prensão vertical e secção aplanada com acentuada canelura longitudinal

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0375

Forma: Jarro

Dimensões: Ø10,2; alt. máx. 5,3

Descrição: Colo vertical com estrias na face interna; bordo côncavo que termina num lábio simples

Procedência: KCL 9F - Sem contexto

Paralelos: —

Nº inventário: 2013.0376

Forma: Panela

Dimensões: Ø19; alt. máx. 2,6

Descrição: Parede ligeiramente esvasada; bordo em forma de aba ligeiramente pendente

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Diogo e Trindade, 2003: 211 (fig.7); Fernandes e Carvalho, 1995:95 (fig. 52)



Nº inventário: 2013.0377

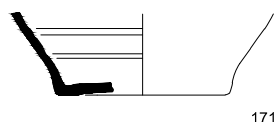
Forma: Panela

Dimensões: Ø12,6; alt. máx. 2,1

Descrição: Bordo moldurado com lábio de secção triangular

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0378

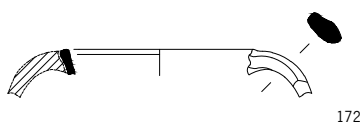
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø7; alt. máx. 3,2

Descrição: Parede encurvada, com canelura na face interna; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCN - UE [31]

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0379

Forma: Jarro

Dimensões: Ø7,4; alt. máx. 1,1

Descrição: Bordo esvasado, lábio arredondado. Asa de fita, prensão vertical, arrancando do bordo, secção oval

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0380

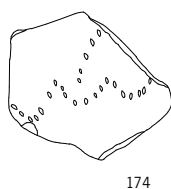
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø3,9; alt. máx. 0,7

Descrição: Fundo simples, com fundo externo ligeiramente alteado

Procedência: KCL 8L - UE [68]

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0381

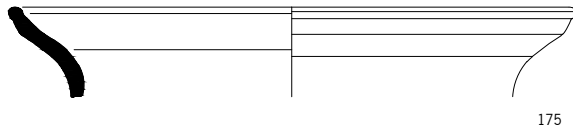
Forma: Indeterminada

Descrição: Parede

Decoração: Incisões de forma oval na face externa

Procedência: CC83K - UE [3]

Paralelos: —



175

Nº inventário: 2013.0382

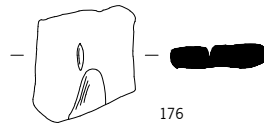
Forma: Panela

Dimensões: Ø21.6; alt. máx. 3.5

Descrição: Bordo esvasado com lábio arredondado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 168; Ferreira et al., 2003: 201 (fig.C269)



176

Nº inventário: 2013.0383

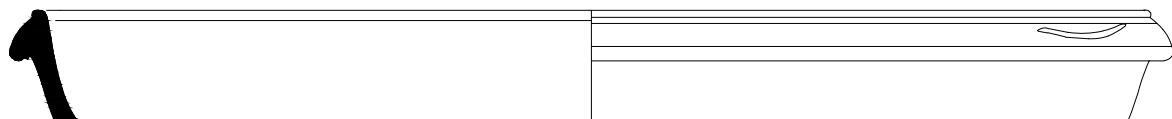
Forma: Indeterminado

Descrição: Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada

Decoração: Incisão e marca digitada sobre a asa

Procedência: CC83F - Sem contexto

Paralelos: —



177

Nº inventário: 2013.0384

Forma: Alguidar

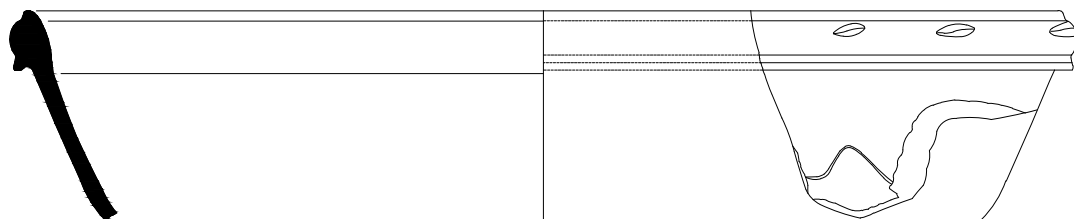
Dimensões: Ø44,5; alt.máx. 4,3

Descrição: Parede encurvada; bordo triangular e pendente, moldurado na face interna

Decoração: Incisão ondulada sob o bordo

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: —



178

Nº inventário: 2013.0385

Forma: Alguidar

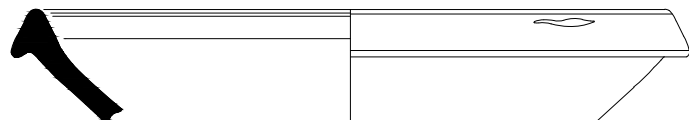
Dimensões: Ø41,6; alt.máx. 8,5

Descrição: Parede encurvada; Bordo triangular, muito moldurado na face interna

Decoração: Incisões ovais sob o bordo; linhas incisadas onduladas na parede exterior

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



179

Nº inventário: 2013.0386

Forma: Alguidar

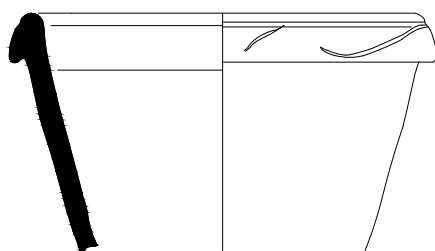
Dimensões: Ø25; alt.máx. 4,1

Descrição: Parede encurvada; bordo triangular e pendente

Decoração: Incisão sob o bordo

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: Barreira et al., 1998:172



180

Nº inventário: 2013.0387

Forma: Alguidar

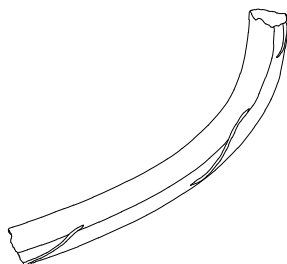
Dimensões: Ø15,2; alt.máx. 9,5

Descrição: Parede troncocônica; bordo triangular e pendente

Decoração: Incisões onduladas sobre o bordo

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: —



181

Nº inventário: 2013.0388

Forma: Alguidar

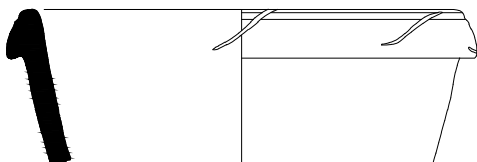
Dimensões: Ø16,5; alt.máx. 6,3

Descrição: Parede troncocônica; bordo triangular e pendente

Decoração: Incisões onduladas sobre o bordo

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: —



182

Nº inventário: 2013.0389

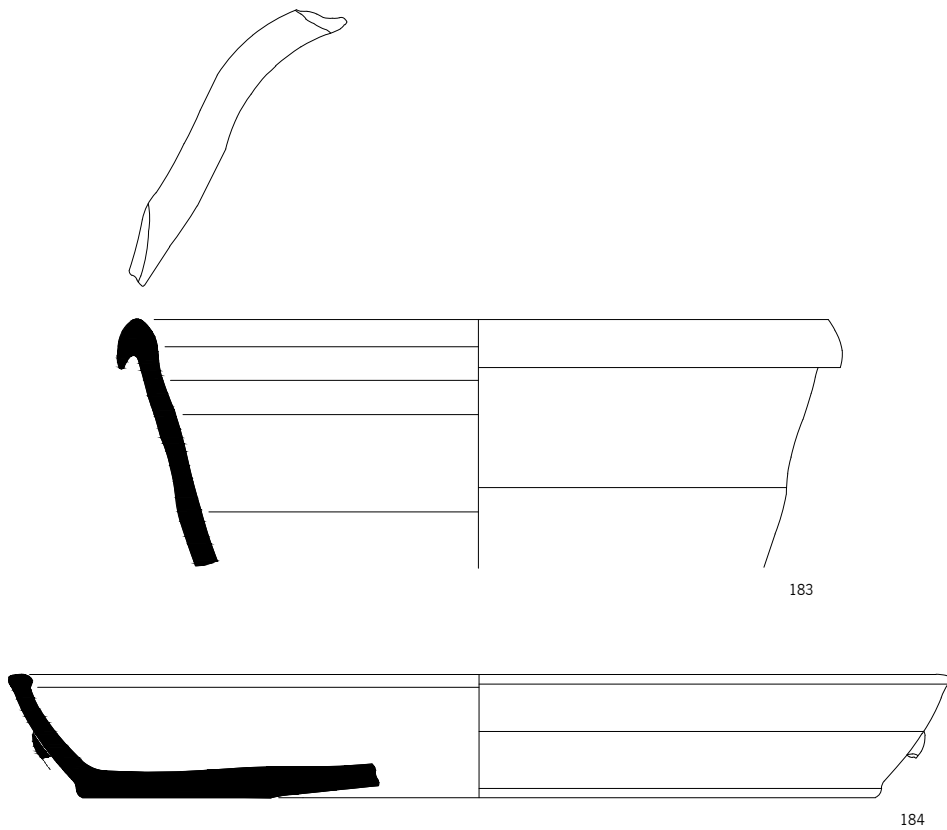
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø15,2; alt.máx.2,9

Descrição: Parede encurvada; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0390

Forma: Alguidar

Dimensões: Ø27,4; alt.máx. 9,9

Descrição: Parede ligeiramente esvasada; bordo triangular e pendente

Procedência: KCL 9F - Sem contexto

Paralelos: ———

Nº inventário: 2013.0391

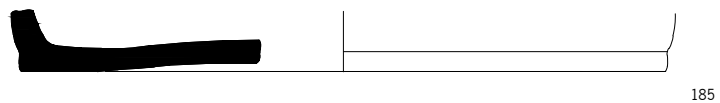
Forma: Sertã

Dimensões: Ø36,3; alt.máx. 4,9

Descrição: Parede oblíqua; lábio boleado, revirado para o interior; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 165



Nº inventário: 2013.0392

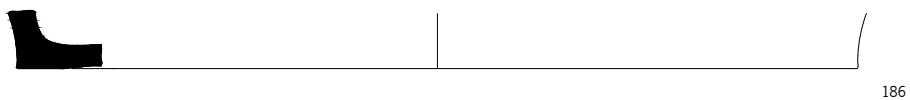
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø25,5; alt.máx. 2,4

Descrição: Fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: ———



Nº inventário: 2013.0393

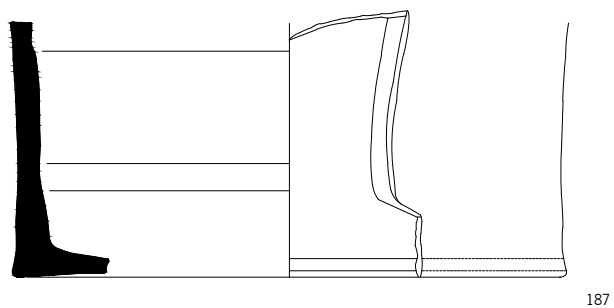
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø33,4; alt.máx. 2,2

Descrição: Fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: ———



Nº inventário: 2013.0394

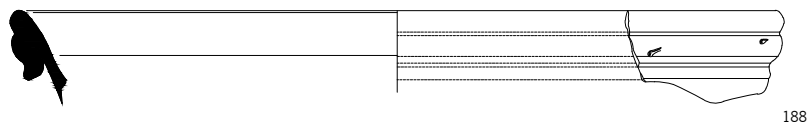
Forma: Fogareiro

Dimensões: Ø22; alt.máx. 10,1

Descrição: Parede cilíndrica, com abertura tendencialmente rectangular; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 174



188

Nº inventário: 2013.0395

Forma: Alguidar

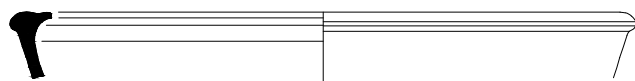
Dimensões: Ø30; alt. máx. 3,3

Descrição: Parede esvasada; bordo pendente, muito moldurado na face externa

Decoração: Pequenas incisões sob o bordo

Procedência: KCL 8L - UE [68]

Paralelos: —



189

Nº inventário: 2013.0396

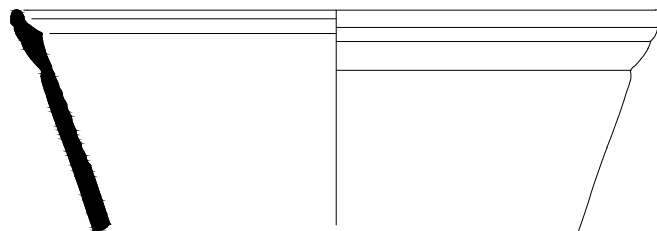
Forma: Caçoila

Dimensões: Ø24,8; alt. máx. 2,9

Descrição: Parede ligeiramente esvasada; bordo em forma de gancho

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



190

Nº inventário: 2013.0397

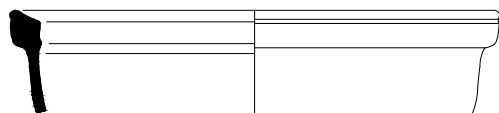
Forma: Vaso

Dimensões: Ø25,5; alt. máx. 8,4

Descrição: Parede esvasada; bordo moldurado na face externa, e côncavo na face interna

Procedência: KCL 8G - UE [55]

Paralelos: —



191

Nº inventário: 2013.0398

Forma: Panela

Dimensões: Ø19; alt. máx. 4,1

Descrição: Parede encurvada; bordo de tendência rectangular

Procedência: CCS - UE [46]

Paralelos: Cardoso e Rodrigues, 2008: 104-105



192

Nº inventário: 2013.0399

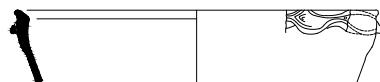
Forma: Pote

Dimensões: Ø7,7; alt. máx. 4

Descrição: Parede globular; pequeno colo que termina num lábio bifurcado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



193

Nº inventário: 2013.0400

Forma: Tigela

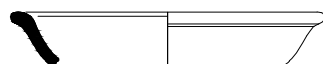
Dimensões: Ø14,1; alt. máx. 2,9

Descrição: Parede encurvada; bordo côncavo rendilhado

Decoração: Bordo rendilhado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



194

Nº inventário: 2013.0401

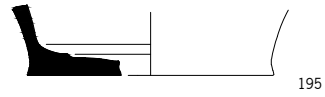
Forma: Tigela

Dimensões: Ø12; alt. máx. 2,1

Descrição: Parede encurvada; lábio ligeiramente esvasado e espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 168



Nº inventário: 2013.0402

Forma: Indeterminado

Dimensões: Ø9,6; alt. máx. 2,4

Descrição: Parede encurvada; fundo plano

Procedência: CC83C - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0403

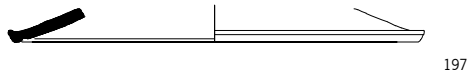
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø7,7; alt. máx. 3,2

Descrição: Parede encurvada; fundo plano, ligeiramente alteado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0404

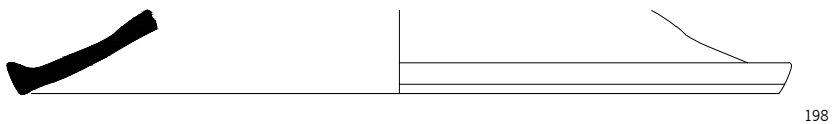
Forma: Testa

Dimensões: Ø16; alt. máx. 1,5

Descrição: Parede alteada, que termina num lábio triangular moldurado

Procedência: CC83C - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.405

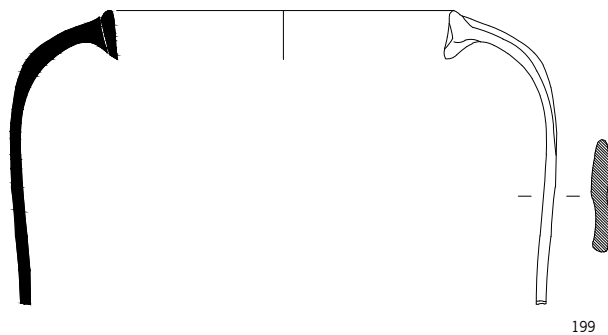
Forma: Testo

Dimensões: Ø30; alt. máx. 3,3

Descrição: Parede alteada; lábio triangular

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: Diogo e Trindade, 1998: 264 (fig. 7)



Nº inventário: 2013.0406

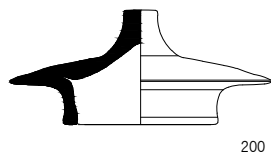
Forma: Jarro

Dimensões: Ø13,7; alt. máx. 1,9

Descrição: Bordo vertical, com arranque de asa, que termina num lábio simples; asa de fita de prensão vertical, arrancando do bordo, secção aplanada

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: ———



Nº inventário: 2013.0407

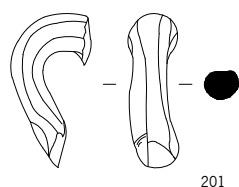
Forma: Tapa

Dimensões: Ø6; alt. máx. 4,5

Descrição: Testo com pegadeira cilíndrica grossa à volta do qual corre um estribo de perfil triangular

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



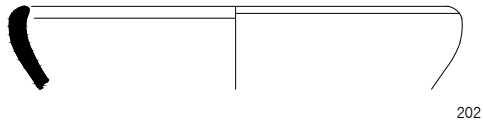
Nº inventário: 2013.0408

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa tubular, prensão vertical, secção circular

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0182

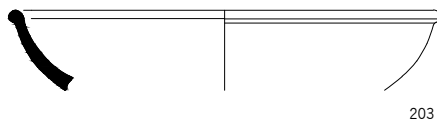
Forma: Tigela

Dimensões: Ø16,7; alt. máx. 3,3

Descrição: Parede encurvada; lábio simples e reentrante

Procedência: CCS - UE [46]

Paralelos: Barreira et al., 1998: 166



Nº inventário: 2013.183

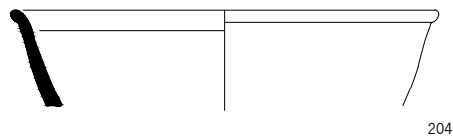
Forma: Tigela

Dimensões: Ø16,5; alt. máx. 3,2

Descrição: Parede encurvada aberta; lábio ligeiramente espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:166



Nº inventário: 2013.0184

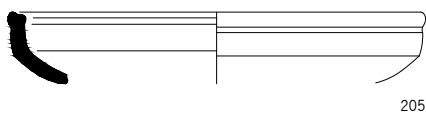
Forma: Tigela

Dimensões: Ø16,6; alt. máx. 4

Descrição: Parede encurvada; lábio ligeiramente espessado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Osório e Silva, 1998:312 (fig.1); Cardoso e Rodrigues, 1999:210 (fig. 68)



Nº inventário: 2013.0185

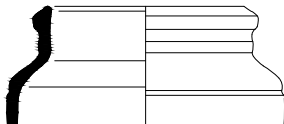
Forma: Tigela

Dimensões: Ø16,2; alt. máx. 2,9

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede, curta e vertical; lábio bifurcado

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



206

Nº inventário: 2013.0186

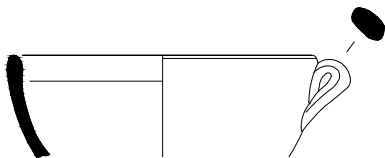
Forma: Potinho

Dimensões: Ø7,8; alt. máx. 4,7

Descrição: Parede tendencialmente globular com carena junto ao colo; colo cilíndrico e lábio espessado

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



207

Nº inventário: 2013.0187

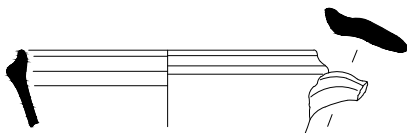
Forma: Malga

Dimensões: Ø11,8; alt. máx. 4

Descrição: Parede encurvada; lábio simples. Asa tubular, de preensão vertical, arrancando do colo e de secção oval

Procedência: KCL 8G - UE [55]

Paralelos: Silva et al., 2003:167



208

Nº inventário: 2013.0188

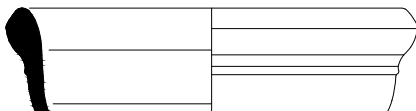
Forma: Púcaro

Dimensões: Ø11,6; alt. máx.3

Descrição: Parede rectilínea; bordo moldurado, lábio arredondado. Asa de fita, preensão vertical, arrancando do colo, secção tendencialmente aplanada

Procedência: KCL 8G - UE [55]

Paralelos: —



209

Nº inventário: 2013.0189

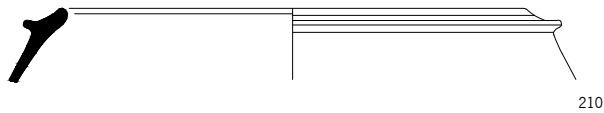
Forma: Caçoila

Dimensões: Ø15,1; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede encurvada; bordo espessado de tendência triangular

Procedência: KCL 8G - UE [55]

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0190

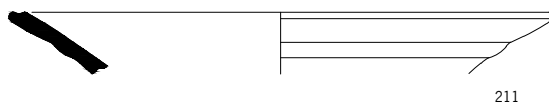
Forma: Caçoila

Dimensões: Ø18,3; alt. máx. 2,7

Descrição: Parede encurvada e reentrante; bordo em pequena aba horizontal

Procedência: KCL 11G - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998: 176



Nº inventário: 2013.0191

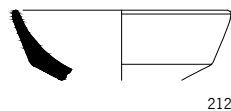
Forma: Prato

Dimensões: Ø21,3; alt. máx. 2,5

Descrição: Parede esvasada e moldurada; lábio simples, ligeiramente bifurcado na parte superior

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0192

Forma: Tigela

Dimensões: Ø8; alt. máx. 2,7

Decoração: Parede carenada, parte superior da parede, ligeiramente esvasada, lábio simples

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Cardoso e Rodrigues, 1999:207 (fig. 53); Osório e Silva, 1998:310 (fig.4)



Nº inventário: 2013.0193

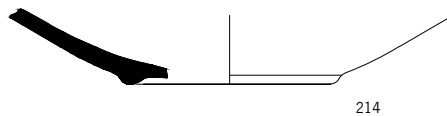
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø15; alt. máx. 1,6

Descrição: Fundo plano ligeiramente

Procedência: CCS - UE [46]

Paralelos: —



214

Nº inventário: 2013.0194

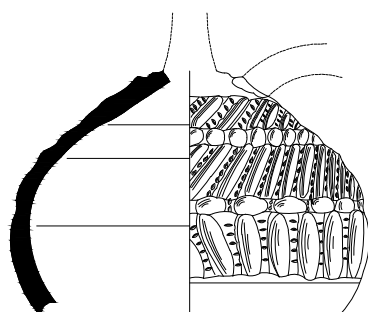
Forma: Indeterminada

Dimensões: Ø8,1; alt. máx. 2,7

Descrição: Parede esvasada; pé baixo

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



215

Nº inventário: 2011.0511

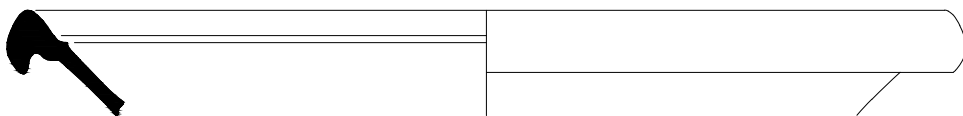
Forma: Billha

Descrição: Parede globular com arranque de asa na junção com o colo

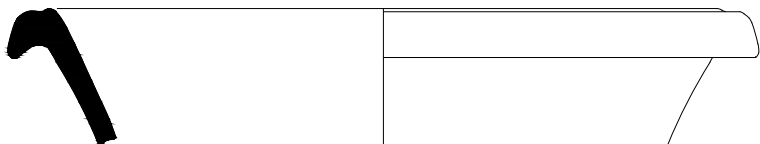
Decoração: Decoração moldada com 3 faixas decoradas com motivos em diagonal e rectilíneos, separados por cordões na horizontal

Procedência: KCL - Sem contexto

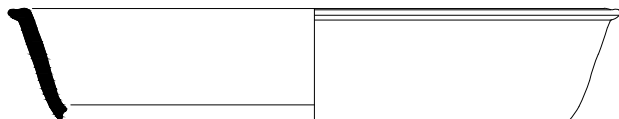
Paralelos: —



216



217



218

Nº inventário: 2013.0195

Forma: Alguidar

Dimensões: Ø36,3; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede esvasada; bordotriangular, pendente com uma moldura na face externa e ressalto na face interna

Procedência: CC83K - UE [3]

Paralelos: Osório e Silva, 1998:304 (fig. 3)

Nº inventário: 2013.0196

Forma: Alguidar

Dimensões: Ø26,4; alt. máx. 5,4

Descrição: Parede esvasada; bordo triangular pendente

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Cardoso e Rodrigues, 1999:200 (fig.10)

Nº inventário: 2013.0197

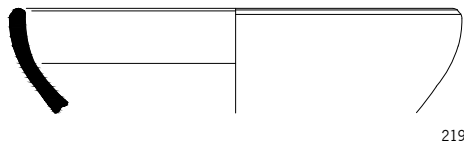
Forma: Tigela

Dimensões: Ø23,6; alt. máx.4,5

Descrição: Parede ligeiramente esvasada; pequeno lábio triangular

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



219

Nº inventário: 2013.0198

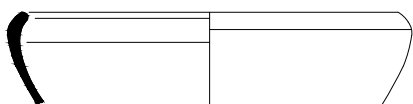
Forma: Tigela

Dimensões: Ø17,2; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede encurvada; lábio arredondado

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:166



220

Nº inventário: 2013.0199

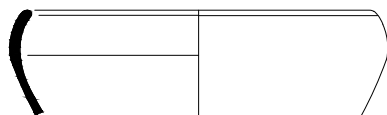
Forma: Tigela

Dimensões: Ø14,9; alt. máx. 3,6

Descrição: Parede encurvada; bordo reentrante, lábio arredondado

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:166



221

Nº inventário: 2013.0200

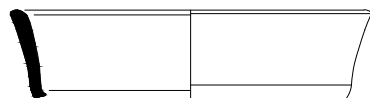
Forma: Tigela

Dimensões: Ø13,6; alt. máx. 4,2

Dimensões: Parede encurvada; bordo reentrante, lábio arredondado

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: Barreira et al., 1998:166



222

Nº inventário: 2013.0201

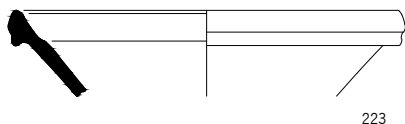
Forma: Tigela

Dimensões: Ø14,4; alt. máx. 3,6

Descrição: Parede carenada; parte superior da parede, ligeiramente esvasada; lábio simples

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: —



223

Nº inventário: 2013.0202

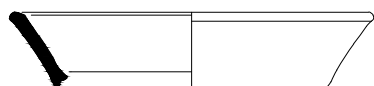
Forma: Tigela

Dimensões: Ø15; alt. máx. 3,3

Descrição: Parede esvasada; bordo triangular moldurado na face externa

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



224

Nº inventário: 2013.0203

Forma: Tigela

Dimensões: Ø14,1; alt. máx. 3

Descrição: Parede esvasada; lábio simples

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Barreira et al., 1998:166



225

Nº inventário: 2013.0204

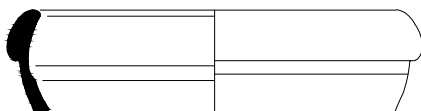
Forma: Tigela

Dimensões: Ø13; alt. máx. 3,5

Descrição: Parede encurvada ligeiramente reentrante; lábio simples

Procedência: KCL - Sem contexto

Paralelos: —



226

Nº inventário: 2013.0205

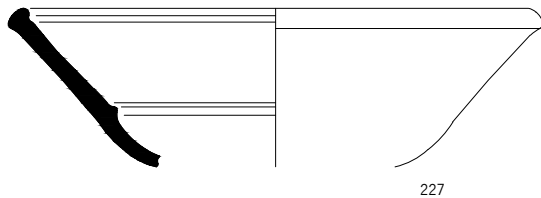
Forma: Caçoila

Dimensões: Ø14,4; alt. máx. 4,1

Descrição: Parede encurvada; bordo espessado e reentrante

Procedência: CCN - UE [31]

Paralelos: Barreira et al., 1998: 165; Tomé, 2011:128



Nº inventário: 2013.0206

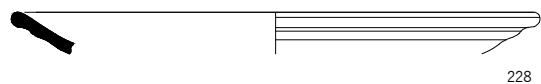
Forma: Prato

Dimensões: Ø20; alt. máx. 6,3

Descrição: Parede esvasada e contracurvada; lábio triangular com ressalto interno

Procedência: CCS - UE [46]

Paralelos: Barreira et al., 1998:166



Nº inventário: 2013.0207

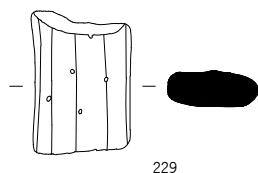
Forma: Prato

Dimensões: Ø20,1; alt. máx. 1,7

Descrição: Parede esvasada; lábio arredondado

Procedência: CC83D - Sem contexto

Paralelos: —



Nº inventário: 2013.0208

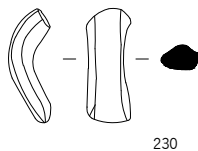
Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, de prensão vertical e secção aplanada

Decoração: Pequenas perfurações de forma circular

Procedência: CCN - UE [33]

Paralelos: —



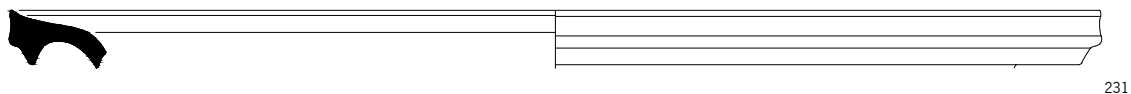
Nº inventário: 2013.0209

Forma: Indeterminada

Descrição: Asa de fita, prensão vertical, secção tendencialmente oval

Procedência: CCC - Sem contexto

Paralelos: —



231

Nº inventário: 2013.0210

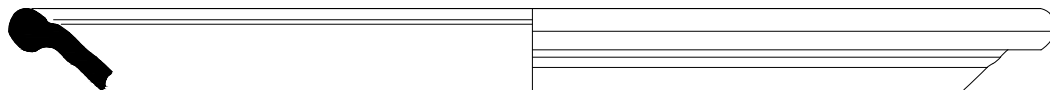
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø43,2; alt. máx. 2,3

Descrição: Parede encurvada; bordo pendente e moldurado

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: —



232

Nº inventário: 2013.0211

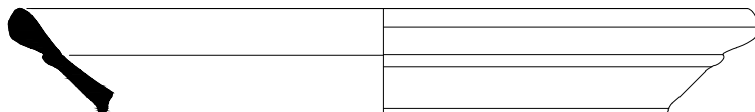
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø40,2; alt. máx.3,2

Descrição: Parede esvasada; bordo espessado de tendência circular

Procedência: CCF - Sem contexto

Paralelos: Osório e Silva, 1999: 209 (fig. 62); Barreira et al., 1998:166



233

Nº inventário: 2013.0212

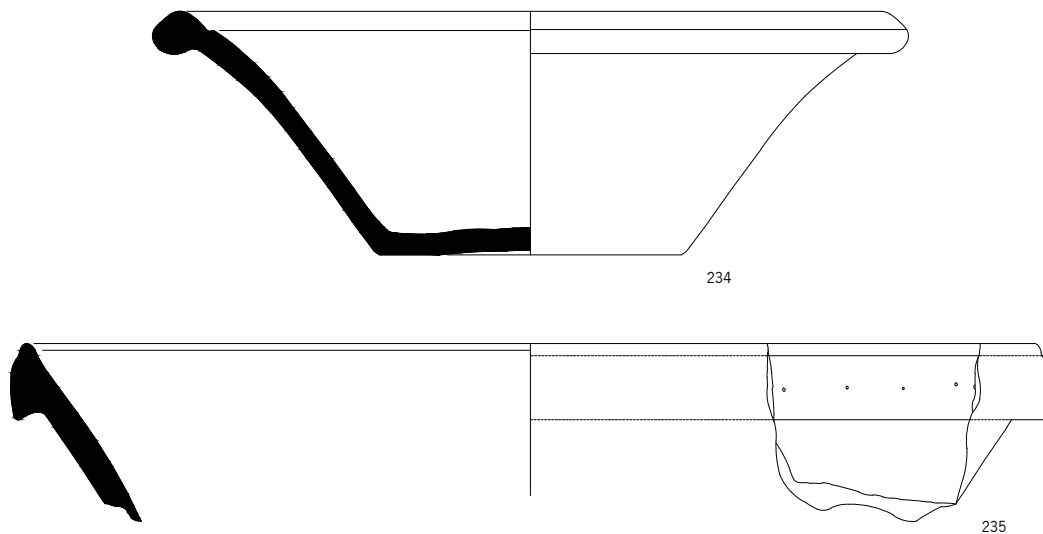
Forma: Alguidar

Dimensões: Ø28,9; alt. máx. 4,2

Descrição: Parede esvasada; bordo espessado, assinalado por uma moldura, na face externa, na transição para a parede

Procedência: KCL 8G - UE [55]

Paralelos: Barreira et al., 1998:170



Nº inventário: 2013.0213

Forma: Alguidar

Dimensões: Ø27,9; alt. máx. 9,6

Descrição: Corpo troncocônico; bordo espessado de tendência circular, fundo plano simples

Procedência: KCL 8,9 - G,H - UE [55]

Paralelos: Osório e Silva, 1998:311 (fig. 1)

Nº inventário: 2013.0214

Forma: Alguidar

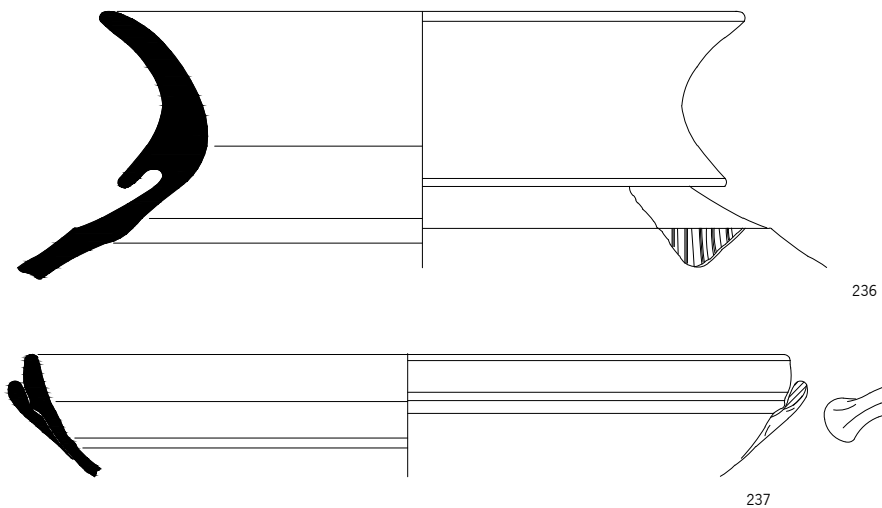
Dimensões: Ø40; alt. máx. 6,1

Descrição: Parede esvasada; bordo triangular, ligeiramente moldurado na face externa

Decoração: Pequena perfurações sob o bordo

Procedência: CC83K - UE [5]

Paralelos: Osório e Silva, 1998:303 (fig.3)



Nº inventário: 2013.0215

Forma: Talha

Dimensões: Ø25,2; alt. máx. 10,2

Descrição: Parede globular; bordo muito arqueado e côncavo

Decoração: Linhas incisais verticais

Procedência: Sem contexto

Paralelos: Silva et al., 2003: 92

Nº inventário: 2013.0216

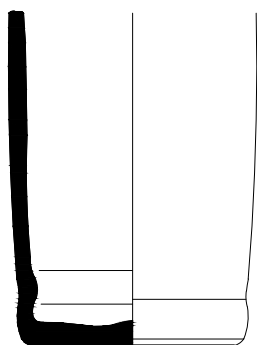
Forma: Caçoila

Dimensões: Ø39,8; alt. máx. 6,5 25,2; alt.máx. 10,2

Descrição: Parede encurvada com pega horizontal; bordo ligeiramente esvasado, moldurado na face externa

Procedência: CCT - UE [40]

Paralelos: Barreira et al., 1998:165



238

Nº inventário: 2013.0181

Forma: Botija

Dimensões: Ø8,4; alt. máx. 13,2

Descrição: Corpo cilíndrico; base plana

Procedência: CCP - UE [25]

Paralelos: —